

Maria da Conceição Duarte Tibães

JOHN ROSE, UM INGLÊS EM DIAMANTINA: DO BIRIBIRI AOS CASARÕES



John Rose

Maria da Conceição Duarte Tibães

JOHN ROSE, UM INGLÊS EM
DIAMANTINA:
DO BIRIBIRI AOS CASARÕES

Edição de

Dr. Alex Sander Dias Machado



Diamantina

2018

Copyright © 2018 - Maria da Conceição Duarte Tibães

CAPA

O Passadiço da Casa da Glória, seu Arquiteto e Construtor.

Criação da Capa: Pedro Arthur Duarte Tibães
(Foto do Passadiço: acervo da Família Duarte Tibães)
(Foto JOHN ROSE: acervo de Murilo Teixeira) (*in memoriam*)
(Assinatura: Escritura de Reconhecimento e Perfilhação - Biblioteca "Antônio Torres")

ORIENTAÇÃO DA PESQUISA

Professor Antônio Carlos Fernandes (in memoriam)

PRECURSOR E INCENTIVADOR DESTA EDIÇÃO

Alberes Mafra

REVISOR

Advaldo da Assunção Cardoso Filho - 1º Revisor desta Edição

EDITOR E REALIZADOR DO SONHO

Prof. Dr. Alex Sander Dias Machado

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T552j Tibães, Maria da Conceição Duarte
John Rose, um inglês em Diamantina: do Biribiri aos casarões /
Maria da Conceição Duarte Tibães. –Diamantina: UFVJM, 2018.
133 p.

Edição de Dr. Alex Sander Dias Machado

ISBN: 978-85-7045-025-8 e-book

ISBN: 978-85-7045-029-6 Edição impressa

1. Biografia. 2. Diamantina. 3. História. I. Machado, Alex Sander
Dias. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri.

CDD 920

DEDICATÓRIA

“Este livro não me pertence”

Maria da Conceição Duarte Tibães

Dedico este livro:

Ao meu caro esposo e companheiro Geraldo Magela Tibães (in memoriam).

Aos nossos filhos: Eymard, Pedro Arthur, Luiz Eduardo, Emiliano e Leonardo (in memoriam), que muito colaboraram nas pesquisas, ideias, confecção e lançamento do livro.

Aos netinhos queridos: Luiz Egídio, Luíza Cristina e Ludmila; Marcela, Isabela e Emiliano Filho; Ana Carolina, Brenno e Ana Clara; Júlio; Davi.

Suas mães: Valmira, Lília, Denise, Ana Niná, Devani e Alcione.

À bisnetinha, Manuela e seus pais Bruno e Marcela.

Ao bisnetinho, Matheus, filho de Luiza Cristina e Luiz Felipe.

Ao meu tetraneto de coração Leonardo Mendes Santos Vieira, bisneto de Isolina Da Conceição Vieira, minha filha de criação..

À Maria Cristina Falci Rose Tibães - Neném (in memoriam), neta de John Rose e também minha sogra e a seu esposo Sr. Arthur de Paula Tibães (in memoriam), meu sogro.

Aos meus pais: (in memoriam) Pedro Duarte e Maria Luíza Horta Duarte, que sempre falavam do "Velho Inglês", morador do Retiro em Biribiri. Não o conheceram pessoalmente, mas vivenciaram suas obras.

Aos estudantes diamantinenses, dos arredores, de todo o Brasil e do mundo, que tanto amo, com carinho.

Dedico este livro em especial à John Rose, sua esposa Manuela, seus filhos e netos pelo exemplo dado para o mundo.

"Mesmo que você tenha cem anos, nunca deixe de aprender".

(Picasso, Pablo Ruiz Y)

AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Antônio Carlos Fernandes – Toninho (*in memoriam*), professor da Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, pesquisador do Centro de Memória Cultural do Vale do Jequitinhonha, entusiasta da ideia do memorialismo, orientador da pesquisa e personagem do livro.

À Sra. Denise Alves Ferreira Lima (*in memoriam*), funcionária do IPHAN, da Biblioteca "Antônio Torres" - pelo auxílio nas Pesquisas.

Ao Sr. Victor Rodrigues, na época, coordenador do Centro de Memória Casa Grande Morro Velho, Nova Lima MG, Brasil - pelo material de pesquisa doado.

Ao Sr. Prof. Dr. José Cláudio Gomes (*in memoriam*) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e ex-professor de Arquitetura da Faculdade de Artes e Comunicação da UNESP, em Bauru SP, pelo grande incentivo em vários momentos.

À Celina Borges Lemos, arquiteta da UFMG que muito ajudou na identificação de algumas obras do arquiteto John Rose, principalmente quando me disse: "Conceição, você fez John Rose renascer". Foi uma grande alegria!

Aos Srs. Arcebispos Metropolitanos, D. Geraldo Magela Reis (*in memoriam*) e D. Paulo Lopes de Faria (*in memoriam*) - pelo incentivo e colocação do Arquivo da Mitra Arquidiocesana à nossa disposição.

Aos colaboradores da família ou não familiares, que contribuíram com fotografias, entrevistas, documentos e estímulos para que se conhecesse a *Verdadeira História de JOHN ROSE*, a nossa eterna gratidão.

A Sra. Maria Helena Peixoto Camargo pela revisão ortográfica final.

Ao Mestre / Doutor Jones Ion Ran pela consultoria na harmonização do Livro.

Ao Prof. Dr. Alex Sander Dias Machado pela escrita e submissão do Projeto Revisão e Reedição do Livro: "John Rose, um inglês em Diamantina: do Biribiri aos casarões" á PROEXC – UFVJM.

Ao Prof. Dr. Joerley Moreira - Pró-reitor de Extensão da UFVJM pelo apoio editorial e impressão desta 2ª Edição.

À Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri pelo apoio e inserção desta Obra no catálogo da Biblioteca Nacional e International Standard Book Number – ISBN

Impossível declinar todos os nomes. Poderia correr o risco de me esquecer de alguém. Sua ajuda será notada ao longo desta história.

A autora.

EPÍGRAFE EM HOMENAGEM À DONA MARIA DA CONCEIÇÃO DUARTE TIBÃES

Prof^a. Dra. Celina Borges Lemos

A obra agora reeditada e publicada, *John Rose, um inglês em Diamantina: do Biribiri aos casarões*, da professora e historiadora Dona Maria da Conceição Duarte Tibães apresenta um excepcional trabalho originário de pesquisa e estudos sistemáticos que abordam reflexões, relatos sobre fatos relevantes da história local relacionados à presença do artífice, mecânico, arquiteto, engenheiro e músico John Rose na antiga região mineradora de diamantes. O trabalho muito bem reeditado pelo Professor Dr. Alex Sander Dias Machado, além de analisar momentos históricos importantes, em sua maioria relacionados a vinda do artífice para Diamantina, a autora realiza buscas impensáveis no sentido de encontrar detalhes e aspectos peculiares dotados, muitas vezes, de raridade. Toda essa complexidade deu vida ao até então desconhecido personagem responsável por parte substantiva da renovação da paisagem diamantinense na segunda metade do século XIX.

Considerando essa saga, a importância e riqueza do trabalho da autora não se restringe apenas à descoberta e análise da vida do engenheiro arquiteto para a região, mas também sobre sua contribuição na modernização do processo criativo e construtivo voltado para as artes e ofícios, arquitetura e técnicas de produção, que já vicejavam os pilares da economia industrial local. Na condição de historiadora, mas também de moradora e parente de Rose, uma vez ter comprovado os laços familiares existentes entre ele e seu memorável e saudoso marido Geraldo Magela Tibães (in memoriam), Dona Conceição revela sua argúcia investigativa ao percorrer incansavelmente arquivos, cartórios, bibliotecas.

Esta condição consistiu na busca de dados que consolidassem suposições sobre as iniciativas de Rose para a localidade, muitas vezes invisíveis, à primeira vista. Esses apenas foram possíveis de serem identificados e analisados após investigação marcada por imprevistos e dificuldades, que deixa transparecer, em sua cuidadosa interlocução com antigos moradores e pesquisadores, uma sagaz

desenvoltura em nome da transparência e da ética. Nesses passos, o seu trabalho ganha fôlego, originalidade e registra um presente inestimável para Diamantina, o que comprova sua grande capacidade e parcimônia como interlocutora, historiadora e pesquisadora.

Os capítulos podem ser lidos independentemente e condensam um arcabouço matizado no ofício de escrever próprio da sua responsabilidade como historiadora. A correlação entre origem familiar, cultura, arquitetura, patrimônio está presente no conjunto da obra e gera perplexidade ao se constatar que em poucos anos Rose acumulou uma gama de ações, construções, reuso de imóveis que, podem ser reunidos em um relevante legado. A narrativa simples e diversa demarca o chão que sedimenta suas informações e o prazer de poder revelar a todos as descobertas de tanta importância para o diamantinense e visitantes da cidade, hoje patrimônio mundial.

O século XIX em Diamantina é especialmente marcado por uma renovação na paisagem cultural tijucana, apesar das difíceis condições mineratórias no período. Essa mudança de paisagem da arquitetura tem, em grande parte, características estéticas de autoria de John Rose. De acordo com as pesquisas de Dona Conceição, Rose que nasceu na região da Cornualha, Inglaterra, na primeira metade do século XIX reunia várias competências o que facilitou sua empreitada na região. Em busca de uma nova vida, emigrou para Minas Gerais, no final dos anos quarenta daquele século, para trabalhar na Mineração Morro Velho, em Nova Lima. No início da década de sessenta, desligou-se da empresa e mudou-se para a região de Diamantina, quando se casou com Dona Manoela Rodrigues da Paixão.

Por ter nascido no berço da Revolução Industrial ele testemunhou as inovações técnicas e estéticas da engenharia e arquitetura e as trouxe para Minas. John Rose também revelou, ao se casar com uma mulher negra brasileira, o seu ethos abolicionista. Se por um lado, esse fato dificultou a sua inserção na sociedade diamantinense, por outro, propiciou seu encontro com os abolicionistas do local, como, por exemplo, com o primeiro bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos (1818- 1905). Ordenado em Mariana em 1845, D. João “era doutor in utrope jure pela Universidade Romana. Dirigiu o Ateneu São Vicente de Paulo e a

revista de combate *Seleta Católica* (Mariana), tendo militado na imprensa abolicionista” (MATA MACHADO FILHO, 1944, pag.129). Ao tomar posse na Diocese no início de 1864, D. João, além de criar inúmeras pastorais, atuou nos sistemas educacional e econômico da região. Todas essas inovações tiveram na arquitetura e especialmente na presença de John Rose as suas bases transformadoras.

Ainda segundo a autora, não há muitos registros e relatos memorialísticos a respeito do arquiteto inglês, no entanto, o seu legado arquitetônico permanece como documento fundamental dessas suas ações. Acrescentam-se a isso, os relatos da viagem de Sir Richard Burton (Burton 1983, pag. 284) a Minas, em 1867, que apontam a importante presença do seu compatriota: “Minha primeira noite passei-a na casa de John Rose, um cornualhês, a princípio mineiro em Morro Velho, depois pesquisador de diamante, carpinteiro, pedreiro, arquiteto. Sua última obra realizou-a no palácio do bispo. Com sobriedade e boa conduta ele acumulou £5000 e hoje pode gozar amplamente seu gosto pela independência de atos e palavras”.

Observa-se, segundo o próprio Sir Richard Burton, que os ingleses e portugueses não se inseriam entre as pessoas mais queridas da cidade. Além de chegarem a essas localidades dotados de algum poder, quer seja cultural e econômico, quer seja político, esses estrangeiros detinham certas habilidades e/ou competências específicas que perturbavam o status quo vigente. Esse fato, ao lado da condição de abolicionista, dificultou a aceitação do arquiteto inglês na sociedade local.

Anteriormente, a paisagem do antigo Tijuco fora muito bem descrita pelo viajante Saint-Hilaire (1941) ao visitar o então arraial em 1817 e assim o descreveu: “O Tijuco está edificado no declive de um monte, cujos altos se acham profundamente escavados pelos mineiros. [...]. Do outro lado do vale, serras extremamente áridas fronteiam o arraial [...]. A verdura dos jardins do arraial contrasta, como logo direi, com essas cores sombrias”. Com relação ao espaço citadino, afirmou que “as ruas do Tijuco são muito largas, muito asseadas, mas muito mal calçadas; quase todas são declives, em razão da situação do Arraial. [...]. As casas edificadas, umas de terra e madeira, outras com adobes, são cobertas de telhas caiadas por fora e, em geral, bem limpas. As portas e janelas

são pintadas de diferentes cores, conforme o gosto dos proprietários” (SAINT-HILAIRE, 1941).

Ao considerar os relatos do viajante, nota-se que, no início do século XIX, o Arraial do Tijuco era reconhecido pela instigante paisagem que circundava as vias e o casario setecentistas. Esse quadro manteve-se até por volta de 1838, época de grandes dificuldades socioeconômicas. “Por essa época o diamante já escasseara, e o ouro desaparecera quase por completo. Persistiu apenas a riqueza advinda do comércio regional, favorecido depois pela estrada de ferro, que consolidaria a cidade como ‘boca do sertão’ e entreposto do nordeste mineiro” (VASCONCELLOS, 1953). Neste contexto observa-se que houve uma certa estagnação com relação à expansão urbana e à renovação arquitetônica durante a primeira metade do século XIX.

Diamantina foi elevada à categoria de vila em 1831. Até então, conformava a freguesia de Santo Antônio do Arraial do Tijuco, tendo sido promovida a essa condição pelo Príncipe Regente. Já no ano de 1838, Vila Diamantina alcançou a condição de cidade, fato que, ao lado dos fatores socioeconômicos, propiciou a consolidação de uma diferente paisagem urbana e uma inovadora representação cultural.

A presença e contribuição do arquiteto John Rose deveu-se, a partir de 1866, especialmente ao dinamismo do primeiro bispo diamantinense, D. João Antônio dos Santos. As características urbanas da época foram descritas por Sir Richard Burton como prósperas e dotadas de originalidade. Sua imponência vinculava-se especialmente à tipologia da aglomeração, valorizada pelo casario e pelas igrejas. “Abaixo de nós está uma infinidade de casas pintadas de rosa, amarelo e branco, com grandes jardins que as isolam das ruas largas e amplas praças, onde se distinguem edifícios públicos de tamanho superior e uma confusão de igrejas com uma ou duas torres que testemunham a piedade local” (BURTON, 1983, pag.281). Nesse cenário colonial e, depois imperial, nasceram as intervenções de John Rose, que podem ser caracterizadas nos âmbitos das reformas, ampliações e novas construções, presentes tanto em Diamantina como em Biribiri, tão bem apresentadas nessa obra da Dona Conceição.

Não obstante, esse legado da nossa querida mestra e historiadora, em que descobre dados e legados tão relevantes para nossa história cultural, encontra eco nas ações em nome do acervo do patrimônio material e imaterial da região, em que são descritas as características das artes e ofícios, arquitetura diamantinense, acrescentadas pela concepção e construção do povoado de Biribiri. Nesse percurso, transforma seu trabalho em uma busca incessante por uma Diamantina modernizada, plena de detalhes memorialísticos e dotada de um estado da arte autônomo e qualificado. Toda narrativa da obra se encontra especialmente valorizada pela coleção de fotografias, que além de cúmplice das ideias apresentadas, atribui a elas um sentido adicional próprio das narrativas históricas. E por essas poéticas nasce uma constelação textual, que convida com prazer o leitor a trilhar.

Meus agradecimentos pelo privilégio!

Celina Borges Lemos

PREFÁCIO DA EDIÇÃO 2001

Enraizada em Microrregião Mineradora, no Estado de Minas Gerais, Brasil, situa-se Diamantina, cidade pequena, centenária, clima agradável, média de 1262 metros de altitude. Desde muito cedo, celebrizou-se pelo seu ouro e seu diamante, motivo da cobiça ilimitada da Corte de Portugal. A história registrou.

E veio Chica da Silva, (ainda em terra tijuicana, antecipando, Diamantina era o Arraial do Tijuco). A história registrou.

Proliferou a mineração, em todos os sentidos e em todos os setores. A história registrou.

A religião desenvolveu-se, ampliou-se, fortificou-se. A história registrou.

Diamantina ficou assim envitrinada na História.

Veio JK (Juscelino Kubitschek de Oliveira), o médico diamantinense que teve a ousadia de inventar Brasília uma capital para o país. E a história registrou.

Agora, outra filha da terra, a diamantinense Maria da Conceição Duarte Tibães, ousa revolver o cinzeiro do século XIX.

Como uma bandeirante cibernética na Era da Informática faz surgir das cinzas uma figura injustificadamente ali esquecida. Materializa John Rose, naturalizado João Rosa, um inglês diamantinense ou um diamantinense inglês, que nos legou lições de amor pela terra que escolheu para seu lar.

E que a história não registrou!

E ela, Conceição, põe em nossas mãos este livro: "John Rose um inglês em Diamantina: do Biribiri aos casarões".

Faço questão de chamar a atenção do leitor: antes de iniciar a apreciação às letras impressas, detenha-se um instante a mesurar a infraestrutura desta Obra!

Quantos anos nos separam, no tempo, dos fatos básicos de tudo que aqui se passa.

Uma pesquisa que exigiu perseverança, paciência e dinamismo. Porque este Livro não está composto de boletins escritos ao léu, indistintamente, e apenas compilados depois. A autora não tripudiou nem um só detalhe.

Foram anos de estudo, análises. Noites insones, cãs assustando no espelho. Diligências, contatos e entrosamentos inesperados ou inimaginados. Anotações avulsas e ansiedade de encontrá-las, depois, em meio à papelada.

Uma busca incessante e exaustiva que, agora, é coroada de satisfação. Gerar um Livro de Memórias não é como construir um prédio, por exemplo. São quilômetros e quilômetros de atividade assídua, medindo e pesando, palavra por palavra, tudo que fora dito por outrem. Agrupamento organizado de minúcias que possam materializar um mapeamento onde afixar esteios e bases.

Mas... Após tamanho sudorífero, está aí mais um Capítulo que faltava na História de Diamantina.

Daqui para frente, saberemos que ali existiu um inglês diamantinense ou o diamantinense inglês João Rosa, vindo John Rose, da Inglaterra e aqui chegado João Inglês, o "pau para toda obra", tudo registrado nas páginas deste livro.

É aqui, nesta obra, que vamos ver, como num videoteipe, a chegada (ao tempo de Dom Pedro II), o acomodamento, as atividades, a vida enfim de João Rosa. Não só ele, mas todos aqueles que, de alguma forma, por alguma razão, se tornaram correlatos, desfilarão frente aos nossos olhos, durante a leitura destas páginas. Estarão ratificadas as palavras da própria autora: "É como se trazer de volta aquelas pessoas já falecidas de há muitos anos!"

Tudo mais que possa estar incitando a nossa curiosidade deve ser buscado nas letras do livro.

*Verdade é que é chegada a hora de a história voltar a registrar Diamantina e sua gente por meio da divulgação promovida aqui, neste trabalho sincero e honesto de Maria da Conceição Duarte Tibães, o Livro: "**John Rose, um inglês em Diamantina: do Biribiri aos casarões**".*

MURILO TEIXEIRA (in memoriam)

TEIXEIRA, Murilo (bisneto de JOHN ROSE) filho de João Evangelista Teixeira (nascido de Maria Rose) e América Souza Teixeira, (falecidos) natural de Diamantina MG.

Breve Currículo:

Argonauta, Comendador da Cultura Popular, membro de 27 Academias e/ou similares, sendo duas Internacionais, 8 livros publicados e participação em vários livros até na Espanha. Coordenador da *Colmeia Cultural Internacional*, tem 783 membros em onze países. Publicou *O Balai Poético* - edição 54, 10 anos, 1800 exemplares em 2001. Residia em Governador Valadares-MG, onde faleceu.

PREFÁCIO EDIÇÃO 2018



Conforme ela mesma conta, ao reunir um dia na entrada da Basílica, os jovens Conceição e Geraldo, a *providência divina* unia dois lados de uma mesma moeda! Herdeiros por razão e sangue, respectivamente, da história de uma vida por Diamantina, que por motivos de preconceito e tradicionalismo oligárquico foi aos poucos sendo apagada da história da cidade. O amor desse casal, desde o primeiro encontro, esteve em torno desse antepassado em comum por sangue, pelo Sr. Geraldo (bisneto) e por ofício e arte, pela Dona Conceição, herdeira da Fábrica do Biribiri, projetada por John Rose! Conceição é filha de Pedro Duarte, diamantinense, que depois da morte do pai, Algemiro Pompuloni Duarte conhecido como “Melo Duarte”, em 1933, tornou-se junto com os irmãos Antônio Edílio Duarte e Hipólito Duarte, diretores e depois proprietários da Fábrica, constituindo a firma “Irmãos Duarte Têxtil e Comercial S.A”. Em 1947 com o falecimento do pai, Conceição herda a Fábrica com a mãe e os irmãos.

A busca por reviver John Rose uniu o olhar da foto acima e manteve *John Rose* presente, no cotidiano, histórias, estilo e postura da família. Este livro foi idealizado e embasado na reflexão conjunta deste casal e depois, de seus filhos e netos há 65 anos (1953 a 2018)!

Eu conheci Dona Conceição no Conselho Municipal de Saúde e no Comitê de Ética da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Ela sempre com seu estilo doce e conciliador, contudo, sem deixar-se prender por postura social que a colocasse em confronto com seus ideais! Mulher, guerreira, exemplo na forma e conteúdo de assumir o papel feminino e, sobretudo humano de expor ideias pensadas, doa a quem doer, desde que a Verdade prevaleça!

Foi esse espírito livre que se revelou na infância, segundo suas próprias histórias, que a levou a sair aos 17 anos do Biribiri para Europa em uma viagem de peregrinação e cultura!

Professora durante mais de 60 anos de Educação Básica, Moral e Cívica e Cultura religiosa na rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, renomada na utilização de métodos ativos de aprendizagem, colocando os alunos para refletirem em ações diretas nas ruas! Hoje usa as redes sociais para divulgar seus pensamentos e reflexões sobre o tema Vida...

Reeditar o livro sobre *John Rose* me possibilitou tardes e manhãs de café mineiros, adoçados com muita rapadura e a doçura da voz de Dona Conceição buscando e achando (!) fotos e documentos do Livro pelos armários e pastas. Conheço hoje, graças a ela, o jovem, o homem e o velho *John Rose*. Reconheço-o em meus sonhos, penso na aventura que deve ter sido sua vida. Sua coragem de sair da Inglaterra, naquela época para vir, à essa terra distante, desbravar e criar, exercitar seu potencial de engenhar, desenhar, ensinar, aprender, abolir, enfrentar, empreender, compor, seduzir, convencer, perder, esquecer e ser esquecido. Ele é citado em vários livros de naturalistas históricos por bem recebê-los nas Terras Diamantinas!

Esse *John Rose*, a meu ver, sonhou alto e enxergou longe... Acendeu uma das primeiras lâmpadas da América Latina num lugar que se chama “Acabamundo”! Mas, infelizmente, foi deixado de lado pela oligarquia tijuca: Só mais um gringo que casou com uma negra! Sabemos que o destino espera sem pressa e hoje, estamos com o passado nas mãos! Vindo das letras e reflexões, dos estudos, conversas e entrevistas de Dona Conceição, Seu Geraldo, Filhos e Antônio Carlos Fernandes (Toninho do INSS) pela vida, na busca de uma resposta para a pergunta:

- Quem foi o Artífice inglês “João Rosa” das histórias de minha infância?

O espírito de *John Rose* está solto pelas ruas do Tijuco! Você está prestes a descobrir...

Alex Sander Dias Machado



Crianças brincando na Ponte do Biribiri. Construída pela Família Duarte na década de 1920. Foto: *Acervo Família Duarte Tibães*



Geraldo e Conceição

Quando foi iniciada a pesquisa

(Acervo Família Duarte Tibães)

INTRODUÇÃO

*"Não é a força, mas a perseverança
que realiza Grandes Coisas".
(S. Johnson)*

Desde os primeiros anos de minha vida sempre gostei de ler. Os melhores momentos para mim eram passados dentro de uma biblioteca ou com um livro nas mãos. Chegava a adormecer lendo, em casa, no salão da Escola, nos campos, ou à beira da praia do rio Biribiri. Meus familiares até me apelidaram de "a Literata".

Fui batizada e recebi a Primeira Eucaristia na Capela do Sagrado Coração de Jesus, do Biribiri, em 09 de abril de 1933 e 21 de maio de 1939. Minha Madrinha de Batismo, Dícíola Horta (*in memoriam*), sentia-se orgulhosa ao dizer que sua maior satisfação era dar livros de presente à afilhada, coleções de livros infantis e, na juventude, romances próprios para jovens.

Assim, peguei a "experiência de ler", escrever e ouvir as histórias das pessoas, com muito gosto. Ficava bastante interessada em ouvir relatos da História do Biribiri, fossem contados pelas minhas professoras, por minha Mãe, Maria Luíza Horta Duarte, ou por outra pessoa, conhecedora do assunto.

Falavam sempre do "velho inglês" que montou a Vila, a Fábrica de Tecidos e que era obra do primeiro Bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos, de seus irmãos Joaquim Felício e Antônio Felício, para amparo das jovens pobres da Região.

Nós considerávamos o Biribiri um "Cantinho do Céu". Era o nosso lar. Meu lar até os dezessete anos. Cresci. Tornei-me professora.

Quando, em 25 de maio de 1953, decidida a fazer de minha vida uma Vocação, resolvi ir até a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Diamantina, rezar e pedir a Deus que me mostrasse que "Caminho" deveria seguir, para "Realizar plenamente os seus Planos Divinos". (Acredito no Amor, acredito na Providência Divina).

Deus me queria uma religiosa (freira)? "O caminho" seria o matrimônio? Ou deveria ficar celibatária? Estava difícil resolver.... Foi nesse momento que entrou na Basílica o jovem Geraldo Magela Tibães (*in memoriam*), funcionário do

IBGE. Eu já o conhecia, desde quando estudamos no "Colégio Diamantinense", pois fomos contemporâneos de turma.

Surgiu entre nós um diálogo e Geraldo me disse que gostava de ir sempre àquela Igreja de Pedra, para apreciar as obras de seu bisavô JOHN ROSE, de seu avô João Miguel Rose, do tio Herculano e das tias Maria Rose e Francisca, que foram carpinteiros, mecânicos e entalhadores que haviam feito muitas obras em Diamantina.

Quem lhe contava era sua mãe, MARIA CRISTINA FALCI ROSE, neta de JOHN ROSE e filha do JOÃO MIGUEL ROSE com CRISTINA FALCI, filha do Italiano Pedro Falchi (Falci) e Anna Querubina Falci. MARIA CRISTINA, (D. Neném), foi esposa do Sr. Arthur de Paula Tibães, ex-vereador da Câmara Municipal de Diamantina e que dá nome à Escola Estadual, de Senador Mourão MG. Constituíam um ritual de família.

Geraldo, que era funcionário do IBGE, então, perguntou-me qual o motivo de minha ida até aquela Igreja. Respondi-lhe estar rezando para decidir a minha Vocação.

E ele, sorrindo, me disse: - "Estou à procura de uma noiva, gostaria de conversar comigo?"

Respondi que sim. Oramos, conversamos. Um ano depois estávamos noivos e, em oito de setembro de 1956, nos casamos.

Em 31 de janeiro de 2009, Geraldo partiu para o "Eterno Contentamento", depois de um feliz Matrimônio!

Foram estes os Caminhos do Amor, os Caminhos da Divina Providência!

A partir desse dia, resolvemos começar a pesquisar sobre a Vida dessa Família "ROSE", do Artífice Inglês, que se radicou e viveu em Diamantina no final do Século XIX e que tanto fez por nossa terra, pelo Brasil e pelo mundo.

Surgiu, porém, uma grande tristeza. Quando fomos pesquisar, em algum lugar, sobre "o Construtor do Passadiço da CASA DA GLÓRIA", que sabíamos ter sido obra de JOHN ROSE, pois conhecíamos a história, estava registrado que o PASSADIÇO foi construído por "um fulano de tal J.R..."

No momento em que a cidade de Diamantina recebe o título, que tão

mercidamente lhe foi dado de "PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE", torna-se urgente e necessário o resgate da memória do Artífice, Mecânico, Arquiteto, Construtor, Minerador, Músico e Humanista JOHN ROSE, que deu, aproximadamente, cinquenta anos de sua vida ao Brasil: vinte e dois à Mina de Morro Velho - Saint John D'El Rey Mining Company Nova Lima MG e vinte e oito à Diamantina MG, por se tratar de uma lacuna na historiografia do Brasil, considerando o desconhecimento das realizações deste grande Artista que foi capaz de implantar modernas tecnologias desconhecidas pelos diversos setores produtivos regionais e ainda a sua contribuição para os escravos alforriados no mercado regional, contribuindo na transição do Escravismo para o Capitalismo, na última metade do Século XIX.

As fontes utilizadas para a recuperação deste rico passado variaram dos depoimentos orais aos registros cartoriais. Mais complexo que o estabelecimento das fontes foi a sua interpretação e construção da trama social do contexto. O professor Dr. José Carlos Reis da UFMG, em artigo publicado no jornal "Estado de Minas", Caderno "Pensar" de 08/04/2000, tem os seguintes comentários, a respeito de Gilberto Freire e sua preocupação com a renovação das fontes da História.

"Dominado pelas influências americana e alemã, Gilberto Freire descobriu ao mesmo tempo em que os franceses do *Annales*, a história do cotidiano, a história das mentalidades coletivas, a renovação das fontes de pesquisa histórica: receitas, culinárias, livros de etiquetas, fotografias, festas, expressões religiosas, brinquedos e brincadeiras infantis, cantigas de roda, estórias infantis, relatos de viajantes estrangeiros, autobiografias, confissões individuais, diários íntimos, lendas, folclore, periódicos... E não negligenciou a documentação institucional, oficial, estatal. Nas novas fontes e no novo olhar lançado por Freire sobre o Brasil colonial, o imaginário se mistura à 'realidade' e a realidade social ganha toda a sua densidade. O passado colonial é percebido com seus cheiros, ruídos e prazer de viver."

Dentro desta mesma perspectiva é que se enquadra a perspectiva realizada no presente livro.

Seguindo um conselho de Nietzsche, iremos "escrever com sangue", ou melhor, "escrever o texto como continuação do nosso corpo, pretendendo escrever da forma como se fala, para que ele se ligue existencialmente com os leitores", de acordo com Rubem Alves.

Vamos fazer deste livro "um diálogo profundo, mas com a leveza de uma conversa" entre dois professores que ainda querem aprender muito, para poderem ensinar mais.

Os personagens serão: Maria da Conceição Duarte Tibães, (CONCEIÇÃO), Antônio Carlos Fernandes (in memoriam), a quem todos chamamos de TONINHO, a colaboração de Geraldo Magela Tibães (in memoriam) (GERALDO), que sempre esteve presente nesta caminhada juntamente com nossos filhos e os entrevistados.

Se algum leitor quiser colaborar conosco, para corrigirmos e ampliarmos esta História, estamos abertos às suas sugestões e o faremos em próxima Edição, com prazer.

Muito agradecemos aos colaboradores que já partiram para o “Eterno Contentamento”! Descansem em Paz!

*"A Verdade precisa cair em solo fértil".
(Paula D'Arcy)*

***“As abelhas quando acabam de sorver o mel das flores,
zumbem em agradecimento”!***

(Rabindranah Tagore)

HISTÓRIA DO NOME DE FAMÍLIA "ROSE"

(INGLATERRA)

Fui à Brasília e pesquisei numa Seção que dava a origem das famílias do Brasil, então encontrei um documento em inglês falando sobre as origens das famílias ROSE e DUARTE no mundo. Pedi ao Prof. Dr. José Cláudio Gomes (*in memoriam*) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP que me ajudasse na tradução, que reproduzo na íntegra:

“Aqueles que hoje trazem com orgulho o nome de Família 'ROSE' podem exclamar como o Escritor Ben-Johnson: *‘Glória, ó minha Grã-Bretanha, tu tens alguém para mostrar, para o qual todas as cenas da Europa rendem tributo. Ele não era de nosso tempo, mas pertencia a todos os tempos !* Assim escreveu Johnson em seu poema de introdução à Edição 'fac similar' das peças de William Shakespeare publicadas em 1623.

A passagem do tempo não fez mais do que confirmar o julgamento de Johnson, posto que Shakespeare é ainda considerado por muitos o mais importante escritor da história do mundo.

Em meados do Século IV, ancestrais da distinta Família 'ROSE' viveram num período que testemunhou o nascimento deste grande homem, batizado em 26 de abril de 1564, na Igreja da Santíssima Trindade, em Stratford Upon Avon no Distrito de Warwickshire, filho do comerciante John Shakespeare. A mãe de William, Mary Arden, era originária de uma família de muita tradição, em Wilmcote, distrito de Warwickshire e foi herdeira de algumas terras.

Acredita-se que o jovem William cursou a Escola Primária que era mantida pela Municipalidade em Stratford, recebendo uma educação que tenha sido principalmente voltada para o estudo do Latim e dos clássicos latinos. Nesse tempo, os currículos universitários talvez não desconhecidos pelos eruditos membros da casa de Rose, enfatizavam o estudo da Retórica e da Lógica Escolástica, disciplinas que deveriam ter sido de pouco interesse e pouca valia para SHAKESPEARE. Assim, ele terminou a sua educação formal na idade de 18 anos.

Em 1582, SHAKESPEARE casou-se com Anne Harthaway, de Stratford, e sua filha Susanna foi batizada em 26 de maio de 1583.

O período entre o seu Casamento e a primeira notícia de seu nome nos

registros dos Teatros Londrinos é motivo de dúvidas e especulações. Sabe-se que SHAKESPEARE tinha se tornado uma figura de prestígio nos Círculos Literários e Teatrais de Londres, por volta de 1592 e parece que ele surgiu com um considerável sucesso inicial.

Os intérpretes contemporâneos do ilustre nome de Família 'ROSE' terão esta confirmação através do fato de que em 1596, Shakespeare pagou as taxas e impostos referentes à Permissão de um Brasão de Armas para seu pai, tendo, no ano seguinte adquirido uma grande residência em Stratford.

Shakespeare viveu a maior parte de sua vida profissional como membro da Companhia Teatral de Lord Chamberlain, que foi rebatizada como 'os Homens do Rei', em 1603, no Coroamento de James I. Ele dividiu as recompensas conquistadas por seu empreendimento e continuou a ampliar uma considerável propriedade que ele transferiria aos seus descendentes e aos de sua filha Susanna.

Shakespeare morreu em 23 de abril de 1616 e foi sepultado no Cemitério de sua Igreja Paroquial, em Stratford.

Sem dúvida, a Família 'ROSE', como muitos outros, pode ainda prestar homenagem ao 'Bardo', visitando o seu lugar de nascimento.

O sobrenome inglês 'ROSE' pode ter duas possíveis origens. O primeiro é de origem patronímica, sendo derivado do nome pessoal de Pai ou da Mãe do portador original. Neste caso, o sobrenome 'ROSE' é derivado do sobrenome 'ROSE' do Inglês Arcaico. Assim, o sobrenome significa: 'FILHO DE ROSE'.

O nome pessoal 'ROSE' é derivado dos nomes dialetais Franco Normandos 'ROHESE' – 'ROESE' e finalmente do Latim: 'ROSA, significando 'ROSA'. Este nome pessoal era muito comum entre os Franceses da Normandia e foi provavelmente introduzido na época da Conquista Normanda, em 1066.

Por outro lado, o sobrenome 'ROSE', inglês, é de origem locativa, sendo derivado de um acidente geográfico natural ou artificial próximo de onde o portador original viveu. Nesse caso, o sobrenome é derivado do termo local 'ROSE', como em 'NO ROSE', significando que o portador original 'vivia sob o signo da rosa'.

Na Inglaterra Medieval, na iconografia da Época, era frequentemente muito usado para designar a residência de uma pessoa.

Referências ao nome 'ROSE' eram encontradas tão remotamente como em 1086, nos Registros Cadastrais onde uma pessoa de nome ROTHAIIS, natural de Hertshire, foi registrada. Uma pessoa de nome ROHESIA aparece nos

'Assize Rolls', no Yorkshire, em 1219.

PETER ROSE acha-se listado nos 'Subsidy Rolls', de Worcestershire, em 1327, da mesma forma que Richard Rays de Sulffolk no mesmo ano.

ROBERT DE LA ROSE acha-se registrado em Oxford, em 1242 e ADAM EM ROSE foi registrado em Londres, em 1305.

NICHOLAS ROSE foi agraciado com o Título de Nobreza na época do Rei Henry VII. Sua filha Marta casou-se com John Haydon, Autoridade e xerife de Londres.

O Teatro Globo, local mais frequentemente associado às peças de William Shakespeare, foi patrocinado por pessoas de todas as classes sociais, entre os quais membros da Família 'ROSE'. Os atores do Teatro Globo também executaram performances para o Monarca e fizeram várias excursões pelas Províncias durante o verão. Shakespeare atuava, pessoalmente, na maior parte, em papéis secundários e achava-se intimamente envolvido com os ensaios na encenação das peças de sua autoria".

“Assim, aqueles que hoje em dia trazem com muito orgulho o nome familiar 'Rose' podem também se orgulhar pelo fato de que a amplitude e profundidade da influência de Shakespeare é sem paralelo na Cultura Internacional”.

RCB

PESQUISAS POR JOHN ROSE



John Rose, em Diamantina, meados do século 19.

Durante os anos de pesquisa e busca por informações verdadeiras sobre John Rose realizei inúmeras entrevistas e conheci descendentes diretos dele. As entrevistas foram feitas em sua maioria a partir de telefonemas e diálogos pessoais, sendo as de cinco netos as mais importantes, uma, a tia Nana, o conheceu pessoalmente. Os outros quatro tinham recordações das histórias dos pais. Minha sogra, Maria Cristina Falci Rose Tibães foi diferencial para meu entendimento e conhecimento sobre a importância de John Rose para Diamantina e o Brasil.

Algumas dessas entrevistas geraram comunicações futuras, onde outras informações puderam ser melhor explicadas e provas anexadas. Como nos casos da carta que recebi após conversa telefônica com o bisneto José Irene Teixeira onde obtivemos a linda foto de John Rose em trajes de gala da época. E a carta de John

Kolodziejski, inglês da Cornualha, que após ter adquirido um original do livro em sua primeira edição em uma pousada em Diamantina entrou em contato comigo por telefone interessado em ajudar na pesquisa sobre John Rose. Ao retornar para casa fez buscas na Inglaterra e descobriu que John Rose teria nascido em 1805 numa aldeia bucólica de Ladock, visitou túmulos da família Rose e me enviou e-mail com as fotos.

Vou transcrever essas duas comunicações originais.

Primeiro a carta de **José Irene Teixeira**: (in memoriam)

Belo Horizonte, 16 de fevereiro de 2000.

Ilma. Sr.^a Dn^a.

Conceição Duarte Tibães

Rua da Caridade, 247 – Centro

Diamantina MG –

CEP 39100-000

Atenciosas saudações.

Desejando que todos estejam bem de saúde e com muita paz, envio-lhe minhas saudações cumprimentando lhe pelo sucesso alcançado na campanha em busca de “Diamantina Patrimônio da Humanidade”, tão bem sucedida.

Na oportunidade, envio-lhe anexa, cópia ampliada de uma foto de John Rose, tirada em Diamantina, espelhada e incrustada numa placa de ouro, destacando-se os trajes típicos da época e as joias usadas.

*Trata-se de uma belíssima obra de arte, de refinada técnica, que atesta a capacidade dos profissionais existentes em Diamantina à época de nosso bisavô **John Rose**.*

Creio tratar-se de valiosa contribuição para sua obra de pesquisa, embora não tenha conseguido dados sobre a data, fotógrafo e demais especialistas responsáveis pelo referido trabalho.

*Renovando meus protestos de estima e consideração,
despeço-me, almejando-lhe e aos seus familiares a mais completa paz e
constante sucesso.*

Abraços.

José Irene Teixeira



John Rose jovem, espelhado em placa de ouro

E então, o e-mail de **John Kolodziejski**:

----- Original Message -----

From: [Ann](#)

To: [john k](#)

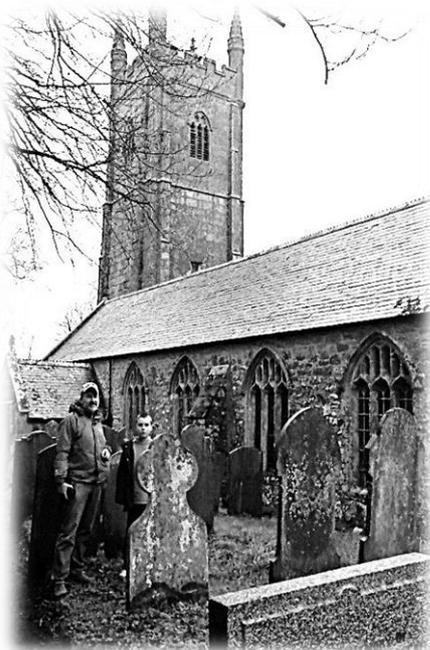
Sent: Tuesday, February 27, 2007 8:14 PM

Subject: Ladock images John Kolodziejski these havent blocked your inbox!

“Prezada Maria da Conceicao

Espero que a senhora esteja bem ! Bem, nao fiquei parado na busca dos origens de John Rose. Vasculhei umas fontes de informacao no internet, e nao encontrei nenhum John Rose nascido na data de 1805. Encontrei um que nasceu perto, acho que foi 1803 (que tambem poderia ser um erro de transcricao nos dados de seu John Rose). Este John Rose teria nascido numa aldeia bucolia de Ladock que fica perto de Truro (o centro administrativo de condado de Cornwall). Semana passada passei uns dias com meu irmao perto de Helston (Cornwall) e resolvi visitar o local com minha irmã e seu filho. A igreja estava fechada mas vimos umas sepulturas que tem datas de nascimento proximo de John Rose e que podem ser seus irmaos: Thomas e Henry Rose. Tambem botei uma fotografia de tumulo de um Rouse. De qualquer forma vou continuar a busca.

Um abraço John Kolodziejski”



ÁRVORE GENEALÓGICA DOS ROSE: GENEALOGIA DA "FAMÍLIA ROSE" no BRASIL

*"A Memória alimenta uma Cultura, nutre a Esperança
e torna Humano o ser humano".
(Elie Wiesel)*

JOHN ROSE:

Região de procedência: **Cornwall Inglaterra** Cidade: Ladock

Nasceu aproximadamente em 1805.

Falecimento acontecido na data de **20/07/1888, Diamantina/MG**, Brasil.

ESPOSA: MANOELLA RODRIGUES DA PAIXÃO

Local de Nascimento: Gouveia MG, Brasil - Aproximadamente no ano de 1840.

Falecida em **27/10/1917, Diamantina MG**, Brasil.

FILHOS DO CASAL: Herculano Bobby Rose, João Miguel Rose, Mary Kit Rose, Francisca Rose e João Jaques Rose.

1) HERCULANO BOBY ROSE (HERCULANO ROBERTO ROSA) -

nascido por volta de 1861, em Diamantina MG e falecido dia 20/06/32, Belo Horizonte MG. Era casado com a lapidária da Fábrica de Biribiri, Raimunda Moreira da Cruz. Deixou inúmeros descendentes, hoje residindo a maioria em Belo Horizonte.

FILHOS: José do Espírito Santo Rosa e **Maria (Pedrelina)**, nascida em Biribiri (falecidos).

1. Na Escritura de Reconhecimento e Perfilhação, datada de 13 de fevereiro de 1878, que fez **JOHN ROSE** de sua filha de nome **Francisca**, com a **Manoella Rodrigues da Paixão**, se declara **Britânico e morador desta Cidade, há muitos anos**. – Livro Cartório 2º Ofício – Maço 161 – n36 Notas 1877 a 1881 – Biblioteca Antônio Torres.

NETOS: Aracy, Roldão e Hilda.(falecidos)

BISNETOS: Sr. Jeferson Rosa, Sras. Leda, Edna, Sandra, Arminda (*in memoriam*), todos casados, com filhos.

2) JOÃO MIGUEL ROSE - nascido por volta de 1862, em **Diamantina** MG e falecido nesta Cidade aos **19/10/1892**. Casado com a Sra. **Cristina Falci**, filha do *italiano* Pedro Falci (Falchi), Província de Salerno (Itália) e Anna Querubina Falci. Deixou quatro filhas.

Deste casal descende a **Sra. Maria Cristina Falci Rose Tibães (Neném)**, nascida em Diamantina MG, dia 01 de setembro de 1890 e falecida aos 22 de novembro de 1969 em Senador Mourão MG. Esposa do **Sr. Arthur de Paula Tibães**, (*in memoriam*) tiveram os filhos: A Dieu Seul (Cecé) (falecido), esposo de Geralda Silva Tibães (*in memoriam*); Maria José de La Salette Tibães Moreira da Silva (falecida), esposa de Nadir Moreira da Silva (falecido), deixando nove filhos; Raimundo de Paula Tibães Neto (falecido), esposo de Teodolina Tibães (Dulica); Helvécio Tibães (falecido), esposo de Maria de Jesus Santos Tibães; Elza Cordata, (*in memoriam*) viúva de Manoel Lopes e por fim **Geraldo Magela Tibães (in memoriam)**,esposo de **Maria da Conceição Duarte Tibães, Autora deste Livro**. Inúmeros são os netos, bisnetos e tetranetos destes casamentos.

Do casal **João Miguel Rose e Cristina Falci**, nasceu a **Maria da Conceição Falci Rose Tibães (Naná)** esposa de José da Rocha Tibães, nascida cerca de 1880 e falecida dia 08/04/1968. Tiveram os filhos: (todos já falecidos) Milton, Antônio, Orlando, (Esposo de Leopoldina Correia Tibães, (*in memoriam*) e Cristina; o Arnaldo Tibães (*in memoriam*) residia em Senador Mourão. Também são muitos os descendentes.

João Miguel Rose e Cristina Falci geraram a **Vicentina Falci Rose Duarte (Mestra Vicentina)** nascida em 1891 em *Diamantina-MG* e falecida na cidade de *Joaquim Felício MG*, aos 04/07/1933, esposa de Aurélio da Silva Duarte. Deixou os seguintes filhos: Maria José, Alaíde, Leny, Wanda, Maria Reny, Vicente, Jacyra (todos falecidos) e *Adalcy ('Piquita', esposa do 'Raimundo do Hotel Esplanada' (falecidos) pais das jovens Senhoras Andréia, Adriene, Adreilde)*.

Maria José Falci Rose (Zezé), filha do Casamento de *João Miguel Rose e Cristina Falci*, nasceu no Povoado de *Biribiri*, no dia 29/09/1892, faleceu em Belo Horizonte, no ano de 1971. Não se casou, sendo bastante prendada, exímia

bordadeira e pianista. Registro de Nascimento: cartório Elizardo Eulálio de Souza – Livro A/23 – Folha 57 vº - Termo 380

3) MARY KIT ROSE / MARIA ROSE (MARIQUINHA) - pelo Casamento com o Maestro da Banda do 3º Batalhão da Polícia Militar, de Diamantina MG, **João Batista Teixeira**, passou a se chamar **Maria Rosa Teixeira**, nascida possivelmente em 1864, na cidade de **Diamantina MG** e falecida nesta, aos 26/10/1925. Hábil entalhadora, tocava cítara e violino, como também falava com facilidade o Inglês, tudo aprendido com o pai.

Tiveram dez filhos. Todos já falecidos: **João Batista, João Alexino, João Evangelista, Benjamim, Josué, Oscar, Vicente, Miguel, Maria da Conceição e Doralice.**

Com exceção do Miguel e de Maria da Conceição, todos constituíram família em Diamantina, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, etc.

A maioria dos filhos deste casal seguiu a carreira militar, tendo graduação elevada na Polícia Militar de Minas Gerais e em vários Estados.

Muito conhecidos entre nós ficaram alguns filhos do **Sr. João Evangelista** e sua esposa Sra. América Souza, como o Sr. **Murilo Teixeira**, que escreveu o Prefácio deste Livro, o **Sargento Áureo** (falecido); **Maria Josefina**, esposa de Tico Rocha (falecidos); **Lourdes e Ruth**, hoje residentes em Belo Horizonte, com suas famílias.

Filho de **MARIA ROSE, Benjamim Batista Teixeira** e *Luiza Moreira da Silva*, nasceram *Maria de Jesus* e *Benjamim* mais conhecido como "*Bijinho*", (*in memoriam*) (*tem um filho, Alexandre*) foram criados por **MARIA ROSE**, pelo fato do *Benjamim (Pai)* ter morrido muito cedo, antes mesmo do nascimento deste filho menor.

Homenageado, recebeu uma Rua com seu nome e bastante conhecido em Diamantina, o Sr. **Oscar Batista Teixeira** (esposo de Geralda Nogueira, falecida há poucos meses), nascido aproximadamente em 1890, faleceu em 30 de junho 1961, nesta Cidade.

Filho de **MARIA ROSE** e **João Batista Teixeira**, sapateiro do Macau do Meio, (debaixo da casa de Dr. João Antunes (*in memoriam*) nosso ex-Prefeito Municipal), era muito procurado pelos professores, sacerdotes, intelectuais, estudantes e várias pessoas da cidade, devido às suas lembranças e conhecimentos autodidatas.

Dois de seus filhos receberam nomes do avô e da filha: **John Rosa** (*in memoriam*) e **Mary Elvira**. Os outros são: Vicente, Alencar, Antônio (*in memoriam*) e Josué Timoschenko. Vários destes são casados e já têm descendentes.

4) FRANCISCA ROSE - Quarta filha dos **ROSE**, nascida em Diamantina, aos 19 de janeiro de 1870, (conforme Certidão de Batismo) *faleceu dia 13 de junho de 1945*, na Capital, Belo Horizonte. Solteira, muito parecida com o pai, "loura, de olhos azuis, bem alta, aproximadamente 1,70m a 1,80m, bastante prendada, falando fluentemente o Inglês, exímia entalhadora, professora de música, tocava harpa e piano. Era cantora da Sé (Catedral Metropolitana) juntamente com a sobrinha Maria da Conceição. Excelente costureira, bordadeira e executava lindos trabalhos em renda de bilro".

Pessoa "múltipla", de extrema dedicação, equilíbrio e paciência para com o próximo; era notável, principalmente para com as crianças, alunas e familiares, que dela fizeram elogiosas referências.

5) JOÃO JAQUES ROSA - Inúmeras vezes ouvimos dos familiares este nome. Diziam: "Tio Jack", "morreu muito cedo..." "pouco depois dos trinta anos...".

Consideramos o filho menor de **JOHN ROSE**, seu quinto filho, a criança cujo nome não foi citado no Inventário, porém a **FRANCISCA ROSE** se tornou a responsável pelo mesmo, como Inventariante do menor na petição ao Juiz Curador Geral dos Órfãos, Cláudio Ribeiro de Almeida.

Encontramos uma Certidão de Óbito de *João Jaques Rosa*, cujo *falecimento* se deu no Beco da Tecla, em 20/11/1918, (provavelmente nascido em 1880), constando o falecimento aos trinta e oito anos de idade, e justamente onde residiam algumas pessoas da Família Falci, que também se referiam a este nome.

Na certidão, nenhuma referência sobre sua família, embora conste ser casado. E é justamente com o **João Jaques Rosa** que se encontram os equívocos nas certidões dos familiares do **JOÃO MIGUEL ROSE**, esposo da **Cristina Falci**.

O sobrenome "**Rose**" não foi herdado pelas mulheres casadas pelo fato de usarem o sobrenome dos esposos, e as solteiras não tiveram descendentes. Os homens adotaram o sobrenome "Rosa" como substituto para o "Rose".

*"Não há dever mais urgente do que agradecer".
(Sto. Ambrósio)*

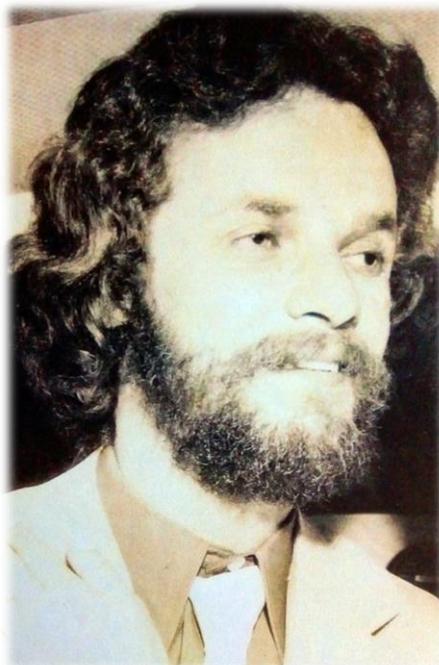


**1 – João Miguel Rose, esposo de Cristina Falci (sem foto); 2 – Naná;
3 – Zezé; 4 - Vicentina; 5 – Neném; 6 – Arthur Tibães**
(Acervo Família Duarte Tibães e Família Rose)



***Maria Rosa Teixeira, seu esposo João Batista Teixeira e os filhos, 1904. João Batista Teixeira foi o primeiro maestro da Banda do 3º Batalhão da Polícia Militar de Diamantina MG, que usou os instrumentos da Banda “Corão”, do sogro John Rose, depois de falecido.
Foto: Acervo Família Duarte Tibães***

Traços fisionômicos de John Rose presentes e bastante semelhantes com seus tetranetos: olhos muito azuis, cabelos loiros, pele clara, etc.



Hércio Carlos Moreira da Silva, filho de Maria José de la Sallate Tibães Moreira da Silva e Nadir Moreira da Silva (*in memoriam*). Nascido dia 30 de outubro de 1950, em Diamantina MG e falecido aos 02 de março de 1993, na cidade de Belo Horizonte.



Dannyse Mayra Rebelo Moreira da Silva, nascida no dia 16 de janeiro de 1972, em Belo Horizonte MG, filha de Wladimir Moreira da Silva e Dinalva Rebelo, bisneta de Maria Cristina Falci Rose Tibães, sendo considerada a que mais se identifica com a **Francisca Rose (Tia Chiquinha)**, medindo 1,72 cm de altura, conforme descreve quem a conheceu pessoalmente.

Segundo Alexandre Mendes, músicos e arquitetos são os principais artífices do que é conhecido como o ambiente cultural do barroco mineiro. "O próprio cenário das Vilas do Ouro em Minas revela que a música e a arquitetura têm intimidade de intenções", salienta.

Jornal "Estado de Minas", 10 de julho de 2000, Caderno Espetáculo,
artigo "**No garimpo do ouro**", pág. 5 (Arquitetura).

**DIÁLOGO ENTRE HISTORIADORES SOBRE:
"JOHN ROSE, UM INGLÊS EM DIAMANTINA: DO
BIRIBIRI AOS CASARÕES"**

"O que a Memória Ama, fica Eterno".

CONCEIÇÃO - Hoje, dia 25 de setembro de 1999, aqui em nossa casa, à Rua da Caridade, 247, Centro - Diamantina MG, estamos, *meu marido Geraldo Magela Tibães (in memoriam), eu, Maria da Conceição Duarte Tibães e o Professor Antônio Carlos Fernandes (Toninho), (in memoriam)* iniciando a redação do livro **"JOHN ROSE, UM INGLÊS EM DIAMANTINA: DO BIRIBIRI AOS CASARÕES"**.

- Bom dia, Toninho!

TONINHO - Bom dia!

CONCEIÇÃO - Por onde vamos começar a redação deste livro? Já temos muito de nossa pesquisa em fase de acabamento. Agora devemos partir mesmo é para *"A Saga dos Ingleses no Brasil"*, mais precisamente sobre um Inglês, **JOHN ROSE**.

TONINHO - Isso, com certeza! Bom!... O que nós temos, é um monte de coisas coletadas pela senhora, seu esposo e seus filhos: entrevistas, certidões, documentos, fotografias e reminiscências arquitetônicas... Mas são só fontes. Elas vão se tornar vivas à medida que nós, hoje, estabelecermos com elas um diálogo permanente e fizermos com que tudo aquilo vivido por **JOHN ROSE**, no final do século XIX, seus sonhos, seus desejos, suas construções, suas músicas, seu espírito humanitário, que tanto fascinou, que tanto alegrou, que tanto incentivou as pessoas de lá, se torne atraente para as pessoas daqui. Vamos fazer o máximo para que **JOHN ROSE**, a partir de 2001, tenha, senão a mesma influência, pelo menos a mesma fascinação que no Século XIX.

CONCEIÇÃO - Inclusive a *Celina Borges Lemos*, Arquiteta da Universidade Federal de Minas Gerais, nos deixou uma alegria muito grande quando, juntas, conversando sobre **JOHN ROSE**, e ela identificando algumas de suas obras, para gente, disse-me: *"Conceição, você fez JOHN ROSE renascer"*. E mais prazerosos ficamos ainda, quando nos deparamos com esta frase cheia de sabedoria: ***"RENASCER é mais belo que nascer"***.

TONINHO - Este é o substrato da História. O prato fundamental. Agora, vem o prato da memória. "Qual é o prato da memória?" Nós tornamos as *Memórias do Século XIX vivas no Século XXI*. Uma linha condutora no tempo. Qual a ideia que servirá de base para a argumentação? Para onde caminhar? Ela tem de caminhar no sentido de mostrar que os dois Impérios que constituíram relações permanentes no final do século XIX, o Império Brasileiro e o Império Inglês, desde o começo, foram na verdade, constituídos por homens e entre eles o *JOHN ROSE*. Sabe, aquele negócio frio de falar: "O Acordo Comercial de 1810, a presença das mercadorias inglesas, como vidros, cerveja, ferrovias..." é muito interessante, mas os ingleses vieram para cá também e trouxeram junto suas esperanças, seus sonhos, suas formas de compreender o mundo, as suas maneiras soberanas de olhar a natureza, seu humanismo, sua forma de construir a música, sua maneira de tocar as coisas no dia a dia e é isso que nos interessa neste momento. Os acordos comerciais são importantes, mas muito mais importante é como *JOHN ROSE* se posiciona diante de nós, no século passado, e como é que as obras dele chegaram ao Século XXI. Estávamos falando qual seria o esboço dessa ideia.

Primeiro vamos falar da "*Saga dos Ingleses*": - O que esses ingleses vieram fazer num local tão incerto? Atravessar o Atlântico, vir parar aqui, numa terra tropical? Está certo que desde o século XVI os portugueses, espanhóis e posteriormente os ingleses e franceses já vinham expandindo seus impérios. No entanto, é no Século XIX que boa parte dessas relações com a Inglaterra se estabelece de uma maneira mais intensiva e mais eficaz. Se não vejamos: - Um pouco antes e logo depois de nossa Independência, umas séries de acordos bilaterais vão sendo construídas, de 1810 até 1889, e isso documentalmente é possível verificar e nós o fizemos, inclusive em Diamantina, onde ao longo do século cada vez mais, a presença inglesa se fez notar. E essa presença se traduz primeiro pelas empresas inglesas que para aqui vieram: - A Mineração de Mina subterrânea de ouro e diamante, as Empresas Ferroviárias, as Empresas de Distribuição de Gás, depois as Empresas de Navegação a Vapor, no final do século, as Empresas Hidroelétricas e, por mais que a gente queira negar, o fornecimento dos primeiros equipamentos industriais, são notadamente e documentalmente feitos pela Inglaterra. E é no bojo dessas transações comerciais que nós vamos encontrar o *JOHN ROSE*. Ele vem, neste momento, para a Mineração próxima de Belo Horizonte, para as Minas de Ouro, subterrâneas, da "*Saint John D'El Rey Mining Company*¹", hoje a Mineração de Morro Velho, em Nova Lima. Essa Mineração inovou

em Tecnologia, quer no ponto de vista de seu posicionamento estratégico na economia de Minas Gerais, quer no ponto de vista das relações sociais, que ali se estabeleceram e é aí que o *JOHN ROSE* veio trabalhar. Veio como Artífice, como Mecânico, como trabalhador especializado na Área de Mineração e Metalurgia, próprio de sua formação, na Região da Cornualha na Inglaterra. De lá vieram técnicos, engenheiros especializados na metalurgia e na mineração. E *JOHN ROSE* não fugia à regra. Foi no Governo de D. Pedro II, logo nos primórdios da mineração.

CONCEIÇÃO - Inclusive, em seu Livro "*Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*", Sir Richard Francis Burton² fala justamente que os jovens vinham da Cornualha já com a mão de obra especializada. Chegavam ainda novos para o Brasil, tanto que, no *Relatório da "Saint John D'El Rey Mining Company"*, para Londres, meu marido e eu encontramos várias vezes o nome de **John Rose** em duas grafias **Rouse e Rose** e sempre como Mecânico. Uma vez como "**Smith**" (Forjador, Artífice de metais) e outras vezes como Chefe do Departamento de Mecânica da Mineração.

GERALDO - Mamãe, sua neta, sempre nos disse que ele era Engenheiro Mecânico, Arquiteto e Músico.

TONINHO - Exatamente!

CONCEIÇÃO - Achamos também, o que foi muito interessante, *JOHN ROSE* ensinando a um jovem, chamado *Venâncio*, em 1847, a profissão de *Artífice de Metais* (Forjador)³.

TONINHO: É aí que nós começamos o nosso Diálogo mais profundo. Eles vêm e redistribuem o que sabem. Não vêm apenas como passageiros, exemplificando: *JOHN ROSE*, que veio jovem ainda, trabalhou algum tempo em Morro Velho, mas estabeleceu-se em Diamantina, onde constituiu família, criou fortuna e acabou deixando uma geração que hoje está escrevendo sobre ele. No *Centenário do Falecimento de JOHN ROSE, (20 de julho de 1888 a 20 de julho de 1988)* ele se faz presente, não só biologicamente, porque suas gerações estão aqui, mas culturalmente, porque suas obras se perpetuaram.

1 "ANNUAL REPORT OF THE DIRECTORS OF THE ST.JOHN D'EL REY MINING COMPANY" TO BE PRESENTED AT THE EIGHT ANUAL GENERAL MEETING OF THE PROPRIETORS TO BE HELD ON THURSDAY, THE 3D OF MAY, 1838 – AT THE COMPANY'S OFFICE, 8, TOKENHOUSE YARD. LONDON: PRIMED BY R.CLAY, BRED STRET HILL, 1838 – 'CHIEF OF MECHANICS' JOHN ROUSE."

(Ver os Capítulos: *GENEALOGIA DA FAMÍLIA ROSE (no Brasil) e SUAS OBRAS*) - Isso é que é interessante! Esse diálogo está sendo traçado exatamente por isso. Ele vem e treina, como atestam as primeiras notícias do Venâncio. Nas outras notícias o próprio relatório traz como era essa relação com Londres e como era com os brasileiros. O que construiu, conforme os relatórios. E é aí que vem a "Saga". A ideia de uma "Saga" é a ideia de uma "Trama" que se estabelece entre os ingleses e os brasileiros. Como a de *JOHN ROSE*, de sair de Morro Velho, após "ter-se desentendido com os patrícios" e fixado moradia em Diamantina, como nos relatou seu neto Major Josué Batista Teixeira. Talvez depois de já ter compreendido mais de que os seus conterrâneos o que era viver no Brasil. Sabe-se Deus o quê...

CONCEIÇÃO - Parece que o que a gente sente é justamente isso!

GERALDO - Havia um diário escrito por ele e que foi guardado, depois de sua morte. Supõe-se pela *Tia Palmira Falci Fonseca*, (irmã da *Cristina Falci*, nora do Inglês), mas com o seu falecimento, não ouvimos mais falar desse diário e nem de seu destino. Por ele, ficaríamos sabendo bastante detalhes. Muita coisa desapareceu, inexplicavelmente...

TONINHO - Parecia ter-se adaptado aos trópicos; já havia aprendido a Língua-Mãe, não mais queria aquele tipo de Organização Mineradora e vem para onde? "*Ele vem minerar por conta própria*". Sai da região de Morro Velho e vem para a região próxima de Gouveia.

CONCEIÇÃO - Como diziam para nós, em entrevista, seus netos, o *Major Josué e Maria da Conceição Batista Teixeira*, aos 86 e 98 anos, (*filhos da Maria Rose*): "*Nosso Avô era um homem que 'fazia tudo'. Construiu com as próprias mãos suas ferramentas, seu barco e subiu o Rio das Velhas, de Sabará até Paraúna, próximo de Gouveia e edificou a sua casa na Rua do Hospital, em Diamantina. Saiu de lá, porque se desentendeu com seus patrícios*" (...).

TONINHO - Um humanista! Os humanistas normalmente têm esta formação. A formação "Universitas". É o Universo que interessa para eles. O Universo da arte, da mecânica, da matemática, da filosofia, enfim, é o homem voltado para o saber, um homem voltado para as coisas do mundo.

2. BURTON, Francis Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. P.230. Itatiaia, SP, 1976.

3. Annual Report – *Circular to the Proprietors of the St. John D'El Rey Mining Company July,3, 1847*. P.14

CONCEIÇÃO - Interessante! Foi numa entrevista, que há pouco eu digitava, justamente com um senhor de Gouveia, apelidado de *Geraldo Paulino* (falecido em 24 de dezembro de 2000), filho de uma senhora criada pelo Barão de São Roberto, dono da Fábrica de São Roberto, cujo pai ajudou na montagem da mesma. Ele disse-nos "*seu pai tinha aprendido a trabalhar, com a ajuda de JOHN ROSE*", a quem eles chamavam de "*SEU JAMES*". O Sr. Geraldo Paulino estava nos dizendo que *JOHN ROSE "era um homem que gostava de ensinar às pessoas as coisas. Gostava de ensinar tudo o que sabia"*. Achamos maravilhoso! Veio confirmar o que toda família dizia dele.

GERALDO - Mamãe sempre nos contou que "*seu Avô, JOHN ROSE (JOÃO ROSA) o mesmo SEU JAMES, era pessoa de uma bondade extraordinária*", confirmando bem aquilo que um dia afirmou *Ludwig Van Beethoven*, músico e compositor alemão, dos mais importantes e certamente o maior do Século XIX: - "*Não existe verdadeira inteligência sem bondade*". Ficamos sabendo pelo Sr. *Efigênio Gomes da Paixão, ex-Prefeito de Gouveia (in memoriam)*, que "*a Fábrica de São Roberto foi concretizada e montada graças à colaboração desse inglês, que entrou em contato com a Inglaterra através de uma carta, a qual levou 40 dias para chegar ao seu destino. O nosso primo, o Major Josué ouviu sua mãe, Maria Rosa, (filha de JOHN ROSE) dizer que, "quando JOHN ROUSE, seu pai, passava por São Roberto, verificou que a maquinaria adquirida para a Fábrica estava ultrapassada e se ofereceu para atualizá-la com nova tecnologia e teria como realizar essa mudança"*.

Murilo Teixeira, seu bisneto e escritor do Prefácio deste livro, nos confirma este fato, dizendo que, "*quando jovem, em minhas andanças por Gouveia, tive esta notícia: - A montagem da Fábrica de São Roberto foi feita pelo meu Bisavô, JOHN ROUSE*".

TONINHO - Exatamente. Esta é a ideia da redistribuição que ele faz dos conhecimentos adquiridos na Inglaterra, em um primeiro momento e aprendido aqui, na prática, na construção; em Morro Velho, Diamantina e arredores por onde andou itinerante.

CONCEIÇÃO - Ensina as suas duas filhas, que se tornam hábeis entalhadeiras e executavam vários instrumentos musicais. A *FRANCISCA ROSE (Tia Chiquinha)*, tocava harpa e piano; a *MARIA ROSE (Mariquinha)*, tocava cítara e violino. Tornaram-se *Professoras de Música* e faziam inúmeros trabalhos artísticos

ensinados pelo próprio pai. Eram bastante prendadas, relatou sua neta *Maria Cristina Falci Rose Tibães*, para sua filha Elza Cordata Tibães (in memoriam) e a seus outros filhos. Dava gosto ver sobre a mesa do casarão, onde residiam, os desenhos e obras de Arte. Em sua casa aconteciam muitos saraus; todas as tardes, como nos contou a "Didi de Abel" (Maria Geralda Silva), filha de *Maria de Jesus* (falecida), casada com o Sr. "Geraldo da Gruta" (falecido), que era neta de *Maria Rosa*, criada pela avó, (junto com o irmão *Benjamim, Bijinho*) e até hoje residente à Praça Vicente de Paula Fonseca, 168, Arraial dos Forros, Diamantina MG, (fundos dos terrenos da Chácara de *JOHN ROSE*).

O Sr. *Murilo Teixeira*, prefaciador deste livro e bisneto de *JOHN ROSE*, presenteou-nos com esta "*Página de Lembranças*":

"HARPA E VIOLINO NO AMARELO DO OCASO. O tempo passa e, por rastro, vai deixando uma poeira finíssima, imperceptível, que vai encobrendo a memória do ser humano. Também a gente vai passando a dedicar-se aos afazeres vários que surgem no decorrer dos dias. Porque a vida não brinca. De nós exige mais e mais a cada dia, a cada passo que encetamos rumo à meta. Como se usássemos antolhos, seguimos sempre em direção à frente, indiferentes ao que se desenrola nas laterais ou na retaguarda, já que não as vemos. Talvez por isso, a frase tão divulgada, quão conhecida: 'O povo tem memória curta...'. Vez por outra, assusta-nos um fato que, assomando embaraçado na recordação, parece querer fugir do sacrário individual: o nosso âmago. E verificamos que, apesar de não distintamente visível, ou palpável, temos no mais profundo imo arquivo abarrotado de detalhes, uns satisfatórios, outros entristecedores, todos, porém, já usados e inertes e inermes encarcerados num casulo imaginário. Do tempo de criança quase nada me restou! A poeira cobriu... continuou cobrindo.... Por mais esforço que eu faça nada consigo vislumbrar, a não ser quando alguém cutuca um ponto sensível e este me induza e me conduza. Dia destes, não sei por que, a Saudade cismou de atacar-me. Covardemente passou sua vassoura, abrindo uma leira na poeira do tempo, e me deixou ver, através da leira, um quadro antigo: - Lá fora o sol despedia-se da gente. Era o ocaso e podia-se notar o amarelo do sol - já com toda a poeira do dia acumulada sobre sua luz – se afastando lentamente. Dentro do Casarão (residência dos meus avós) a minha Avó Mariquinha Rose (MARIA ROSE) solava uma valsa triste, chorosa. Tia Chiquinha (FRANCISCA ROSE), acompanhava-a dedilhando sua harpa. Em volta tudo era silêncio e paz. Até a Natureza parecia parada, concentrada na apreciação à sensibilidade que deslizava suavemente por

aqueles dedos, nos acordes magistrais que aquelas mulheres nos brindavam. Combinação perfeita dentre violino e harpa a deleitar-nos com a valsa tristonha que, apesar disso, suscitava em nós a paz. Muito criança, o único direito que me era dado era o de ficar olhando e ouvindo sem sequer me aproximar muito. Diziam que aquela música era composição do meu bisavô JOHN ROSE, (JOÃO ROSA). Meu Deus! Quanta beleza havia!... E quão bendita era a paz!!!” Governador Valadares, 1998.

CONCEIÇÃO - *"O importante para se levar à frente um projeto é manter a memória ativa ou a consciência histórica, adquirida através da resistência e da luta. A geração que luta mantém viva essa consciência. E é através da solidariedade na resistência e na luta que se constroem a História e o Mundo Novo". Pergunta se: - Onde JOHN ROSE estudou?*

A primeira parte na *Cornualha, Inglaterra*, depois no seu trabalho, na *Mina de Morro Velho*, que, pelo cálculo feito por nós, através de documentação, ele esteve aproximadamente vinte e dois anos em Nova Lima, vindo para Diamantina, a partir de 1860, tendo *falecido em 20 de julho de 1888⁴* e em nossa Diamantina, viveu aproximadamente vinte e oito anos... *Cerca de Cinquenta anos no Brasil*. O senhor *Joãozinho Mota* (nascido em 1873 e falecido em 1964) disse-nos tê-lo conhecido pessoalmente, pouco tempo antes de o Inglês falecer. Era jovem ainda, tinha quinze anos. Relatou-nos que nunca havia visto coisa mais bela e comovente, que foi esse enterro. Contou-nos que durante seu sepultamento, foram tocadas, pela *Banda Sinfônica de Música inúmeras músicas que o próprio JOHN ROSE havia composto. (' Coro Grande' ou ' Corão ')*. "O féretro saiu de sua casa, no Arraial dos Forros, ao lado do Hospital da Saúde" (naquele tempo, *'Casa do Moreira'* depois *Barão de Paraúna* - também construção do Arquiteto JOHN ROSE, conforme a memória da Família) e "dirigiu-se para a *Igreja do São Francisco*"⁶. (Entrevistado por nós, em 1962).

TONINHO - *Aí é que vem outra parte: - sair de lá, das Minas de Morro Velho, chegar a Gouveia, conhecer aquela que seria a esposa...*

CONCEIÇÃO – *A Manoella Rodrigues da Paixão.*

4. NEVES, José Teixeira. Arquivo – Cx 02, Cad.10 p.17 Biblioteca Antônio Torres – Diamantina MG – (pequenas ressalvas: JOHN ROSE deixou cinco filhos e não quatro como foi registrado e a idade está em divergência com a opinião da Família: "morreu velhinho", não com 64 anos, conforme está escrito).

TONINHO - Que ficou sendo a sua paixão! ...

CONCEIÇÃO - Isso! Que foi a sua paixão! Temos a sua Certidão de Óbito, dizendo que *a Manoella* faleceu em Diamantina, está enterrada no Cemitério local e que *era natural de Gouveia*⁶.

TONINHO - A ideia já está chegando... *JOHN ROSE* veio para Diamantina e constituiu-se como minerador, artífice, músico; como alguém que fez parte, integrou-se nessa Sociedade, ultrapassou a etapa da adaptação e tornou-se amigo do recém-criado *Bispado de Diamantina*, na figura do *Sr. Bispo D. João Antônio dos Santos* e entrou completamente na zona de sua confiança. Para ele realizou uma série de obras, e exatamente nessas obras, nessas marcas é que está sua *história* (construção, reformas de igrejas, residências, etc.), e no mais recente investimento da Igreja na Região, a *Fábrica de Fiação e Tecidos "BIRIBIRI"*. Aí, *JOHN ROSE* pôde expressar todo o seu gênio inventivo, seu carisma, pelas suas atitudes e expressões que aparecem depois nas suas *composições musicais*. Inicialmente, sobreviveu e enriqueceu-se na *Mineração de Diamantes* e na execução de *Obras de Construção Civil* como *Arquiteto ou Construtor*.

CONCEIÇÃO - *A Família dizia ter sido JOHN ROSE o "braço direito" de D. João Antônio dos Santos, porque naquela época vinham muitos estrangeiros para cá, ingleses, franceses e os portugueses já estavam por aqui, mas pessoa com a experiência e capacidade de ajudá-lo, somente este Engenheiro Mecânico e Arquiteto. A maioria veio com intuito de comerciar. Sua experiência era enorme.*

TONINHO - O mais interessante, uma coisa que não se pode esquecer, é que no final do Século XIX, Diamantina ainda não tinha Bispado, era uma cidade que havia se constituído no mesmo momento que as outras Comarcas do Círculo do Ouro. No entanto, todas as outras já possuíam seus Bispados organizados, na proporção de sua importância político-econômica, como Mariana.

5. Ainda não foi encontrada sua Certidão de Óbito. A maioria desses documentos foi incinerada ou desapareceu. Não está completo o Arquivo verificado na Mitra Arquidiocesana, dos Sepultamentos na Igreja de São Francisco.

6. Cartório Elizardo Eulálio de Souza. Oficial do registro Civil, Diamantina MG; Livro C-11, folha 21, termo 084. Óbito em 27 de outubro de 1917. Sepultamento no Cemitério de Diamantina – Viúva de João Rosa – Lugar de Nascimento: Gouveia MG.

Diamantina só veio a ser efetivamente Cidade a partir de 1838, já no Período Regencial e passou a ter o seu Clero Regular estabelecido em 1867, no Segundo Império, por ocasião do governo de D. Pedro II. Havia necessidade deste Bispado se afirmar.

CONCEIÇÃO - Justamente. *D. João Antônio dos Santos* tomou posse em 1863 e o primeiro palácio dele foi, de 1863 a 1867, a "CASA DA GLÓRIA", onde é hoje o "INSTITUTO CASA DA GLÓRIA". Depois é que doou o prédio para as Irmãs Vicentinas e mudou o "Palácio", para a "Casa do Contrato", que até hoje é o Palácio Arquiepiscopal. Foi na CASA DA GLÓRIA que JOHN ROSE construiu o PASSADIÇO, escolhido para ser o símbolo de "DIAMANTINA PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE". O Bispo optou para sua residência onde hoje funciona o Fórum e, para sua família, justamente a casa da frente, onde residia o Sr. Adão da Conceição Rodrigues e Didinha Bacelar, na Rua Macau de Baixo, 52. Basta ver o estilo: preparadas por JOHN ROSE⁷.

TONINHO - Se a gente reparar bem, é um fato de importância capital, na medida em que a constituição do Bispado, aqui, no final do Século XIX, dava à Cidade conotação de um Grande Centro Regional, ultrapassando a importância estratégica da Cidade do Serro. As pessoas com quem *D. João Antônio dos Santos* se relacionava eram de extrema influência do ponto de vista familiar, como seus irmãos Joaquim Felício dos Santos e Antônio Felício dos Santos, que eram seus sócios no empreendimento da Companhia Industrial do BIRIBIRI (Santos & Comp^ª). A condução dos negócios políticos e dos econômicos informa que *D. João* tratou de se cercar das pessoas que podiam efetivamente alavancar esse Projeto e dar a ele significação. Aí, JOHN ROSE tem uma importância fundamental.

CONCEIÇÃO - Há, porém, uma curiosidade que precisa ser comentada... Por que Joaquim Felício dos Santos, irmão de *D. João Antônio dos Santos*, nas suas "Memórias do Distrito Diamantino", não toca no nome de JOHN ROSE e também os outros escritores da época?

Seus outros dois, também filhos da Manoella, nasceram após esta data⁸.

7. Observação dos Entalhes do Fórum e Residência de seus familiares, conforme entrevista com o Sr. Gilson Batista, no Capítulo "Coisas que nos contaram sobre JOHN ROSE".

Posteriormente foi encontrada também a Curatela da *Francisca Rose*, feita pelo mesmo Curador, Joaquim Felício dos Santos⁹. Seria porque o Artífice Inglês era Maçom e Anglicano, sendo amigo íntimo de seu irmão, o Bispo? O preconceito foi mais forte, ou... Simplesmente, o que Joaquim Felício dos Santos fez foi assumir a Curatela dos três primeiros filhos de *JOHN ROSE: Herculano (Boby) Roberto Rose, João Miguel Rose e Maria Rose*, tidos com a *Manoella Rodrigues da Paixão*, até o ano de 1867.

TONINHO- Num momento delicado, em que a Maçonaria e a Igreja estavam em pleno processo de quebra das suas relações harmoniosas... Pode ser! ...

CONCEIÇÃO - E inclusive D. João escreveu a "*Carta contra a Maçonaria*", quando o seu maior e melhor amigo era Maçom e Anglicano, além de ser estrangeiro, inglês, e de ter como esposa uma pessoa de raça negra... Seus parentes dizem até que foi ele quem reabriu a Maçonaria em 1873. Mas, segundo informações da Loja Maçônica, as provas talvez tivessem sido queimadas...

GERALDO - Encontramos a Certidão de Batismo da FRANCISCA ROSE, (Tia Chiquinha) cujo Batismo foi ministrado pelo Bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos, datada de 22 de maio de 1870, constando filha legítima de JOÃO ROSA e Manoella Rodrigues da Paixão, nascida em 19 de janeiro, do mesmo ano. Esta certidão estava incluída no Inventário de JOHN ROSE, com o Reconhecimento do Comendador Herculano Carlos de Magalhães Castro, o famoso "Cula".

TONINHO - Tratava-se de História que não podia ser publicada e impressa, que vivia naquele substrato social das tramas, das fofocas, dos impedimentos e por outro lado é importante ressaltar o seguinte: "***A História tem as marcas que os dominadores desejam***". E JOHN ROSE, no final do Século XIX, tinha se constituído em uma importante figura, a ponto de vir a alterar tal cotidiano, tão solidamente edificado; daí este silêncio das fontes.

8. Escritura de Reconhecimento e Perfilhação que faz JOHN ROSE de três de seus filhos, tidos com Manoella Rodrigues da Paixão, em que assistiu como Curador o Dr. Joaquim Felício dos Santos – Escritor e redator do primeiro projeto do Código Civil Brasileiro, falecido e enterrado em Biribiri, por ser um dos proprietários do povoado. Arquivo da Biblioteca Antônio Torres – IPHAN Diamantina MG Livro de Notas, Caixa 41, Livro14 p.176 a 180v.

9. Arquivo Biblioteca Antônio Torres – Livro de Notas 36, Cartório do 2ºOfício, Maço 161, 1877/1881

CONCEIÇÃO - E ele era o *Anfitrião da Cidade*. Suas duas filhas Mary Rose e Francisca Rose falavam fluentemente Inglês, conforme disseram seus bisnetos Benjamim Batista Teixeira (*in memoriam*) (esposo de Glorinha Botelho) e o Coronel José Irene Teixeira (*in memoriam*) (esposo de Eunice do Carmo) que as conheceram pessoalmente¹⁰.

TONINHO - Exatamente! Até a ponto de *Richard Francis Burton* tê-lo citado quando da sua estada em Diamantina.

CONCEIÇÃO - Richard Burton assim nos relata: "*Na noite de meu primeiro dia em Diamantina, estive em casa de JOHN ROSE, um inglês de Cornualha, originalmente mineiro de Morro Velho, depois Minerador de Diamante, Carpinteiro, Pedreiro, Arquiteto e Músico; seu último emprego fora no Palácio do Bispo. Graças à sobriedade e ao bom comportamento, ajuntara cerca de £5.000, e agora podia gozar amplamente seu gosto pela independência, em palavras e ações*"¹¹. Também o Francisco de Assis Barbosa, no livro: "Juscelino Kubitschek, uma Revisão na Política Brasileira" sobre a chegada de João Alemão à Revolução de 1932, Vol. 1, cita o "João Inglês", espécie de "faz tudo" e "por empreitada" comparando-o com o "João Alemão", o (João Nepomuceno Kubitschek), parente paterno principal de Juscelino Kubitschek, que vai ser o Presidente da República e o JOHN ROSE que gerou esse volume enorme de pessoas, até hoje presentes na sociedade diamantinense, belo-horizontina, brasileira e talvez em outros países¹².

TONINHO - Ao pensar sobre esta perspectiva, nós começamos a dar a JOHN ROSE uma outra dimensão: não do Inglês que vem para explorar, mas do Inglês que vem para morar, que se adaptou às coisas da terra, que fez com que as coisas da terra se adaptassem a ele e acabou alterando e sendo alterado por nossa cidade, Diamantina. A importância de JOHN ROSE não deve apenas prender-se às suas realizações arquitetônicas, mecânicas e culturais, mas devem ser tratadas dentro de um contexto

10. A Maria Rose, pelo casamento com o Maestro João Batista Teixeira, passou a se chamar Maria Rosa Teixeira, avó de Benjamim que o criou, porque seu pai, Benjamim Batista, faleceu pouco antes de seu nascimento e a Francisca Rose terminou seus dias em casa do Coronel José Irene Teixeira, neto da Maria Rosa, filha de Vicente Batista Teixeira e Verônica, como costureira da Polícia Militar de Minas Gerais.

11. BURTON, Sir Francis Richard. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Livraria Itatiaia Editora Ltda., SP. p.89

12. BARBOSA, Francisco de Assis. *Juscelino Kubitschek, uma revisão na política brasileira – Da chegada de João Alemão à Revolução de 1932*. Vol. 1. Livraria José Olimpio Edit., RJ, 1960.p. 79.

maior que é a Modernização da Sociedade Brasileira, na Transposição do Escravismo para o Capitalismo (Ver no Capítulo das Obras: 'Serralheria e Carpintaria Artística'). Quase que de forma idêntica, guardando-se as suas proporções, a modernização impressa na economia diamantinense, num nítido enclave escravista, reflete esta *Transposição da Sociedade Brasileira*. Neste quadro, JOHN ROSE não foi só ator, mas um dos protagonistas principais. Foi capaz de colocar em movimento modernas tecnologias ainda não acessíveis à produção local. Inovou em estilo, materiais e formas a arquitetura local. Sua sensibilidade ainda permitiria tornar-se exímio compositor musical, onde as influências do *Romântico Europeu* podiam ser notadas. Uma adaptação europeia aos trópicos. Dono de raro talento musical, tanto executou, quanto compôs expressivo número de chorinhos, valsas, fantasias, etc. (Ver o Capítulo: 'A Música no Casarão'). Vagarosamente, a sociedade brasileira iniciava sua transição para uma sociedade tipo urbano e industrial.

CONCEIÇÃO - Um fato que foi contado pelo neto dele, o *Oscar Batista Teixeira*, e este, por sua vez, antes de falecer, relatou a seu filho primogênito, *Vicente Gomes de Oliveira* (advogado e ex-diretor do Centro Ótico Belo Horizonte), também do conhecimento de muitas pessoas, inclusive de vários parentes seus, "*da falência de JOHN ROSE*, a partir de 1883, (que talvez tenha sido a causa de sua morte), por ter assumido o endividamento da primeira usina hidroelétrica do Brasil, ou melhor, da América do Sul". "*Foi JOHN ROSE quem colaborou e avalizou a compra, na Inglaterra, colocando-a para funcionar a 'Boa Vista Mining Company', que esteve instalada no Ribeirão do Inferno, afluente do Rio Jequitinhonha, Diamantina MG, com 'a mais extensa linha de transmissão do mundo, como também uma das mais antigas'. Seus proprietários foram inadimplentes ('pagariam a Inglaterra com diamantes...') e os bens de JOHN ROSE foram confiscados para pagamento da Usina" (Processo Judicial)¹³. A Revista Mundo Elétrico (1964,) em seu artigo "Primórdios da Geração Hidroelétrica" nos oferece o seguinte: Um ofício, datado de 17 de junho de 1883, do Prof. Claude Henri Gorceix, Emérito Diretor da Escola de Minas, de Ouro Preto, diz: - "... *Daqui a alguns dias estarei no Ribeirão do Inferno, onde o Sr. De Bovet serve-se de eletricidade em grande escala para manobra de suas máquinas de extração de cascalho...* " O Prof. Armand de Bovet integrou, contratado pelo Governo Imperial, o magnífico Corpo Docente da Escola de Minas, de Ouro Preto... *suas máquinas de extração de cascalho...*". "O Prof. Armand de Bovet integrou, contratado pelo Governo Imperial, o magnífico Corpo Docente da Escola de Minas, de Ouro Preto. A Usina do Ribeirão do Inferno, (afluente do*

Jequitinhonha) a primeira do Brasil e uma das mais antigas do mundo situada no Município de Diamantina, Província de Minas Gerais, era integrada por uma Barragem, que criara desnível de 5 m, e a Casa de Força dotada de duas máquinas Gramme de 8 c.v. cada uma, 1500 rpm, corrente contínua, acionadas por roda d'água de madeira com 3,25 m de diâmetro. A energia era utilizada a 2 km de distância a mais extensa linha de transmissão do mundo, pois, a de Niagara Falls (EUA) tinha apenas 1,5 km. "Tal energia, produzida inicialmente movimentava duas bombas de desmonte a jato d'água do terreno diamantífero e, após poucos meses passou a ser utilizada para fins de iluminação" ¹⁴. No inventário de *JOHN ROSE* as "*Folhas de Declaração de Bens*" estão em branco. Não foram encontradas as descrições dos bens... - Onde estariam esses papéis? - Seus bens foram confiscados pela Inglaterra? - Onde estarão as provas? ...

TONINHO - São as incógnitas, elas não vão surgir aqui, acolá, como se fossem obras da sorte ou do acaso. Não por sorte dos deuses, elas vão aparecer no seu tempo, porque na verdade elas fazem parte desta "*Trama*".

CONCEIÇÃO - "*Mas o espírito de JOHN ROSE era sempre elevado não se deixou abater facilmente, não viu outra saída, ia sempre em frente. Para ele, a fé e a ciência eram formas de chegar até Deus, tudo através do trabalho. Partiu para outras obras com elegância e grande estilo e continuou ao lado de seu amigo D. João, até ficar velho e falecer, trabalhando na Basílica do Sagrado Coração de Jesus*". Eis o relato feito a nós, por sua neta e minha sogra *Maria Cristina Falci Rose Tibães*, um ano antes de falecer, quando visitava conosco todas as obras de seu avô *JOHN ROSE* (1968). Nova pergunta nos é feita: - *Mas afinal, onde nasceu JOHN ROSE?* Pelo Processo criminal que estamos a procura, talvez identifiquemos sua família na Inglaterra e outros fatos mais. Sabemos que nasceu no condado de Cornwall, Inglaterra. Para nos ajudar, temos uma entrevista com um senhor de Biribiri, o

13. *Biblioteca do Exército – Editora Publicação 474 – Coleção General Benício – Vol. 154 – 1077. RJ. Está registrado que Diamantina MG, em 1883, foi a primeira cidade a fazer o aproveitamento hidroelétrico, para uso privado. A energia elétrica no Brasil da primeira lâmpada à Eletrobrás (notícia de capa – última) pp. 54-55.*

14. *Recorte do "Mundo Elétrico", 1964 – doação do Sr. Afonso Pereira, ex-funcionário da CEMIG em Diamantina MG e filho de ex-operária da Fábrica de Biribiri.*

Gabriel Brant, apelidado de "*Bié Brant*", (90 anos na data da entrevista), que nos narrou muitos acontecimentos contados por seu pai, o *Sr. Antônio Brant*, (esposo da Sra. Maria Bernarda), afilhado de D. João Antônio dos Santos e que trabalhou desde a montagem do *BIRIBIRI*. O *Sr. Antônio Brant* dizia haver aprendido a trabalhar com o "*SEU JAMES*", juntamente com os dois filhos do Inglês, rapazinhos bastante novos, porém trabalhadores. Faziam trabalhos de mecânica e de carpintaria, na Fábrica. Aprenderam com o pai. Eram eles o HERCULANO ROBERTO ROSE e o JOÃO MIGUEL ROSE. Possuímos certidões de nascimento dos dois filhos do Inglês, nascidos em BIRIBIRI, onde constam suas profissões, "Mecânicos e Marceneiros"¹⁵. O Sr. Bié Brant escutou o pai dizer inúmeras vezes que "*SEU JAMES*" falava em "*Loja de Máquinas, na Inglaterra, pertencente a seu pai*", porém não mencionava os nomes, ou não os entendia. A família Brant chegou a possuir máquina de costura "Singer", comprada nessa loja, como lhe disse o velho Inglês, "na loja de meu pai, na Inglaterra"... Quando residia em Biribiri, eu, CONCEIÇÃO, os conheci pessoalmente e já bem idosos, o senhor *Antônio Brant* e sua esposa Maria Bernarda, pais do Bié Brant. A Maria Bernarda tocava com maestria o harmônio (órgão) da Capela do Sagrado Coração de Jesus, do Biribiri e através de partitura musical. Dizia ter aprendido com a família do "Velho Inglês", como diziam, família do "*SEU JAMES*". Tia Chiquinha (a *Francisca Rose*), vivia itinerante entre o Biribiri e Diamantina ensinando música. Ficou sendo a professora no lugar do pai. Muitos são os escritores que falam sobre a "Música ao Vivo", no BIRIBIR, no tempo de D. João e depois, mas ninguém jamais se preocupou em saber quem ensinava os patrões e operários a tocar os instrumentos e tudo por partitura, chegando o *Sr. José Guerra Mandacaru (in memoriam)* com 80 anos na data da entrevista, filho e neto de proprietários do *BIRIBIRI*, descendente do *Sr. Cel. José Marques Nogueira Guerra*, tendo nascido lá também, a dizer que "*seus pais acompanhavam o mundo, no clássico e romântico*".

15. Certidão de nascimento de Maria José Falci Rose (Tia Zezé) nascida no povoado de Biribiri, neste Município, em 19/09/1892, filha de João Miguel Rose e Cristina Falci, neta de John Rose/Manoella Rose e de Pedro Falchi/Anna Querubina Falchi (Pedro Falchi – natural da Província de Salerno, na Itália).

*“As músicas tocadas na Europa chegavam com poucos meses ao Brasil, ao Biribiri”. Diziam até existir Banda de Música, naquele lugar. “Houve operários que chegaram a construir lá instrumentos musicais nas Oficinas da Fábrica”. Os filhos do Sr. Francisco (Chico Baiano), conforme nos disse o filho Expedito (*in memoriam*): seu irmão David (falecido), construiu um acordeom, na Oficina. Fundiam coisas lindíssimas. A todos estes operários, conheci pessoalmente.*

TONINHO - E sobre os filhos do JOHN ROSE, o que tem a dizer?

GERALDO - Será de grande importância registrar que o filho de JOHN ROSE, o *Herculano Roberto Rose*, recebeu esse nome por ser afilhado do Comendador *Herculano Carlos de Magalhães Castro*, o “Cula”. Tomamos conhecimento pelo inventariado do inglês, quando o Sr. *Herculano Carlos*, colocando sua mão direita sobre a Bíblia, jurou ser “*Íntimo da Família ROSE*”, de ser compadre de JOHN ROSE e poder dar o seu testemunho a favor da FRANCISCA ROSE que, apesar de possuir apenas 18 anos, “*tinha todas as qualidades, critério e o senso bastante não só para administrar os bens da família, como para reger sua pessoa, pois a conhece desde a tenra idade*”. Foi a FRANCISCA ROSE quem assumiu o inventário do pai, e a curatela de seu irmão menor, em lugar de sua mãe, *Manoella Rodrigues da Paixão*¹⁶. Do Herculano, filho mais velho de JOHN ROSE, conseguimos em nossa pesquisa, nos Arquivos da Mitra Arquidiocesana, encontrar bilhetes, de próprio punho, de D. João Antônio dos Santos, solicitando-lhe enviar algum dinheiro dos cofres da Fábrica do Biribiri, para as suas despesas. (Caixa 4 Correspondências D. João de 1848 a 1905). Encontramos, também, as folhas de reposição, (alguns recibos) dos Contos de Réis. O Herculano Roberto Rosa era o “homem de confiança” de D. João e o “Chefe da Mecânica da Fábrica”, no lugar do pai, quando este teve de realizar outras obras fora do Biribiri, em Diamantina e arredores.

16. Itália e sepultado nas Carneiras da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo - Igreja do Carmo - Diamantina - MG) .Cartório de Registro Civil Elizardo Eulálio de Souza – Liv.A/23, fl57v. Termo 380. Diamantina MG. No Livro 02 – Registro de Nascimentos – do mesmo Cartório, fl. 130v, Ordem 15 – Consta o nascimento de Maria, filha legítima de Herculano Roberto Rosa e de sua mulher Raymunda Moreira, ocorrida em sua residência, no Biribiri, dia 22 de janeiro de 1896, sendo seus avós paternos John Rosa (falecido) e Manoella Rodrigues da Paixão. Avós Maternos Ivo Moreira da Cruz/ Filisbina da Cruz

"Herculano acompanhava o Bispo em suas cavalgadas entre a Fábrica e a Cidade de Diamantina, até o casarão da Família, na Rua do Hospital. Vinham sempre juntos", como nos disse o Major Josué, seu sobrinho, que ia esperá-los, sempre, à porta do casarão, quando criança. Tomamos conhecimento desses pormenores, através das entrevistas que fizemos com seus sobrinhos: Major Josué e Maria da Conceição Batista Teixeira, filhos da Maria Rose, irmã do Herculano.

CONCEIÇÃO - Conforme nos relatou Moisés Vieira (*in memoriam*), mecânico aposentado da Fábrica "Antonina Duarte", que trabalhou em São Roberto e morou também no Biribiri, "o Herculano fazia reparos na turbina da Fábrica de 'São Roberto', juntamente com seu pai ou em seu lugar", fatos estes, narrados por sua avó, que era de Gouveia e lhe contava muitas coisas sobre esse Inglês e o filho, que eram "gente muito boa" e que haviam montado a Fábrica de Biribiri, para D. João Antônio dos Santos. "Ele era um Engenheiro, ao que parecia". "Minha mãe trabalhou muitos anos em Biribiri e sabia tocar Clarinete". Quando se mudou para Diamantina, fez parte do conjunto musical "Corinho". O falecimento de Herculano deu-se em Belo Horizonte, no dia 20 de junho de 1932, onde deixou numerosa família e nos foi revelado pela Hilda dos Santos Rosa (*in memoriam*), sua neta, filha de José do Espírito Santo Rosa (*in memoriam*), e Arminda Santos Rosa (*in memoriam*), mãe da jovem Suzete (*in memoriam*)¹⁷.

TONINHO - Sr. Geraldo, fale para nós sobre seu avô JOÃO MIGUEL ROSE. Parece que existe uma interpretação confusa, nas *Certidões de Nascimento e Óbito* de alguns membros da família, com o nome dele e do seu irmão menor, o qual cremos ser JOÃO JAQUES ROSA...

GERALDO - Sim. Há algumas certidões que declaram ser o JOÃO MIGUEL ROSE ou ROSA, nosso avô, casado com *Cristina Falci* e está certo. Foi ele mesmo o nosso avô. Outras constando o nome JOÃO JAQUES ROSA ou ROSE, inclusive a minha. Nos estudos feitos por nós, deveria estar registrado, em todas as certidões, o nome de JOÃO MIGUEL ROSE, como está declarado no *Reconhecimento e Perfilhação feita em 1867*, por Joaquim Felício dos Santos. Foi ele o segundo filho de JOHN ROSE e MANOELLA RODRIGUES DA PAIXÃO. Quando JOHN ROSE faleceu, o filho menor, o quinto, teria a idade calculada de oito anos; o

17. Inventário de John Rose – Biblioteca Antônio Torres – IPHAN Diamantina MG, Cartório 2º Ofício, Maço 126, pág.127

João Jaques Rosa. (em Inglês, 'Jack', Jaques, quer dizer 'menino', 'Joãozinho'). Por engano, os declarantes ou outros, por homônimos, cometeram total troca dos nomes. O JOÃO MIGUEL ROSE, casado com *Cristina Falci*, nosso avô, faleceu aos trinta anos, como nos disse a minha mãe, que era filha dele e deixou quatro filhas: *Maria da Conceição (tia Naná)*, que conheceu o *JOHN ROSE* pessoalmente e seu nascimento se deu aproximadamente em 1880. O falecimento de *Tia Naná* aconteceu em 03 de abril de 1968, na Santa Casa, em Diamantina. Assistimos o sepultamento. *Maria Cristina (Neném)*, *minha mãe*; *Vicentina (Mestra - Vicentina)* e *Maria José (Tia Zezé)*^{18 19 20 21}.

Além de mecânico, ele era hábil marceneiro e entalhador. As formas para os trabalhos, em bronze, das fundições, bem como entalhes na madeira ou em pedras eram suas especialidades, como nos disse o Sr. *Pedro Borges (in memoriam)*, ex-mecânico da Fábrica de Biribiri, justamente como relatou o seu pai o Sr. *Sebastião Borges (in memoriam)*.

Meu primo, *Orlando Tibães (in memoriam)*, esposo de Leopoldina Correia Tibães (*in memoriam*) e filho da *Tia Naná*, antes de falecer, disse-nos que sua mãe possuía algumas caixinhas "porta-joias" lindas, entalhadas na madeira, feitas pelo pai. Também o conheceu pessoalmente e na época de seu falecimento, *Tia Naná* estava com aproximadamente dez anos de idade. O retrato que temos dele lhe pertencia. Ela nos falou bastante sobre seu pai *JOÃO MIGUEL ROSE* e o avô, *JOHN ROSE*, antes de falecer, aos oitenta e cinco anos.

18. Certidão de Óbito, Cartório Primeiro Subdistrito da Capital – Liv 45, fl217, Termo 563. Registrado pelo sobrinho Vicente Batista Teixeira e falecimento acontecido em seu domicílio à Avenida Brasil, 66 – Belo Horizonte MG.

19. A Certidão de Óbito de João Miguel Rose consta com o nome de João Jaques Rosa, falecido aos trinta anos de idade, em 19/10/1902 – C 02, fl 177v, Termo 157 – Enterrado na Igreja do Rosário. Cartório Elizardo Eulálio de Souza Diamantina MG. Data confirmada por suas filhas.

20. O mesmo engano foi cometido no Registro de Óbito de sua esposa Cristina Falci, onde consta o esposo João Jaques Rosa, Livro C 10, fl 22v, Termo09, com a idade de 50 anos, deixando justamente as quatro filhinhas, já mencionadas.

21. Certidão de Nascimento de Maria Cristina, nascida a 01/09/1890 Liv. A2, fl 53v, Termo 56 do Cartório de Diamantina. Falecimento em Senador Mourão Liv.01, fl.167, Termo 140, Cartório de Senador Mourão. Quando sua mãe Cristina faleceu, estava com 24 anos (Maria Cristina Falci Rose).

CONCEIÇÃO - Outra prova destes enganos nas Certidões de Nascimento e Óbito da família foi tirada pela pesquisa que Geraldo e eu fizemos no Rio de Janeiro, para conhecer onde passaram sua infância e adolescência as três filhas menores, de JOÃO MIGUEL ROSE, Neném, Vicentina e Zezé. Com o falecimento do Pai, JOÃO MIGUEL, e as enormes dificuldades financeiras que a viúva Cristina Falci teve de enfrentar, o seu irmão, Padre Antônio Falci (Lazarista, da Congregação da Missão) (*in memoriam*), levou as três meninas para o Rio de Janeiro, onde era Capelão da Santa Casa de Misericórdia (1894) e as entregou às *Irmãs Vicentinas*, no "*Colégio da Divina Providência*", Bairro das Laranjeiras, para educá-las. Neném tinha quatro anos, Vicentina três e a Zezé dois. As três meninas ali permaneceram até se formarem Normalistas. Naná ficou em Diamantina, com os avós maternos. Sua Mãe, *Cristina Falci*, conservou-se na Cidade, exercendo a profissão de parteira das famílias diamantinenses, entre elas, a família Horta, de *Dorinha Horta* (minha avó materna) e *Antonina Duarte*, (minha avó paterna e esposa de Algemiro Pompuloni Duarte, "Seu Melo", que se tornou Proprietário da Fábrica de Biribiri) em 1921. As minhas avós sempre nos falavam de sua extrema dedicação para com as pessoas que dela precisavam, por ocasião do parto de seus filhos. *Cristina Falci* faleceu aos cinquenta anos, de meningite, na Santa Casa de Caridade.

O Sr. Provedor do Hospital Nossa Senhora da Saúde, Cônego Severiano, na ata da Segunda Reunião, em 14/04/1901, cita a Senhora *Cristina Falci* com o cargo de "Adjunta do mesmo Hospital", ao lado de D. Etelvina Carneiro, Administradora. Sua certidão de óbito declara que deixou órfãs as quatro meninas, já mencionadas, que gostavam de nos contar como eram felizes quando residiam no Casarão do Biribiri, com seus enormes corredores, onde corriam, corriam... embora fossem bem pequenas.

*"É fácil dar. O difícil é dar-se.
E a suprema oferenda consiste em dar a vida".(Ignacio Larranãga)*

ALGUMAS OBRAS ARQUITETÔNICAS DE JOHN ROSE

"Onde existe Arte, tem de haver um Mestre Artesão".

1) NOVO PRÉDIO E CAPELA DA SANTA CASA DE CARIDADE



TONINHO - Gostaria de ouvir alguma coisa sobre a Construção do Novo Prédio (Hospital) da Santa Casa de Caridade de Diamantina e da Capela, outra obra atribuída a *JOHN ROSE*. Sei que o Sr. Geraldo e Dona Conceição, além de conhecerem a História, fizeram uma boa pesquisa sobre ela.

GERALDO - Sim. Exatamente. A Tia Modestina Falci, que era irmã de minha avó *Cristina Falci*, (nora de *JOHN ROSE*) sempre nos falava sobre este assunto, dizendo que foi *JOHN ROSE* o Construtor da Capela e dos Pavilhões Novos da Santa Casa de Caridade. Tia Modestina morou, juntamente com a *Tia Zezé* (neta de *JOHN ROSE*), muito tempo na Rua da Caridade, 133, Centro, onde hoje reside a Sra. Terezinha da Conceição Reis Mota, esposa de Antônio "Caixinha" (*in memoriam*). Esta Casa é em frente à Santa Casa e "logo quem a vê nota o seu

estilo Inglês", comentou conosco a senhorita Leila Guedes, nossa vizinha. Conceição fez pesquisa nos livros antigos da Santa Casa, como também na Biblioteca "Antônio Torres".

CONCEIÇÃO - Foram lidos os *Relatórios da Administração da Santa Casa, de 1870 a 1890 e Livro de Receitas e Despesas de Maio de 1832 a julho de 1908* encontrados, alguns em bom estado e apresentados pela Mesa Respectiva e pelos Srs. Provedores, daquele tempo. A impressão de alguns relatórios foi feita na *Oficina Typographica do Comm. Herculano Carlos de Magalhães e Castro, o "Cula",* compadre de JOHN ROSE e proprietário do Jornal "O Jequitinhonha" (Folheto da Conta Corrente do ano de 1871, p.11). No Relatório sobre a FUNDAÇÃO E HISTÓRIA, pag. 2, lemos o seguinte: "A 23 de Maio de 1790, dia em que cahio a festa da pascoa do Espirito Santo, foi fundada a casa de caridade do então Arraial do Tijuco e hoje cidade de Diamantina, sendo Governador da Capitania das Minas Gerais o visconde de Barbacena, intendente geral dos diamantes no referido arraial o desembargador Luiz Beltrão de Gouveia e fiscal o Dr. João Ignacio do Amaral, de terrivel memoria. Para este fim, comprou-se ao Capitão Manoel de Souza por 3:500 cruzados, uma pequena casa de defeituosa construção, em frente da ponte de pedra que vae ter a rua da Luz. Essa quantia foi paga em partes iguaes pelo capitão Manoel Rodrigues de Carvalho e pelo Revd. Pe .Dr. Carlos da Silva e Oliveira Rollim. Esse Pe. Rollim era filho de Jose da Silva Rollim e Oliveira, em cuja casa, um anno antes se fazia aqui as reuniões secretas dos chamados inconfidentes, e irmão do Pe. José da Silva e Oliveira Rollim, que por largos annos jazeu na prisão do Limoeiro, em Lisboa, acusado como cúmplice do Tiradentes e dos outros auctores da mallograda tentativa da independencia do Brasil, em 1789. Como se sabe, pelas 'Memorias do Distrito Diamantino', do Dr. Joaquim Felicio dos Santos, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, na sua passagem pelo Tijuco, vindo da Bahia para Villa Rica, iniciara na gloriosa conjuração republicana com diversos habitantes de nossa população e familia Rollim tornou-se aqui o nucleo dos patriotas. O Pe. José da Silva Rollim sofria a prisão e o degredo na Africa, enquanto seu illustre irmão fundava o Hospital do Tijuco. Assim por mais de um titulo é essa familia credora das sympatias do povo diamantinense. Comprada a casa foi ella entregue ao Ermitão Manoel de Jesus Fortes, cognominado irmão fundador e zelador geral do hospital e mais tarde esmoler". Falando sobre o edifício do novo hospital, lemos o seguinte: - "A antiga casa, construída em 1792, era um edifício de construcção acanhada, em parte terrea, sem compartimento

adequado, com mesquinhos quartos forrados de esteira, mal arejados e sem nenhuma das condições sanitárias requeridas em um Hospital. (...). A Mesa Administrativa de que fazião parte como Provedor o Dr. Manoel Alves Ferreira Prado e o Thesoureiro o Comm. Sr. Herculano Carlos de Magalhães e Castro (desde 1864 até 1870), compenetrada da necessidade de crear um novo edificio segundo os preceitos da hygiene e digno da importante cidade de Diamantina, só consultando os seus sentimentos de caridade e desejos de prestar tão relevante serviço ao nosso torrão, emprehendeu elevar desde os alicerces e sobre as ruinas do casebre o belo hospital que hoje conta-se entre os melhores edificios de nossa cidade. Para esse audaz commettimento, só havia em cofre a quantia de 531\$000. Não menos de 30:383\$201 agenciou por subscrição, esmolas e donativos a ilustre mesa credora da gratidão dos que se interessão pela causa da pobreza enferma (...). Em 2 de janeiro de 1866 ergue-se o primeiro esteio da construcção do novo hospital. No primeiro de janeiro de 1867, teve lugar a cerimonia religiosa da benção da Capella da Padroeira Santa Isabel, pelo Ex.mo. E Rev.mo. Sr. Bispo de Diamantina..." (páginas 7,8 ss.).

(Seguem explicações excelentes sobre toda a construção. Por falta de espaço, não há condição de copiá-las. Em tudo vemos a marca do Arquiteto Inglês, seu estilo, segundo informações técnicas do trabalho da Sra. Celina Borges Lemos (Lemos, 1999). No Relatório (Anexo X) apresentado pelo Provedor Sr. Cel. José Ferreira de Andrade Brant, existe a Relação dos Irmãos da Santa Casa, (tudo em ordem alfabética).

RELAÇÃO DOS IRMÃOS DA SANTA CASA DE CARIDADE, ENTRADOS DESDE 1837 ATÉ O DIA 04 DE JULHO DE 1871: "O numero de inscriptos até aquele dia era de 426, depois passou a 638", como consta no anexo 1 e 2. Com o número 229, encontra-se JOÃO ROSE, sendo admitido no ano de 1865, ao lado do Sr. D. JOÃO, Bispo de Diamantina, que recebeu o número 218, tendo sido admitido em 1864, ambos registrados na página 23. Na gestão do Tesoureiro João Theodoro Fernandes, de 1870 a 1871, folhas 70a 73b, encontramos em fevereiro do ano de 1871 (16) a seguinte declaração: - "Esmola dada pelo ex-credor da Casa, JOÃO ROSE, na ocasião de seu pagamento, a quantia de 63\$250". Confirmando este documento, vê-se no Relatório da Administração, apresentado pela Mesa Respectiva, durante o Ano Econômico de 1870 a 1871, nas páginas 12 e 13, Donativos e Esmolas Legados a Santa Casa: de JOÃO ROSA, por abatimento em conta que cobrou 63\$250. O Livro de Receitas, apresentado pelo Tesoureiro

Francisco Coelho de Araújo, com as datas de 1884 e 1885 recebendo "Pagamentos Annuais" de várias pessoas, entre elas *JOÃO ROSA Recibo n.º 37*, da quantia de 25\$000. De *D. João Antônio dos Santos*, com o n.º 25; *D. Mariana dos Santos*, n.º 44; *Pedro Jorge Brandão*, n.º 3 e outros, nossos conhecidos na história. (pp.142b/143b). Esses e muitos outros testemunhos de solidariedade nos deram e virão dar o **JOHN ROSE**, ao longo de sua história. Na entrevista que fizemos com o Sr. **Hermê Cardoso** (*in memoriam*), grande amigo do **Oscar Batista**, já mencionado **neto de JOHN ROSE** e que lhe falava bastante da espiritualidade do avô, disse ter ele despreendimento das coisas materiais, como se diz "mão aberta".

"DIAMANTINA PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE,
SANTA CASA PATRIMÔNIO DA COMUNIDADE"

(*Dr. Fernando Antônio Lopes Magnani*)

2) O "PASSADIÇO" DA CASA DA GLÓRIA SIMBOLO DE
"DIAMANTINA PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE"



Passadiço da Glória. Fonte: <http://www.blogturismodeminas.com.br/diamantina>



Ponte dos Suspiros. Fonte: <http://www.travelmilanitaly.com/wpcontent/uploads201411venicetour>

"A lembrança é uma forma de Encontro"
(Kalil Gibran)

PASSA - DIÇO

*"Começa aqui a sua História,
no topo da Rua da Glória,
donde emergem recordações.
Neste Século de existência,
Rogamos a Deus a indulgência:
propagar as gerações.*

*Árdua e penosa batalha
transportar madeiras da Palha
dos terrenos da Chica Esnobe.
Eis agora o PASSADIÇO,
esbanjando orgulho e viço
a abrigar a gente nobre".*

(Alguns versos do poema "PASSA - DIÇO", de Maria das Graças Mourão Fagundes, do Livro "GOTA A GOTA", por ocasião dos 120 anos de existência do Colégio N. S. das Dores – 1867/1987).



Acervo Histórico Fotográfico: "Zé da Sé" em <http://zedaseblog.blogspot.com/>

TONINHO - O que temos a dizer sobre esta obra atribuída a *JOHN ROSE*?

CONCEIÇÃO –*“Nada se improvisa na vida de um homem. O ser humano é sempre filho de uma época e de um ambiente, como as árvores e as plantas. Para saber quem é um homem, temos que olhar a seu redor. É o que se chama ‘Contorno Vital’”*. Os biógrafos não dizem quase nada sobre a *construção do PASSADIÇO DA CASA DA GLÓRIA*. As fontes guardam silêncio a respeito, mas dispomos, entretanto de elementos suficientes para afirmar que *foi JOHN ROSE o construtor do PASSADIÇO DA CASA DA GLÓRIA*. Quando nos casamos, em 1956, o *Geraldo e eu* fomos chamados pela *Irmã Vitória Brandão* e por sua companheira *Irmã Vicência Rabelo*, ao Colégio N. Senhora Das Dores. Queriam dizer-nos alguns fatos importantes, antes de falecerem, pois, já estavam bastante idosas. *A Irmã Vitória*, nascida em Icaraiá dia 21 de agosto de 1884, Estado do Rio de Janeiro, chegou a Diamantina aos 20 de dezembro de 1906. Com 74 anos, faleceu em 03 de junho de 1958

A *Irmã Vitória* foi homenageada em 1984, nas comemorações da Semana da Pátria em Diamantina, conforme Projeto de autoria da pesquisadora e escritora *Maria da Conceição Duarte Tibães*, com colocação de uma Placa com seu nome em rua da cidade, Bairro Polivalente, as alunas do Colégio dedicaram-lhe o seguinte coro:

- *"Irmã Vitória era diamantinense de coração. Tanto assim que, em uma prova oral assistida por um Inspetor Escolar / uma aluna discorria sobre o Estado de Goiás.*

_ *O Inspetor interpellando-a sobre aquele sinal no mapa, / bem no coração do Brasil... _ A resposta foi positiva... / Tratava-se de uma marca onde em tempos vindouros / seria a Capital do Brasil. /*

_ *E a Irmã Vitória profetizou. /*

"Sabem, / o Brasil só terá uma nova Capital / quando um diamantinense ocupar o cargo de Presidente da República!"

_ *A profecia foi realizada!.../*

_ *Um diamantinense, / Juscelino Kubitscheck / ilustre conterrâneo, / fez a mudança da Capital. /*

_ *Ele, o Nonô Kubitscheck, recebeu aulas de Catecismo ministradas pela Irmã Vitória.*

_ *Hoje, / num preito de reconhecimento, / todos nós unimos / para uma homenagem / àquela que tanto amou nossa terra, / e a nossa gente*

_ O seu nome está gravado, / não só numa placa, / ou nomeando uma rua, / mas acima de tudo, / em cada coração.

_ A Diretoria, / Irmãs, / Professores e alunos do Colégio agradecemos ao Sr. Prefeito e diamantinenses / a honrosa homenagem prestada à nossa saudosa Irmã Vitória".

A *Irmã Vicência* que, aos 91 anos de idade faleceu a 14 de março de 1960, recebeu também rua com seu nome, bem no centro de nossa cidade, ligando a Praça Correia Rabelo, à Praça Barão de Guaicuí. Hoje mudaram o local da rua para o Bairro Polivalente, nos antigos terrenos que pertenciam ao Colégio "Nossa Senhora das Dores".

– O que desejariam mostrar-nos? Foram mestras tão dedicadas!

GERALDO - Era confirmarem que a Construção do Passadiço, a Casa da Glória e a Reforma da Casa ter sido obra do Artífice JOHN ROSE e não de outra pessoa, como nós da família já sabíamos, pois em casa de minha mãe havia um retrato da Inauguração do Passadiço e toda família conhecia bem a História. Mostraram-nos as placas ali existentes, confeccionadas por seus filhos na fundição da Fábrica de Biribiri: - uma no Parlatório, feita em bronze, escrita "BIRIBIRY", e outra, entalhada na madeira, que ficava dentro do Passadiço, com sua própria letra. Na Placa de bronze também estava escrito "*JOHN ROUSE CONSTRUTOR*".

CONCEIÇÃO - O motivo pelo qual fomos chamados era porque estávamos bastante ligados a *JOHN ROSE*: - O Geraldo, seu bisneto, era filho de uma pessoa, que fora criada, desde criança, pelas Irmãs Vicentinas, no Colégio da "Divina Providência", no Rio de Janeiro e neta dele, a MARIA CRISTINA FALCI ROSE. E eu tinha sido aluna do Colégio (1951) e era Professora da Escola Estadual "Maria Augusta Caldeira Brant", que funcionava naquele mesmo prédio (de 1952 a 1980). Suas preocupações consistiam em não deixar morrer a Verdadeira História do *PASSADIÇO*. "*Quando adquiriram a casa da frente, o prédio que foi propriedade de Rodrigo de Souza Reis, as Irmãs necessitavam de algo que unisse os dois prédios pertencentes ao Colégio, para o trânsito, pois, na habitação da frente, mandaram fazer a Capela, o Dormitório das Religiosas ('Chambre'), a Adega, etc. Era incômodo passar pela rua, todas as horas, principalmente quando estava chovendo, ou à noite*". A Capela era linda! Quantas recordações! E a Mesa da Comunhão?... Tudo entalhado na madeira, o Confessionário, que está inteiro, como vemos até hoje... Foi ali que o Geraldo e eu nos preparamos para o nosso

Casamento Religioso, com o Padre Lazarista, Luiz Rodrigues de Albuquerque (*in memoriam*). E, quando professora, levava sempre os alunos para orarmos, nesta Capela.

O PASSADIÇO ERA UMA RÉPLICA DA PONTE DOS SUSPIROS DE VENEZA.

Lúcia Machado de Almeida, em seu Livro "PASSEIO À DIAMANTINA" (ALMEIDA, 1960) diz: "(...) até encontrar a Rua da Glória, que vamos subir. Em lá chegando, logo nos chamará a atenção um PASSADIÇO que faz lembrar a PONTE DOS SUSPIROS DE VENEZA, atravessando a rua lado a lado, ligando dois velhos prédios".

Ideia surgida entre os dois grandes amigos e de casas vizinhas, JOHN ROSE e o Italiano, Província de Salerno, PEDRO (FALCHI) FALCI, cuja filha CRISTINA FALCI era casada com o filho de JOHN ROSE, JOÃO MIGUEL ROSE.

GERALDO - E ambos trabalharam bastante tempo com as Irmãs, na adaptação e sustentação do Colégio e Orfanato Nossa Senhora das Dores. Enquanto o meu bisavô Inglês cuidava da Arquitetura, o meu bisavô Italiano, Pedro Falci, latoeiro e cultivador de vinhas, dedicava-se à Adega e às necessidades arquitetônicas de seu ramo. Trabalhava com *Folhas-de-flandres*. (Observa-se que é de 'latão' a cobertura do Passadiço, do portão lateral, etc.). *E não de "amianto" como pensam muitas pessoas. "A produção de vinho, chegou em quantidade para exportação"*, disse-nos a Irmã Vicência, grande admiradora desses dois imigrantes que muito bem fizeram à nossa Terra e deixaram sólidos marcos, porém estavam esquecidos.

O filho do meu bisavô Pedro Falci era Padre Lazarista, da Congregação da Missão. Padre Antônio Falci estudou no Seminário de Diamantina, Rio de Janeiro, Petrópolis, Caraça e, depois de ordenado Sacerdote, tornou-se Capelão da Santa Casa de Misericórdia, do Rio de Janeiro, onde ficavam as Irmãs de S. Vicente de Paulo, as Vicentinas (1894). Foi Professor dos Seminários do Caraça, de Mariana, de Diamantina, e Missionário em muitos outros lugares do Brasil, inclusive Bahia. Possuía uma das maiores Bibliotecas do Brasil. Também pelo Italiano Pedro Falci, foram plantadas vinhas em sua casa, no Arraial dos Forros, cujos terrenos são hoje do "Campo de Futebol Tijuco", na Chácara dos Padres Lazaristas, (Chácara das Missões) na Casa do Contrato que se tornou Palácio do Bispo D. João, nos terrenos da Santa Casa e em outros lugares de Diamantina. Tudo confirmado pela artista plástica, Sra. Martha Moura, (*in memoriam*) que era também bisneta deste Italiano, por ser neta de sua filha Hermínia Falci Moura, filha de Pedro Falci, que sempre dizia ser o clima de Diamantina excelente para o cultivo da uva. Iniciou o "Vinho dos

Padres". No Livro de *Helena Morley*, "*Minha Vida de menina*", p.77, a autora cita o nome de *Pedro Falci*, como proprietário de "um pasto para animais", justamente muito longe. Este terreno era onde se localiza hoje também o "Campo de Futebol Tijuco".

CONCEIÇÃO - Mas, as Placas com o nome de JOHN ROUSE, desapareceram, inexplicavelmente... Eis o que nos disse o Sr. *Donaldo Rosa Pires (in memoriam)*, quando residia à Rua da Glória, 405 e ex-Secretário de Obras da Prefeitura Municipal, de Diamantina, gestão do Sr. Prefeito Iraval Pires, que foi o *Construtor do Prédio do Colégio Novo*. Entrevistado por nós, sobre o assunto das Placas que havia no *Colégio Velho*, afirmou: - "*Eu, como Construtor, tinha uma liberdade no Colégio das Irmãs, para olhar alguma coisa, para fazer um conserto, segurança, limpeza, lembro-me perfeitamente de ter visto essas placas lá, do CONSTRUTOR DO PASSADIÇO - JOHN ROUSE. Porém, de certo tempo, quando passou das Irmãs para a UFMG, não sei o que pode ter sido feito delas. Havia, até bem pouco tempo, por ocasião da última Reforma, uma plaquinha, do lado de fora... Alguém deve tê-las guardado, porque jogar fora não devem ter jogado não...*"(...). O Sr. *Gilson Batista*, quando *Almoxarife do Centro de Geologia Eschwege*, que funciona, hoje o "*INSTITUTO CASA DA GLÓRIA*", nos afirma categoricamente: "*Lembro-me muito bem do passadiço e de uma placa com o nome: JOHN ROSE, escrito com uma letra muito bonita, por sinal, entalhada na madeira, na parte de baixo, perto do chão. A gente passava para lá e para cá, pondo as coisas de um lado e de outro do Prédio. A data era 1979, quando comecei a trabalhar naquele lugar. Eu me recordo bastante dessa Placa e de outra na sala do Parlatório, só que esta outra era de bronze, com o dizer: JOHN ROUSE – CONSTRUTOR*".

TONINHO - Dona Conceição, a senhora me dá licença, para falar de uma coisa que eu me lembrei e preciso dizer. Na placa tinha escrito a palavra BIRIBIRY. Tinha ainda UM SINO, que funcionava na área interna, no recreio das estudantes e, como as placas, foram fundidas no mesmo lugar: BIRIBIRY estava escrito no bronze. E o sino também sumiu na época, eu posso afirmar!

CONCEIÇÃO - Do entrevistado, Sr. *Layre Moreira da Silva (in memoriam)*, ex-Venerável da Loja Maçônica "*Atalaia do Norte*", de Diamantina, temos gravado: "*Sempre ouvi dizerem que, por causa da mineração, vieram muitos ingleses para cá. Soube que tinha um chamado JOHN ROSA que havia construído o Biribiri, a Fábrica, no tempo que o dono era o Bispo de Diamantina D. João Antônio dos Santos. Ouvi dizerem também que ele foi o Construtor do Passadiço do Colégio,*

frequentava a Maçonaria e era Pedreiro Livre". Muitas informações tiveram da atuação de JOHN ROSE na Maçonaria de Diamantina, porém nenhum documento foi encontrado, segundo informações da própria Maçonaria. Mas isso pode ser melhor averiguado...

Em seu Livro *"Memórias de um Carpinteiro"* o Autor, Luiz Gonzaga dos Santos, no capítulo: *"Alguns fatos curiosos"*, cita que *"o Grande Artista que construiu os altares laterais da Igreja de S. Francisco, foi, como dizem, 'O CONSTRUTOR DO PASSADIÇO', que liga os dois prédios do Colégio de Nossa Senhora das Dores, na Rua da Glória".* As poucas fontes que nos dão notícia da *Construção do Passadiço* parecem que todas se basearam nos escritos do *Conego Severiano de Campos Rocha*, no seu Livro *"Memorias"*, do *"Collegio e Orphanato de N. Senhora das Dores e do Hospital de N. Senhora da Saude de Diamantina"*. E esse Presbítero não toca absolutamente no nome do Construtor, em nenhum de seus escritos, que conhecemos. *"São de justiça algumas palavras com relação ao segundo dos mencionados predios. De estylo architectonico menos pesado e relativamente moderno, é este muito mais novo, mais alto e mais elegante do que o velho antigo da frente, com o qual, por assim dizer, vive abraçado e em perene comunicação. Foi construido as expensas de um homem cujo nome perdura ainda na lembrança de seus contemporaneos, em razão de suas magnas virtudes civicas, firmeza de character e espirito sobremodo benfazejo, com o qual era o CORONEL RODRIGO DE SOUZA REIS. (...) a maior e melhor parte das madeiras nele empregadas como material de construcção, conquanto já servidas, foram transportadas da celebre Chacara da já famosa Chica da Silva."* No caderno 02, caixa 02, páginas 83 e 84 do Arquivo do Sr. José Teixeira Neves, lemos o seguinte: *"A parte do Colégio do lado esquerdo era uma casa baixa que pertenceu a D. Josefa Maria da Glória, senhora rica. Morrendo a proprietária, passou a casa a pertencer a Rodrigo de Souza Reis, que a reconstruiu com madeiras do palacete de Chica da Silva. A madeira ainda deu para a casa do Ten. Cel. Felisberto Ferreira Brant, adquirida depois pelo Barão de Paraúna e hoje Hospital 'Nossa Senhora da Saúde'".* Demonstrando a proximidade comercial entre o *CORONEL RODRIGO DE SOUZA REIS* e *JOHN ROSE*, constata-se pelo *inventariado do mesmo Coronel*, onde se acham registrados documentos que citam o nome do Inglês em várias circunstâncias, como por exemplo, uma de cobrança, em 29 de outubro de 1872, em que se vê que o Coronel, nessa época, faleceu devendo-lhe a quantia de 1:100\$000, por serviços prestados por seu escravo Leandro e dos seus, como carpinteiro e maquinista.³

Referindo-se à data da construção do Passadiço, há no "Instituto de Geociências" da UFMG, um Documento de D. João Antônio dos Santos requerendo da Prefeitura Municipal de Diamantina, a *Licença para a Construção do PASSADIÇO*, com a data de 26 de abril de 1878, que foi doado ao Instituto "Casa da Glória" (ex-Centro de Geologia Eschwege), pelas Irmãs Vicentinas, por ocasião da "Assinatura do Convênio entre a Prefeitura Municipal e a UFMG", para a realização do "Festival de Inverno 2000", em Diamantina, a 10 de dezembro de 1999.

“Acta de uma sessão extraordinária da Camara Municipal a 11 de março de 1878. Presidência do Sr. Dr. Matta. (...) O Secretario deo conta do seguinte expediente: Um officio do Exmo. Bispo Diocesano solicitando licença para construir um passadiço sobre a rua da Gloria, communicando o collegio de N. S. das Dores com o de São José. (...) A Comissão Permanente leu com attenção o officio de S. Exma. Revma., o Santíssimo Bispo Diocesano, fazendo ver a esta Camara a inconveniencia da communicação dos does edificios do Collegio de N. S. das Dores, desta cidade, pela rua principalmente a noite e na estação chuvosa; e o Exmo. Sr. Solicita desta Camara competente licença para estabelecer um passadiço que communique os does sobrados na altura de 4,40m acima da calçada. A Comissão considerando digna da maior attenção a pretensão de S. Exma. Revma., e considerando igualmente que lhe cumpre como zeladora dos interesses públicos evitar o menor prejuízo a este, é de parecer que se nomeie uma Comissão de que deve fazer parte o Dr. Engenheiro do Distrito, a fim de examinando com urgência o lugar e obra de que se trata, dê no parecer sobre a forma, altura e material de que se deve fazer o mencionado passadiço, sem prejuízo do publico e embellesamento da rua, ficando o Sr. Presidente autorizado, em vista do parecer a conceder a competente licença. (...) Nada mais havendo a tractar-se encerrou-se a sessão, e eu Olympio Julio de Oliveira Mourão, Secretario da Camara, lavrei a presente ata”. Nota constante da ata: O Engenheiro do Distrito era o Dr. Catão Gomes Jardim.

Portanto não foi o Engenheiro Construtor do “Passadiço” da Casa da Glória, Dr. Catão Gomes Jardim, como queriam dizer alguns, sendo, contudo, o Fiscal da Obra.

Ainda existem vários documentos a pesquisar, porém está evidente que o construtor do passadiço da "CASA DA GLÓRIA" e das reformas com os acréscimos foi JOHN ROSE. Das páginas 340 a 343, do livro "Minas Gerais - Monumentos Históricos e Artísticos - Circuito do Diamante" V. Diamantina - (IPHAN), encontramos elementos a observar sobre a "Casa da Glória", atual Colégio "Nossa Senhora das Dores": - "O Colégio Nossa Senhora das Dores", centenário

Estabelecimento de Ensino, ocupa de modo bastante original, dois prédios fronteiros de épocas e estilos diferentes, interligados por um passadiço de madeira sobre a rua da Glória. O mais antigo, de construção setecentista, pertenceu inicialmente à coroa Portuguesa, tendo sido adquirido por D. JOSEFA MARIA DA GLÓRIA, daí provindo a denominação de "CASA DA GLÓRIA", como ficaria conhecido. Em 1813, quando já então propriedade da então viúva e filhos de Manuel Viana, foi comprado pela Fazenda Real pela quantia de 2:000\$000, para Residência Oficial dos Intendentes do Distrito Diamantino, entre eles o Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá (Intendente Câmara), brasileiro de nascimento e pioneiro da Siderurgia em Minas Gerais, com a construção da Fábrica de Ferro de Morro do Pilar. A casa tornou-se famosa pelas grandes recepções e festas luxuosas de que foi palco, a exemplo dos festejos comemorativos da Aclamação de D. João VI, em 28 de maio de 1818. Por essa época, era, segundo o historiador Joaquim Felício dos Santos, "um rico, lindo e majestoso edifício (...), com jardins chafarizes e tanques, bosques artificiais, alamedados com graça, labirinto e roseiras entrelaçadas". Alguns anos depois de criada a Diocese de Diamantina, o prédio serviu de palácio do primeiro Bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos. Com a chegada das Irmãs de S. Vicente de Paulo, em 1867, nele foi instalado o Educandário Feminino de Nossa Senhora das Dores que ali funcionaria como Colégio e Orfanato (...) Sabe-se que por volta de 1867 e 1868, foi o prédio original acrescido de um pavilhão de dois andares, na direção do antigo pomar, para melhor acomodação das alunas do Educandário que então ali se instalava. "Valendo-se da acentuada inclinação do terreno, existem três pátios com funções arquitetônicas bem definidas de correção de nível, o que resulta na melhor funcionalidade e ambientação agradável do interior. Duas escadas levam ao segundo pavimento, uma partindo do vestíbulo de acesso pela fachada principal, e a outra, secundária, de acesso pela fachada lateral direita. Quanto ao sistema construtivo, as paredes do pavimento são constituídas de adobe, verificando-se no segundo o emprego de pau a pique. A cobertura compõe belo jogo com várias águas, apresentando cumeeiras de diferentes níveis e as beiradas em cimalha combinada com cachorros. Os cunhais são de madeira, assim como o enquadramento de todos os vãos e as pilastras que sustentam o passadiço, trabalhada em molduras e bem ressaltadas da parede. Na fachada frontal, que dá para a Rua da Glória, há uma superposição dos vãos do primeiro e segundo pavimentos, todos com vergas alteadas, o mesmo ocorrendo com a porta

principal, que ali se abre. As janelas do andar inferior têm vedação externa de gelosia em treliças, com bandeira de balaústres, torneados, enquanto as do superior mostram caixilhos de vidro do tipo guilhotina. Em razão do aclive do terreno, a secção da fachada correspondente à parte mais alta da rua toma aspecto de construção de um pavimento. Na fachada lateral direita, dividida naturalmente em duas secções definidas pela diferença de ponto do telhado, as vergas dos vãos também se diferem, passando de alteadas, na primeira, a de nível na outra secção. O interior do prédio, marcado por modificações, apresenta, na maioria, forros do tipo "saia-e-camisa", podendo-se, porém, ver ainda alguns belos tetos de gamela no segundo pavimento. O piso é de tabuado largo e a pavimentação dos pátios internos em seixos rolados. Na sala que serve de capela, há belíssimo oratório embutido, com as portas pintadas internamente em policromia e douramento. A edificação não é amparada por medida de tombamento direto, mas está compreendida no acervo arquitetônico e paisagístico da Cidade, tombado em conjunto pelo IPHAN, conforme Inscrição, n.66 Livro de Belas Artes, fls. 12, datada de 16 de maio de 1938".



**HOJE, O "PASSADIÇO DA CASA DA GLÓRIA"
É O SÍMBOLO DE
"DIAMANTINA, PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE".**

**- JOHN ROSE, sua Memória tinha de ser Resgatada!
Dona Conceição**

3) OS ALTARES LATERAIS DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS



"A data encontrada, da construção dos altares laterais é de 1884"

"Os Terceiros Franciscanos têm em Diamantina um belo Templo situado numa posição muito central, dentro da bela paisagem ao pé de uma ladeira, que é hoje a Rua S. Francisco. Foi construído na Segunda metade de 1700. Sua localização exigiu a construção de uma bela escadaria na sua entrada.

Nos nossos tempos essa escadaria tornou-se mais famosa porque era a preferida do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, cada vez que voltava ao seu torrão natal, para aí viver com seus amigos uma noite de seresta em Diamantina' ".

*(Do Livro ' Igrejas e Capelas de Diamantina'.
Desenhos de Elena Dumont Flecha e Textos de Pe.
Celso de Carvalho).*

CONCEIÇÃO - Um fato curioso, relatado pelo Sr. Luís Gonzaga dos Santos em seu Livro *"Memórias de um Carpinteiro"*, foi identificado pela nossa família, por se tratar de *JOHN ROSE* e suas duas filhas entalhadeiras, (*MARIA ROSE* e *FRANCISCA ROSE*)

. - A desconfiança de nosso povo era enorme em certos casos. Contou-me meu pai a seguinte história: *"Os irmãos de São Francisco do Macau mandaram contratar um hábil Marceneiro e Carpinteiro para fazer os altares laterais de sua Igreja. Este logo que chegou, tirou o orçamento de toda a madeira que iria gastar com os mesmos e a Irmandade fez a enorme encomenda e **depois de entregar a madeira ao Carpinteiro, este cortou-a toda em pedacinhos e mandou levar grande parte para sua casa.** Os Irmãos protestaram, chamaram-no de doido, pois tinha dado um grande prejuízo à Igreja e precisou reunir a mesa para discutir o assunto com o carpinteiro. Este compareceu e disse para os presentes: - **"Eu sei o que estou fazendo, porém se eu perder um só pedaço de madeira pago dois contos de réis e se eu colocá-los todos e fizer os altares, vocês perdem os dois contos"**. Fecharam a aposta na certeza de que iriam ganhar. Passou o tempo necessário para o término dos altares e eis que o Mestre provou que tinha consciência do que estava fazendo, pois em companhia de suas filhas, hábeis entalhadeiras, preparou os bonitos Altares que se vêem dos lados da Igreja de São Francisco. Este grande artista ainda permaneceu em Diamantina e foi como dizem o Construtor do Passadiço que liga os dois prédios do Colégio de Nossa Senhora das Dores, na Rua da Glória".*

**4) SERRALHERIA E CARPINTARIA ARTÍSTICAS DO
ARRAIAL DOS FORROS, NO SÉCULO XIX
FUNCIONAVAM NA CASA DE JOHN ROSE.**



Ruínas de parte do Casarão dos Rose, 1930, hoje demolido. Antiga Rua do Hospital, atualmente Rua Paula Vieira.



**1 – Observatório/mirante, 2 – Salão de Música, 3 – Serralheria e carpintaria, 4 -
‘cachorros’ do telhado. (Acervo Sr. Assis Alves Horta)**

CONCEIÇÃO - Entrevistado por nós, o Sr. Ademir Passos dos Santos ('Ademir Pão'), historiador e atual proprietário da Serralheria "Pão e Filho Ltda", Diamantina MG, deu-nos a seguinte colaboração: "Nos atuais terrenos de Geraldo Maria, funcionou, nos finais do Século XIX, uma Serralheria e Carpintaria Artísticas, que funcionavam com 'escravos de ganho'. O Construtor da Basílica do Sagrado Coração, JOHN ROUSE, muito utilizou destes escravos, onde ele combinava o preço com os seus donos, fazendo o pagamento a eles. Estes escravos também foram utilizados na construção do Passadiço do Colégio, na Fábrica do Biribiry, nos Pavilhões e Capela da Santa Casa, bem como a reforma de outras igrejas da cidade e arredores. O maquinário desta Serralheria é que foi usado na Construção da Basílica do Seminário. As fontes são a história viva, através dos relatos tácitos do meu Pai João Vieira dos Santos Júnior (João Pão Filho) e de meu avô João Vieira dos Santos (João Pão Velho)". Em se tratando dos "escravos de ganho", o Sr. Gaspar Veríssimo Porto nos esclarece, por ter sido muito amigo e vizinho do neto de JOHN ROUSE, o Oscar Batista Teixeira, e por residir, hoje, justamente no prédio que pertenceu ao Senhor Pedro Falci (Rua Paula Vieira, 136-A), que ele lhe relatava ser a casa da sua família (Porto), no local onde havia um "Rancho" muito grande, lugar em que moravam os negros e ex-escravos (alforriados por D. João Antônio dos Santos). Este "Rancho" era ao lado da Casa de JOHN ROUSE, hoje separada pela Rua "Laurita Faria", antiga "Travessa Arraial dos Forros". Ainda existe neste local o "muro de pedras", feito pelos escravos, contornando os terrenos deles. O Sr. Oscar Batista lhe falava ser bastante pequeno, mas toda família dizia que escutava o cantarolar dos negros e os via acender fogo naquele local. Anos depois, o Rancho foi demolido e no lugar está construída a casa que pertence à família Porto.

TONINHO - Eis aí mais uma prova das diversas formas em que se revestiu a *transição do escravismo para o capitalismo*. O advento de novas relações calcadas na industrialização, assim como o secularismo, não foi capaz de por si só dar sentido às novas dimensões sociais do domínio público e privado. As grandes transformações ora colocadas em curso não se deram a um só golpe. Foram amadurecidas ao longo do século XVIII e, durante todo o século XIX, ainda seriam perturbadoras. As mais diversas experiências humanas poderiam ser verificadas tanto no domínio público, quanto no domínio privado. Ao exportar suas mercadorias de então, os europeus tratavam de divulgar seu jeito de ver, compreender e agir neste novo mundo industrial urbano. Tais representações da modernidade, muitas vezes, ao chegarem ao porto de destino, acabavam por se esvaziarem, ou servirem

como surto modernizador, em uma sociedade em que a força da tradição, tanto na forma de produzir como na forma de representar sócio culturalmente permaneceria por todo o século XIX inabalável. Tal afirmação pode ser associada à sociedade imperial escravista brasileira; de um lado, marcada pelas transformações obtidas a partir do advento de um capitalismo tardiamente constituído; de outro, sufocada por um profundo apego às antigas formas de organização e representações sociais, próprias do período colonial. O Brasil, ao integrar-se à nova ordem mundial capitalista, assiste a uma invasão de mercadorias, *notadamente inglesas em todos os setores de sua economia*. Tal fato provoca uma alteração substancial em diversos ramos da produção. *Alguns expandiram-se; tal foi o caso da indústria têxtil do algodão, da mineração de minas subterrâneas auríferas e diamantíferas*; outros sucumbiram, tal foi o fato ocorrido com a indústria artesanal do mobiliário e de alguns setores metalúrgicos. Como exemplo, cite-se o caso do vidro, que era importado em abundância e de várias espécies: vidro ordinário, fino, para portas e janelas lapidadas, cristais, sob a forma de óculos, lunetas, etc. No caso específico de *JOHN ROSE, sua Serralheria e Carpintaria* serviriam aos impulsos modernizadores em nível local. Moldaria o ferro, na forma de grades, sacadas, cercas e introduziria tal elemento como novidade no processo arquitetônico, principalmente nas formas dos telhados. Ao aliar um fino trato com as madeiras, acabaria estabelecendo um novo olhar sobre a feição da cidade. O domínio público é aí alterado pelas formas de representação privada. Tais reminiscências ainda hoje desafiam nossa forma de recordar a Diamantina do século passado. Por si só elas não são capazes de nos contar a riqueza, o fausto, a tristeza e a tragédia em que a sociedade escravista aí se esvaiu, mas são possíveis para um profundo diálogo que aí podemos estabelecer.

Notas explicativas da autora:

. Este Senhor "João Pão Velho" era irmão de minha avó, Senhora Antonina Duarte, que dá nome à Fábrica Têxtil de Diamantina (hoje extinta) e esposa de Algemiro Pompuloni Duarte; fábrica esta que foi comprada e paga pelos "Irmãos Duarte S/A", na pessoa de seu diretor técnico e comercial, Pedro Duarte. Eu, ainda bem criança, conheci o João Pão em sua Serralheria, onde morava, na praça que hoje leva o seu nome, no Bairro Bom Jesus: Praça "João Pão". Nossa família sempre o visitava, quando vínhamos de Biribiri para Diamantina.

Recomendamos um livro que muito nos ajudou e deu-nos firmeza para confeccionarmos esta obra: - "O POBRE DE NAZARÉ", de Ignacio Larranãga, Edições Loyola: São Paulo, Brasil, 2a Edição, 1991.

5) CONSTRUÇÃO DA BASÍLICA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



Basílica do Sagrado Coração de Jesus, de Diamantina (Foto: Alex Sander Dias Machado)

***"Venerada sempre seja
a memória de D. João
que nos deu a bela Igreja
do Sagrado Coração.
Tão bonita abençoada,
a Basílica parece
Diamantina ajoelhada
de mãos postas
para a prece".***

(O Centenário da Basílica Versos de Pe. Celso de Carvalho e Música de Guido Elói Faria)

CONCEIÇÃO - Pesquisando, encontramos explicações sobre a construção da Igreja do Seminário, no livro: *"Sementeira de Valores - O Seminário de Diamantina, de 1867 a 1930"*, do escritor Paulo Kruger Corrêa Mourão (*in memoriam*). Quase toda a sua pesquisa está baseada nos escritos do padre Gaspar Cordeiro Couto (*in memoriam*) ou do Cônego Severiano da Rocha. *"A primeira pedra foi colocada no ano de 1885. A construção levou quatro anos. A Igreja ficou pronta em 1889"*, (alguns meses depois da morte de JOHN ROSE). Começaremos, entre algumas indagações, pelo seu dizer da p. 34: *"Infelizmente, em nossas pesquisas, nada conseguimos achar sobre as minúcias da construção: 'trabalhos de cantaria', com pedras que teriam sido tiradas do local da 'Chácara da Missão; folhas de pagamento; compras de material; operários que, segundo consta, vieram em grande parte do Caraça (??); enfim sobre outros detalhes"*. Na pág. 33, lemos (...) *foi iniciada a construção do templo neogótico segundo o projeto do padre Júlio Clevelin, o mesmo sacerdote arquiteto que projetou as Igrejas do Caraça e do Colégio 'Imaculada Conceição' da Praia de Botafogo do Rio de Janeiro. O mestre de obras dizem ter sido o português Antônio Luiz de Figueiredo". E o construtor foi, como toda família afirma, "JOHN ROSE"*. Sempre existiu um *"Ritual de Família"*: - As vovós, mães e tias levavam seus netos, filhos e sobrinhos, inúmeras vezes, para visitarem as *Obras de seu avô e bisavô, "O ARTÍFICE JOHN ROSE"*. E foi num destes momentos que aconteceu o *encontro do Geraldo com a Conceição (ver na 'Introdução')*. A *"Didi de Abel"*, filha de Maria de Jesus, neta de Maria Rosa Teixeira (filha de JOHN ROSE), dizia para ela, "toda vida", quando chegavam na Basílica do Seminário: *"Olha, Didi, meu bisavô foi quem construiu esta igreja e o Seminário velho, mas não tem nada que fala sobre ele..." Entrava e ficava olhando, olhando... Teve uma vez que ela entrou na Sacristia com o objetivo de olhar se havia algum quadro que fizesse alguma referência, dentro da Capela ou na Sacristia, mas nunca encontrou"...* Contado pelo Padre João Maria Poirier, ex-Professor do Seminário (falecido), e confirmado por alguns sacerdotes, havia na Biblioteca um *retrato de JOHN ROSE*, juntamente com o de Padre Clevelin e outros. Porém em nossas pesquisas ainda não o encontramos. Confirmando a *construção da Basílica por JOHN ROSE* apresentamos a colaboração do Senhor *"Ademir Pão"*, que, mais uma vez, nos brinda com estas palavras, baseadas no testemunho de seu pai e avô, *João Pão Filho e João Pão Velho*, que conheciam muito bem a vida de JOHN ROSE (ROUSE): _ *"O Carismático JOHN ROUSE."*

- *"Nos meados do Século XIX, chegava a Diamantina o Inglês de origem do Condado*

da Cornualha, o carismático JOHN ROUSE. Ele vinha com a 'missão' de construir uma Basílica em Diamantina, sob o contrato do então 'santo' Bispo D. João Antônio dos Santos (tio avô de Dr. Silvio Felício dos Santos). Embora JOHN ROUSE fosse de Credo Religioso Anglicano, não obedecendo às ordens do Papa de Roma, este obstinado homem veio cumprir o seu legado de 'construir esta Basílica', estilo neogótico, sob a proteção e olhares do Sagrado Coração de Jesus. Este Inglês aqui viveu com sua família, que dos seus membros, cinco filhos eram exímios operários, como ferreiros, carpinteiros, entalhadores e canteiros³.

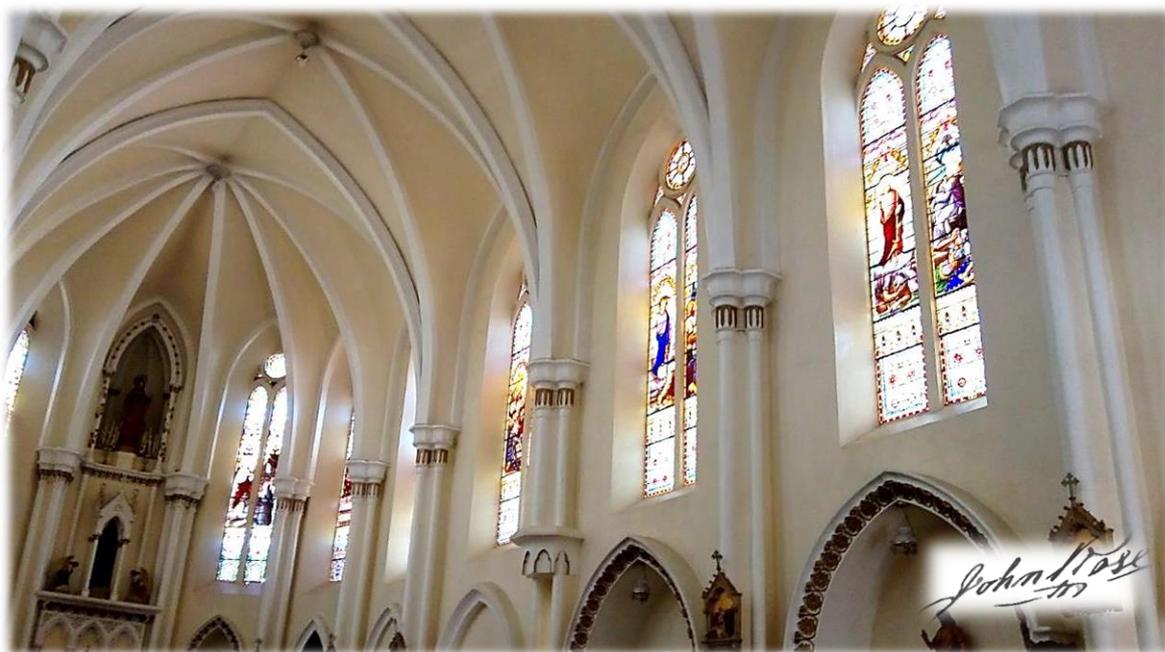
Deu-se início à construção da Basílica, a qual é totalmente de pedra e as pedras foram retiradas da parte dos fundos de uma serra existente ao lado da caixa mestra da COPASA no 'Alto da Poeira', perto do atual 'Bar Caninha Verde' e também nos fundos da casa do Senhor Antônio Lacerda (Terrenos da Chácara das Missões). As pedras do Altar-mor foram escolhidas por JOHN ROUSE na atual Cidade de Rodeador (Ramal de Diamantina - Corinto).

Os auxiliares de JOHN ROUSE, exceto os seus filhos, eram de segunda categoria, pois, os de primeira, a Diocese não podia pagar, mas o CARISMÁTICO INGLÊS fez com que a obra ficasse esta beleza que hoje vemos. A versatilidade do 'ARTÍFICE' é notada nas pilastras, nos florões, nos altares, nos nichos que são peculiares nas construções neogóticas, além dos arcos representativos do homem saindo do egocentrismo à procura de Deus nas alturas.

É uma construção realmente super fantástica, chegando bem próxima da Catedral de 'Santa Sofia', do Império Bizantino. As oficinas de ferreiro, carpinteiro e marcenaria, pertencentes a JOHN ROUSE, ficavam à direita da Basílica, olhando de frente da mesma, (na ocasião da construção). Também este Britânico fez inúmeras outras obras aqui em nossa Cidade, uma das quais o Passadiço da Glória, o nosso marco arquitetônico. Lembro-me bem quando criança estudava no Grupo 'Caldeira Brant', na época, 1958; este estabelecimento está fincado na atual casa do Sr. Weber Alves Ferreira e, naquele tempo, chovia muito, e nós, para cumprirmos o preceito da oração, passávamos por dentro do Colégio, indo sair no Passadiço, onde recordo de uma placa de madeira dentro do mesmo, com as inscrições 'JOHN ROUSE'. Nas minhas andanças atuais, onde recordo a minha infância e, com olhos de historiador, não vejo a belíssima placa, que tantas vezes ali vi, quando criança. Não sei por que 'cargas d'água', na última reforma do Passadiço da Glória essa placa foi retirada; é uma pena! Como podemos perceber, este Cornualhês era um homem obstinado, carismático e versátil, do qual devemos cultuar a memória, para

que a nossa História seja mais rica". (Memórias de 'Ademir Pão' em entrevista escrita no dia 17/10/1997).

5.1) OS VITRAIS DA BASÍLICA



**Os Vitrais nos dão a história
o Evangelho multicolor
Da alegria, dor e glória
do Divino Redentor.**

(Do Canto 'Centenário da Basílica' Pe Celso de Carvalho – Música Guido Elói de Faria)

CONCEIÇÃO - Vitrais coloridos e magníficos embelezam toda a Igreja. Vieram da França, de Paris. Representam as cenas do Santo Rosário: os Mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos.

São dezesseis. O 16º Vitral representa a Revelação de Jesus à freira Santa Margarida Maria, de "Paray Le Monial". Receberam doações de Pessoas e Famílias diversas, do Brasil e da França. Em cada um está gravado, o nome de seu doador. *"Foram transportados de Três Rios até Diamantina em carros de boi, chegando aqui intactos, custando, na época, 08 (oito) contos de réis". "Em cima da porta principal, nota-se uma artística Rosácea de grande diâmetro, vendo-se nos seus doze raios as imagens coloridas que são dos doze Apóstolos e no círculo central a do Sagrado Coração de Jesus".* Na Rosácea, parte exterior, está escrita em letras vermelhas: *"Glória, Amor e Reparação, ao Coração de Jesus"*, pois a Igreja fora consagrada ao "Coração de Jesus". Quanta maravilha! Será que se dá valor a este Tesouro? Por que pintaram as pedras com tinta a óleo? O que fazer... *"Quem armou os vitrais da Basílica com as ferragens e os colocou nas paredes foi JOHN ROSE, pois vieram somente os vidros!"* Conforme nos narra sua descendente, (tetraneta) *Miriam Rocha Ferreira (in memoriam)*, filha de Maria Josefina Teixeira Rocha, (esposa de Tico Rocha), neta da Maria Rosa Teixeira, primeira filha de JOHN ROSE. Foi sua avó, América Souza, esposa de João Evangelista Teixeira, neto de JOHN ROSE, filho de Maria Rose, quem lhe expôs minuciosamente o fato. Todos já falecidos.

GERALDO - A minha Mãe, *Maria Cristina Falci Rose Tibães*, um ano antes de falecer, veio a Diamantina e pediu-nos para matar as saudades da família e rever as Obras de seus parentes. Quando visitávamos o Seminário, ela, muito emocionada, nos confirmou tudo isso e disse também: - *"Essa bela Sacristia, com suas interessantes cômodas e armários, bem como os dois Quadrantes da Guarda de Honra em cantoneiras de madeira, foram feitas por meu pai, JOÃO MIGUEL ROSE. Sua especialidade era trabalhos em madeira. _ "A mamãe, CRISTINA FALCI, quando faleceu, eu estava com vinte e quatro anos de idade. Ela gostava de nos mostrar tudo o que o papai fez em Diamantina, porque ele morreu muito cedo. Mamãe narrou para nós que seu sogro, JOHN ROSE, (SEU JAMES), estava bem velhinho, mas trabalhou com muito ânimo na construção da Basílica do Seminário, até morrer"...*

TONINHO - E os dois sinos da *BASÍLICA*, *"cuja sonoridade é incomparável dos mais bonitos e afinados da região"*, *"foram confeccionados na FUNDIÇÃO DA FÁBRICA DO BIRIBIRI, POR UM INGLÊS E SEUS FILHOS.* O meu pai, João Gualberto Miranda, operário do tempo de D. João Antônio dos Santos, nos disse que o *Inglês residia no Retiro do Biribiri e possuía uma casa muito grande, bonita*

e diferente. Chamo atenção para a madeira de que foi feita: era magnífica", relatou-me o ex-operário da Fábrica de Biribiri, o Sr. João Madalena Miranda (*in memoriam*). Quando nos fez os relatos, possuía 71 anos. Nestes sinos estão gravados Biribiri e as datas 1888 e 1889. *Este último sino foi feito pelos filhos, assim como "as Placas em homenagem ao Pai que havia falecido em 20 de julho de 1888".* (Essa madeira talvez tenha sido resto da casa da Chica da Silva, que também serviu na construção da Casa do Moreira, a casa que foi doada para ser o Hospital da Saúde, conforme nos relata o Sr. José Teixeira Neves, em seu Arquivo caixa 02, caderno 02, págs. 83 e 84.

E das belíssimas VIAS SACRAS, que completam a beleza da Basílica, o que dizer?

CONCEIÇÃO - Você disse muito bem, Toninho, são realmente muito bonitas e trazem-me grandes recordações, pois foi o último presente que o meu pai, *PEDRO DUARTE*, deu para a Basílica do Seminário, justamente oito dias antes dele falecer (31/maio/1947). Chegaram a Diamantina, vindas diretamente da França, e foram doadas em nome de sua tia, a Filha de Caridade, *Vicentina, Irmã Joana Duarte (in memoriam), irmã de Algemiro Pompuloni Duarte*, e de seu filho e nosso irmão, *Padre João Carlos Horta Duarte (in memoriam)*, que estava cursando o seu primeiro ano, ali no Seminário. As Estações estão escritas em Francês. Também a *CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO DE DIAMANTINA* recebeu de presente as *VIAS-SACRAS* que até hoje estão em suas paredes, com as Estações, escritas em Português! Naquela época, eu estava com os meus quatorze anos de idade e me recordo, com saudades!

5.2) A MESA DE COMUNHÃO DA BASÍLICA DO SEMINÁRIO



***"O trabalho que você realiza é uma dádiva.
Precisamos aprender a valorizá-lo".***

Toda artística, de ferro, com madeira de lei em cima, bastante parecida com a grade que existe no *Coro da Capela da Santa Casa*. Bem trabalhada, *em forma de U*, com uma porteira no centro, abrangendo totalmente a Nave. Servia também para separar o povo dos estudantes do Seminário.

Recordo-me da família dizer, com bastante carinho, "*comunguei hoje na mesa de Comunhão feita pelo nosso parente, JOHN ROSE!*",,,

Na penúltima reforma que foi realizada na Basílica, esta "*Mesa de Comunhão*" foi retirada, (...) "para tornar mais funcional à presença das pessoas na Igreja"...

(Para onde a levaram? O que foi feito de mais este trabalho artístico pertencente à Basílica do Sagrado Coração?).

6) O PRÉDIO DO SEMINÁRIO VELHO



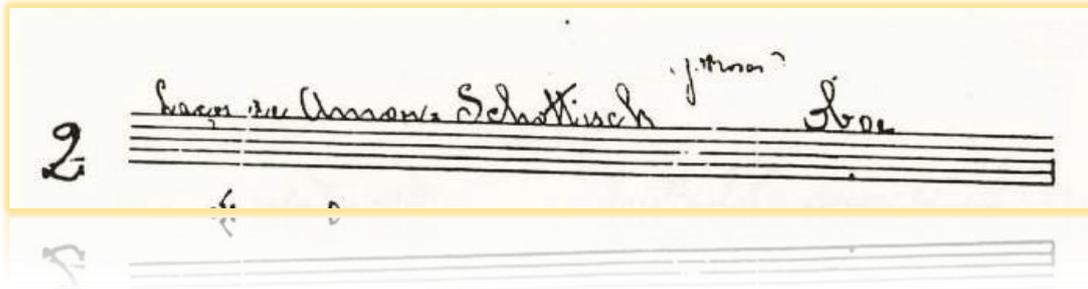
CONCEIÇÃO - Segundo o Sr. Cônego Severiano de Campos Rocha, "em janeiro de 1867 estavam acabadas as obras do Seminário, edificado no antigo Largo do Curral, hoje Largo D. João (Praça Sagrado Coração de Jesus). Contava o Edifício de um só corpo, ao qual, ano depois, foi adicionado um segundo unido ao primeiro pelo lado de trás e com ele formando dois ângulos. No dia 14 de fevereiro do ano seguinte, efetuou-se a passagem do Seminário provisório para o definitivo." Continuando a nos falar, o Sr. Paulo Kruger Mourão, pode nos dar a conhecer bastante este prédio antigo, que depois foi modificado, em seu Livro: "O Seminário de 1867 a 1930". Porém chamou-me a atenção, na página 58, o que ele nos diz, pelo fato de até hoje lá existir, semelhante ao Passadiço da Casa da Glória: "na parte inferior do edifício principal, um corredor que terminava no passadiço térreo que levava à Igreja do Sagrado Coração de Jesus, onde os alunos ouviam Missa diariamente" (Hoje ele está reformado com alvenaria). Também este prédio sempre foi considerado, pela família, como *Obra de JOHN ROSE*. Para confirmar sua presença de modo especial na construção da Basílica, encontramos fragmentos de uma lista de pessoas que deram "Esmolas (dadas ou prometidas) para o Templo do Sagrado Coração de Jesus": - quantias em dinheiro, as mais variadas; porém, o nome "JOÃO ROZA", depois de um grupo que também trabalhou, doaram dias de serviços

gratuitos, estava diferente, com traços e no fim da linha a letra "p", significando "prometidas". Seu nome estava com separação especial. Após este, vem seu genro *João Batista* (músico) doando 2\$000². Chegamos à conclusão de que seria como fez na Santa Casa, abatendo por ocasião do Pagamento. “*Os desafios são profundos e fascinantes*”. Contou-nos o Padre João Mota (*in memoriam*), ex-Capelão da Santa Casa de Caridade, que seu pai, o Sr. João Antônio Mota (*in memoriam*), ex-Provedor da Santa Casa que, quando *JOHN ROSE* estava quase terminando a construção da Basílica, ele sugeriu ao Mestre de Obras da Construção colocar na frente da Igreja um balaústre de pedra, como a que está no alto, para proteger a Basílica. O chefe lhe respondeu que haviam outras prioridades e que não o faria naquele momento, porém, *JOHN ROSE* lhe disse: “*Não fazer agora, não fazer nunca mais...*”

D. Paulo Evaristo Arns, Arcebispo Emérito de São Paulo, nos afirma que “*embora entre os idosos estejam aqueles que mais produziram pela humanidade, muitas vezes este setor da Sociedade é relegado e excluído*”.

Por esta e outras razões, concluo repetindo que *JOHN ROSE* sempre agiu motivado pelos mais nobres sentimentos de amor, até os últimos momentos de sua vida.

MÚSICA NO CASARÃO: composições de JOHN ROSE



"AMOR, ETERNA CANÇÃO":

***"Não há poeta ou artista que não se inspire e cante o Amor.
A natureza toda é um hino perene ao Amor,
mas aonde ele se encontra com maior vibração e calor,
é no coração humano".
(Heber Salvador de Lima)***

CONCEIÇÃO - Ninguém melhor do que o senhor *Benjamim Batista Teixeira, o Bijinho, (in memoriam)*, poderá, nos tempos de hoje, descrever para nós o **CASARÃO DA FAMÍLIA ROSE**, pois, ali foi criado e viveu muitos anos. Entrevistado por nós, eis o que nos disse:

BENJAMIM – “Sou filho póstumo. O ano de meu nascimento foi 1922. Quando eu nasci, meu pai já tinha falecido. Era militar e foi assassinado em Capelinha, por isso, meu nascimento se deu em Minas Novas, na casa de minha outra avó, da Família Moreira da Silva. Bem pequenos, minha mãe, Luísa Moreira da Silva, (*in memoriam*) nos trouxe, minha irmã (*Maria de Jesus*) (*in memoriam*) e eu, para Diamantina. Ficamos morando com a nossa avó, **MARIA ROSE TEIXEIRA (Filha de John Rose)**. Fui, então, criado no **CASARÃO** lá da Rua do Hospital, ou Arraial dos Forros, hoje Paula Vieira, *que foi construído por meu bisavô, JOHN ROSE, no Século XIX*. Apesar do sobrado já estar bastante danificado naquela época, eu percebia, que a intenção da pessoa que "bolou", ou seja, construiu, deu-lhe uma estrutura diferente. Apesar de velho, o sobrado era bem feito, cheio de coisas bonitas, impressionantes de bem - feitas. Tinha treliças, estrutura inglesa, mesmo.

Em lugar de pintura, ele era revestido de tábua, por fora, como o Passadiço e o Mercado Velho. Dentro da casa a divisão dos cômodos era excelente. A mobília também muito bonita, estilo colonial.”

CONCEIÇÃO - Havia água canalizada na casa?

BENJAMIM - Ah!... Sobre a água da casa!... Na frente, a morada era muito modesta, comum, não tinha nada de extraordinário; na parte interior é que havia duas sacadas artísticas, lindas. E a água era canalizada pelo fundo, em bicas de coqueiro. Parece que cortavam o coqueiro, raspavam, faziam bicas e tapavam com alguma coisa. Eu nunca soube que coisas eram estas. Era a água da mina, lá de dentro, que jogava para o centro da área da casa. Tudo muito bem estruturado, com pedreiras de uma espécie de granito e cobertas em cima com pedras de sabão bem polidas. Havia uma rampa que saía na porta da cozinha, perto de uma árvore enorme, uma frondosa casuarina, ao lado de um belo e artístico alpendre com duas portas. A primeira dava para a cozinha e a outra era de uma despensa grande que mais parecia um armazém, com cargas de rapadura, queijos, farinha, coisas de prateleira. Tudo bem organizado, e o que mais me impressionava era a mecânica de uma espécie de cisterna de pedra de sabão, muito bonita, debaixo do assoalho da sala de refeições, onde estava colocado um cano, cuja ponta ia até em cima e, quando se dava uma bombada, a água ficava distribuída por toda a casa. Isto foi interessante, ter água canalizada dentro da residência, numa época como essa!...

CONCEIÇÃO - Eu tive oportunidade de conversar com o *Mons. Walter Almeida (in memoriam)*, antes dele falecer e nos contou que, "quando era bem criança, mais ou menos com seis anos de idade, havia um *costume, no Bairro do Arraial dos Forros*; quando faltava água nas residências, o povo ia buscá-la no "Casarão dos Rose". *Uma água cristalina, transparente... Ele nos descreveu esta pedra de sabão, polida, muito bonita, que recebia a água da mina e que ficava na parte de baixo da casa. Quando as empregadas de seus pais iam até lá, com seus baldes, para apanhar a água, ele ficava chorando, querendo ir também. Sua mãe, para não vê-lo chorar mais, deu-lhe uma "chaleirinha azul" para que trouxesse daquela água. "Esse casarão, com a fonte cristalina e a 'chaleirinha azul' ficaram em minha memória".* (Relato feito a mim e ao bisneto de JOHN ROSE, filho de Oscar Batista, que leva o nome John Rosa antes dele falecer). "No casarão havia outras coisas muito importantes, que nós gostaríamos de conhecer”.

BENJAMIM - Na sala de refeição, de que estava falando, que gostava muito e achava linda, era vista uma escadinha de madeira, muito bem entalhada, bastante

original, com uns quatro ou cinco degraus dando para uma parte mais alta da construção. Nela se encontravam outras salas, com mesas enormes, para os trabalhos artísticos que minhas tias realizavam. A primeira trazia a porta constantemente fechada; eu ficava curioso para saber por que e pensava: "*Existe aqui uma coisa que eles não querem que eu veja!*" E permanecia ansioso para ver o que havia lá... Um dia, esperei todos se assentarem à mesa, como era de costume e, vendo a porta semiaberta, entrei e me deparei com *uma grande sala de música e variados instrumentos musicais*. Mais tarde é que tomei conhecimento de seus nomes. Havia piano, violino, harpa, cítara, bandolim, saxofone, clarineta, trombone, pistão, oboé e outros. Instrumentos de uma grande Orquestra Sinfônica – a “Banda Coro Grande” (Corão). No canto, as muitas partituras musicais me faziam pensar: "*Aqui deve haver encontro de gente entendida de música; eu gostaria de ver, deve ser uma beleza! Queria ouvir todo mundo tocando!*" Mas não era permitido às crianças se aproximarem...

GERALDO – Mamãe, *Maria Cristina Falci Rose Tibães*, sempre nos falou que sua mãe, *Cristina Falci*, lhe dizia: "*JOHN ROSE se expressava com ardor e que seu instrumento preferido era o Bandolim, o qual tocava com grande maestria*". Lembro-me bem de ter visto no quartel do 3º Batalhão da Polícia Militar aquela harpa, enfeitando o pátio, *a qual foi doada por membro da família DE MARIA ROSE TEIXEIRA, esposa do Maestro fundador da Banda do 3º Batalhão, João Batista Teixeira, há muitos anos (1892)*.

CONCEIÇÃO - Eu tenho lembrança desta harpa no quartel, pois meus tios eram militares, do 3º Batalhão, entre eles o *Coronel Pedro Jorge Brandão, compadre na Família Rose* e o *Coronel Laércio Horta, Irmão da minha Mãe, Luiza Horta*. Nós frequentávamos com assiduidade o Quartel do 3º Batalhão.

Ainda sobre a *MÚSICA NO CASARÃO*, entrevistando o Sr. Walter Alves Baracho, tivemos uma grande alegria, que veio confirmar muitas de nossas expectativas. Falávamos sobre o Sr. *Teodomiro Alves Pereira*, compositor da música "*É A TI, FLOR DO CÉU*".

WALTER - (...) "*Eu, como diamantinense, representei Diamantina na TV de Belo Horizonte, fazendo a defesa desta Valsa, para provar que "É A TI, FLOR DO CÉU", usada em nossas Serestas, era de Diamantina, do compositor Teodomiro Alves Pereira, e que foi composta em casa de John Rose e não por outra pessoa e de outra Cidade, como queriam alguns. O TEODOMIRO ALVES PEREIRA é de*

minha família, parente de minha mãe, que me falava sempre sobre ele, comentando que suas músicas eram feitas na sala de música da chácara de John Rose, no Arraial dos Forros. Entre eles havia um código, pois, o Teodomiro era muito sistemático e só abria a porta de sua casa, no Arraial de Baixo, para o amigo, conforme o "batido" na porta. Ambos viviam entre as duas Chácaras, a do Arraial de Baixo e a do Arraial dos Forros.

Nota da Autora:

A Escritura de compra deste terreno, adquirida por John Rose, sendo vendedora a Sra. Dona Tereza Bonifacia de Oliveira, em 23 de Julho de 1857, foi encontrada na Biblioteca Antônio Torres, Caixa 158, Livro 14, páginas 66-67. Tratava-se de uma chácara com casas pequenas cobertas de telhas. Preço da compra: 600\$000 réis, à vista.

“LAÇOS DE AMOR”

Uma das Músicas do Compositor João Rosa encontrada no *Arquivo 09 Gaveta 02 Pasta 737 do Arquivo da Polícia Militar de Minas Gerais, doada quando foi extinta a Banda do 5º Batalhão da Polícia Militar. Partituras para 28 instrumentos musicais, encontradas pelo Major Músico da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, o Sr. Paulo Roberto de Matos, em 14 de fevereiro de 2000, Belo Horizonte.*

O Jornal "Estado de Minas", em seu Caderno "Espetáculo" *Patrimônio do Povo*, dia 13 de maio de 2000, ilustra a qualidade de uma *Orquestra* com as palavras do Presidente da Fundação "Clóvis Salgado", Mauro Werkema: (...) *"Uma Orquestra Sinfônica não se compra na esquina. São 20 ou 30 anos de formação e reajustes até que a corporação seja capaz, por exemplo, de apresentar uma Opera grandiosa. (...) Sem ela, não pode haver cultura universal (...).*

- *Para que serve uma orquestra sinfônica?*

- *Para formar público e incentivar a formação de novos músicos" (...).*

JOHN ROSE "cantou o AMOR que foi e será sempre objeto de ETERNA CANÇÃO".

CONCEIÇÃO - Como já foi dito, *JOÃO ROSA (JOHN ROSE)* era dono de raro talento, tanto executou quanto compôs expressivo número de Chorinhos, Valsas, Fantasias, etc. Infelizmente, após sua morte, muitas de suas composições musicais foram doadas e perderam-se, como também foram transcritas com a identidade original adulterada. Seu neto, o *Major Josué Batista Teixeira (in memoriam)*, nos contou que sua mãe, *Maria Rosa Teixeira*, doou ao *Coronel Pedro Jorge Brandão, que era compadre na família*, muitas das músicas de seu avô, quando este se transferiu para a Capital Mineira, *para o 5º Batalhão da Polícia Militar de Belo Horizonte*. Ainda prosseguiu nos relatando que o *Comandante do 5º Batalhão, o Cel. Alberto Furst*, ao entrar no Quartel, exigia que fossem tocadas as músicas do Compositor *JOHN ROSE (JOÃO ROSA)*, confirmado por seu filho *José Luiz Furst (in memoriam)*, presente naquele momento. O *Major Josué Batista Teixeira*, neto de *JOHN ROSE*, por não ter tido filhos, foi quem criou o filho do *Cel. Alberto*

Furst, José Luiz Furst (esposa Albertina), na Rua Alcides Lins, 601, Venda Nova, Belo Horizonte MG, onde também residia, com sua esposa Maria Augusta e *Maria da Conceição Teixeira*, sua irmã, todos falecidos.

"A Arte que possui maior afinidade com a música, é a Arquitetura".

A música "*Laços de Amor*" já foi executada pelas Bandas do 3.º Batalhão da Polícia Militar e Banda Sinfônica Mirim "Antônio de Carvalho Cruz", em Vesperatas, Concertos no Biribiri e Gruta do Salitre, por ocasião do Festival de Inverno, e demais eventos na cidade.

PARTITURA DE LAÇOS DE AMOR

7 Laços de Amor. Schottisch (g. Klein) Franckische

mod.
Largo

Schottisch *efo*

Tris

efo *Fine*

2

Wagen zur Amore Schottisch ^{1. Thema} Solo

Moderato
Handwritten musical notation on a staff, starting with a treble clef and a key signature of two flats. The music begins with a forte dynamic marking 'f'.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, continuing the piece.

Handwritten musical notation on a staff, concluding the piece with the word "Finis" written at the end.

A HISTÓRIA DO "CRUZEIRO DO CULA"

**"Louvado seja Nosso Senhor
- Que fez a Cruz, mas fez o Amor"
(Mariana Higina)**

GERALDO - Do mirante do seu casarão, meu bisavô, *JOHN ROSE*, lia o que estava escrito nas estrelas e astros. Nosso primo "*Bijinho*" (*in memoriam*), que foi criado lá dentro pela sua avó *MARIA ROSE*, ainda chegou a ver de perto um enorme telescópio, voltado para a Serra do Rio Grande, onde está o "*CRUZEIRO DO CULA*", cuja *história* apontava para uma nova fase da vida religiosa de Diamantina.

CONCEIÇÃO - *D. João*, o primeiro Bispo, havia deixado a sede da Diocese para fazer as Visitas Pastorais e ficar perto de seu Rebanho que estava mais afastado e, para percorrer todos os lugares, teria de ficar muito tempo ausente de Diamantina. Os diamantinenses ficaram aflitos com a demora do querido Pastor e rezavam incessantemente por sua volta, com saúde e paz. "***A oração é a força da Igreja***" (Frei Ignacio Larranãga). Pela "*VIDA E OBRAS DE D. JOÃO ANTÔNIO DOS SANTOS*", *Primeiro e Santo Bispo de Diamantina*, "*Da fundação do Colégio Das Dores, até o Abolicionismo*", escrita pelo Padre Severiano de Campos Rocha e publicada no Jornal "A Estrela Polar" de 26/11/1939 e 03/12 do mesmo ano, ficaremos conhecendo esta bela *história*.

"(...) Algumas particularidades concernentes ao que venho expondo, e que julgo merecedores de registro como parte integrante do assunto em efetivo desenvolvimento. Onde acertava de chegar, D. João era sempre recebido, não só com as honras que lhe cabiam como Diocesano, mas com as maiores e efusivas demonstrações de jubilo, por parte dos habitantes, os quais lhe saíam ao encontro ate consideravel distancia do povoado; e uma vez em sua presença lhe prodigalizavam toda sorte de reverencias, acatamento e homenagens, merecidas, alias, e superiores a tudo o que de mais belo e emocionante se possa idear. Vem a talho uma das mais calorosas e festivas recepções que lhe foram feitas ao regressar de uma longa excursão pastoral pelo Nordeste da Diocese confinante com o

Arcebispo da Bahia. Tendo posto mais de quatro meses na viagem, pois havia saído em julho de 1871, só a 5 de novembro pôde estar de volta na Diamantina, onde era ansiosamente esperado, para benzer um grande cruzeiro que o Comendador Herculano mandara fazer, para ser levantado em um dos pináculos vizinhos da serra que fica a leste da cidade.” Vejamos, pois como foi recebido pelos diamantinenses, o que vem minuciosamente descrito no "JEQUITINHONHA" com esta epígrafe: "A ENTRADA DE S. EX. REVERENDÍSSIMA. Acha-se restituído a seus penates, depois de uma excursão de quatro meses e meio, o Sr. D. João Antonio dos Santos, Bispo de Diamantina. A entrada de S. Ex. na Cidade foi uma ovação popular a qual esboçaremos em breves palavras e com singeleza. (...) Girandolas e fogos atroavam os ares. O alvoroço apossou-se de todos, cada qual queria ser o primeiro a render ao venerando Prelado o seu tributo de amor e congratulação pela sua chegada... Um magnífico cruzeiro (de madeira), pesando cerca de sessenta arrobas, foi levado em braços por cidadãos de todas as classes, para ser levantado no cimo mais alto da serra que circunda a Cidade, como comemoração da volta do pastor ao seio de suas ovelhas. Atacavam-se centenas de fogos e bombões; **acompanhando o prestígio a excelente Banda de Musica do Coro Grande – Corão.**" "Essa ideia, toda da iniciativa do Comendador Herculano Carlos de Magalhães e Castro, 'o CULA', que as suas expensas mandou construir o cruzeiro, deu verdadeiro brilho e realce a recepção de S.ex.^a O Herculano era íntimo da família Rose e seu compadre; a família dizia ter sido mandado confeccionar este Cruzeiro na Carpintaria Artística do Arraial dos Forros. "Em 3.500 a 4.000 foi calculado o numero das pessoas que acudiram ao encontro de S. Ex. Rev.ma mais de uma legua distante da Cidade. A muito custo pôde o Exmo. Prelado romper por entre a multidão que se aglomerava em redor, para beijar-lhe as mãos. Mas, afinal, conseguiu chegar a Capela que se havia improvisado com folhas de palmeira e coberta de pano. A frente da Capela achava-se o Cruzeiro enfeitado de flores e destinado a ser bento por Sua Reverendissima. **Antes da Cerimonia da Benção, o Juiz de Direito, Dr. João Salome de Queiroga saudou em nome do povo e em seu nome, congratulando-se pela sua feliz chegada a sede do Bispado, ao seio da familia e dos seus diocesanos. Aproveitando-se da oportunidade, deu oficialmente a S. Ex. Rev.ma. a fausta e auspiciosa noticia da lei pela qual eram considerados livres os nascituros, filhos de mulher escrava, tambem chamada 'LEI DO VENTRE LIVRE'. Esta grata noticia recebeu-a o Prelado com**

expansão de jubilo, pois é sabido que foi S. Ex. Revma. um dos mais ativos colaboradores de tão humanitaria ideia. Sabe-se, nesta cidade, que os brilhantes artigos publicados pelo JEQUITINHONHA no ano de 1871, sobre o dito assunto, eram da ilustrada pena de S. Ex. Revma. e por isso, muito aplaudida foi a lembrança do Dr. Salomé. Seguiu-se a benção do Cruzeiro por S. Ex. Revma.; e ja era noite fechada, quando imenso prestito acompanhou-o para a Cidade. Na Sé, desempenhou o CORO GRANDE (Corão), com toda pompa, o magnífico 'Te Deum' de Henrique Alves de Mesquita, celebre maestro brasileiro. No dia seguinte, dia de Todos os Santos, com cerca de 4.000 a 5.000 pessoas, um sino para ali transportado, chamou os fieis para a oração, onde deveria levantar o magnifico cruzeiro. Ao meio dia em ponto, entrou a Missa cantada, tocando e cantando o "CORO GRANDE" (Corão), a mais lucida corporação musical de Diamantina. 'Aquela Cruz, disse o Padre Sipolis, Superior do Seminario, não deve ser somente um marco de comemoração, mas tambem uma arma de combate para fortalecer a fé e vencer a iniquidade. No alto do Cruzeiro, como no sinal aparecido ao grande Constantino, devem-se ler estas palavras: 'In hoc signo vinces'. Em seguida a Missa, guindou-se o Cruzeiro que, içado por meio de tesouras de madeira e de cordas, em poucos minutos, coroou aquelas alturas de nossa querida Cidade; e a multidão se dispersou, tão alegremente, como se havia formado".

CONCEIÇÃO - JOHN ROSE tinha um amor apaixonado pelo trabalho. As fontes guardaram silêncio a respeito de sua atuação na comunidade, mas dispomos de elementos suficientes para concluir que ele foi uma pessoa que dedicou toda sua vida ao trabalho. Foi fiel até as últimas conseqüências na sua amizade com o Bispo D. João Antônio dos Santos. Ambos, na ampla esfera de suas personalidades, suas atenções (mente, impulsos, motivos, energias sensíveis) estavam completamente ocupadas pela pessoa de Jesus, através do próximo. **Embora D. JOÃO fosse católico e JOHN ROSE maçom e anglicano, já praticavam o ECUMENISMO.**

"Tudo para a maior glória de Deus!"

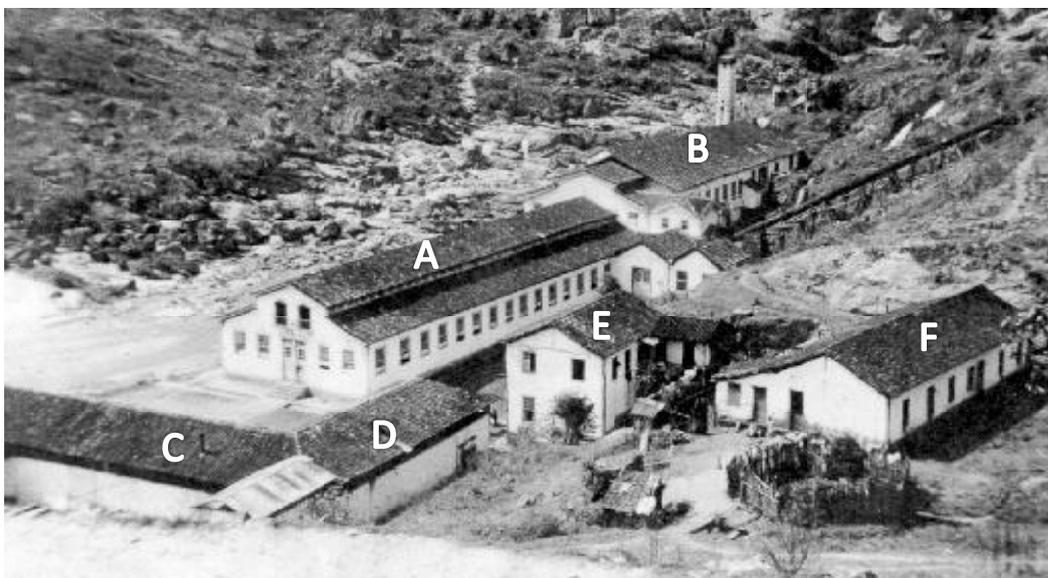
"Ad majorem Dei gloriam!"



***Comendador Herculano Carlos de Magalhães Castro
(Cula).***

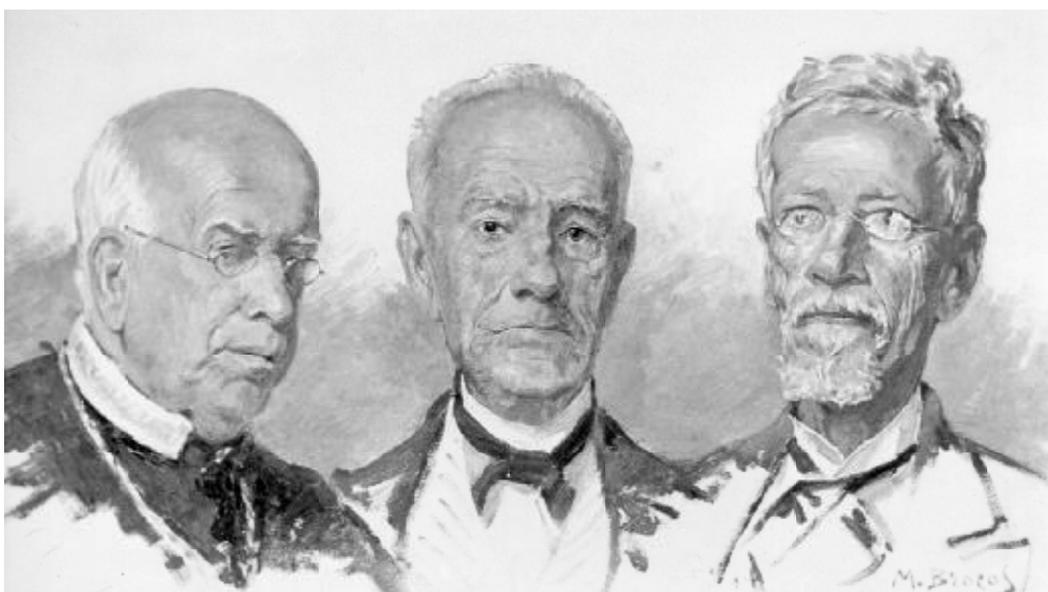
***Pintura da Galeria da Santa Casa de Caridade
Foto Acervo Família Duarte Tibães***

BIRIBIRI **(BIRIBIRY)**



Fábrica de Fiação e Tecidos, Carpintaria e Fundição de Bronze e Metais ***“Biribiri”***

*(A- Tecelagem e Fiação; B – Usina Hidroelétrica – Turbina; C – Carpintaria;
D – Fundição de Bronze e Metais; E – Casa do Vigia; F – Alojamento Masculino:
Original do acervo da Família Duarte Tibães)*



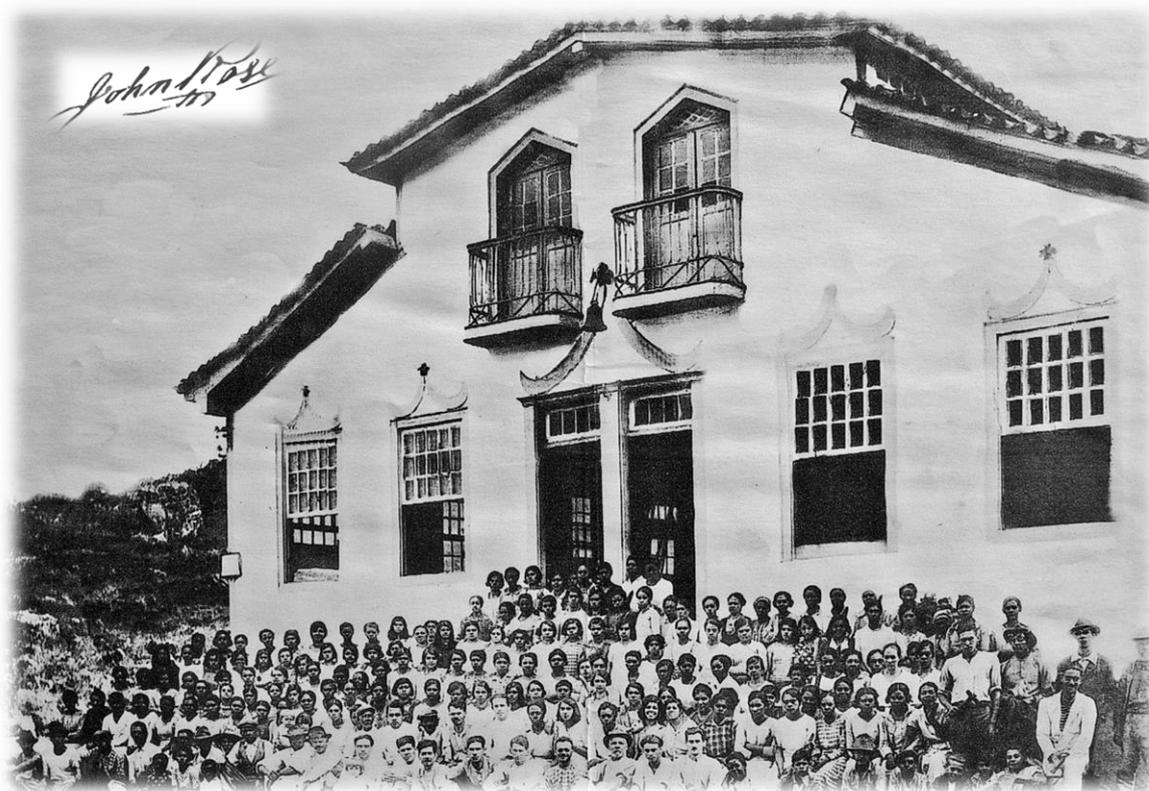
***Os três irmãos: D. João Antônio dos Santos – 1º Bispo de Diamantina;
Dr. Antônio Felício dos Santos e Dr. Joaquim Felício dos Santos
que realizaram a construção do Biribiri.
(Foto do acervo do Sr. Laércio Lages)***

A HISTÓRIA DO BIRIBIRI

Tenho muita estima pelos historiadores da região, mas sobre o assunto do Biribiri estes não possuem a necessária profundidade.

Vivenciei e Vivi junto com minha família e amigos fatos importantes desta história. Que cada um tenha a devida competência; o importante é o Respeito para expressar em palavras os fatos reais acontecidos!

A autora.



Patrões e operários do Biribiri em 1932. Foto: Acervo Família Duarte Tibães.

CONCEIÇÃO - BIRIBIRY (Nome antigo encontrado em vários documentos):

BIRIBIRI: S. m Bras. Peixe teleósteo caraciforme, caracídeo (*Leporinus Nigro taeniatus*) (Schom.), *da Amaz. e Guianas, cinza prateado com faixas escuras*, conforme nos diz Aurélio Buarque de Holanda em seu Dicionário da Língua Portuguesa, 1985 RJ Editora Nova Fronteira, p.263.

Para nós, também *Biribiri* sempre significou *Peixe*, ou melhor, nome de peixe.

Em conformidade com a "*PROPOSTA DO PLANO DIRETOR DE DIAMANTINA - ESTUDOS BÁSICOS*" para o tombamento de "DIAMANTINA PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE", datada de 15 de setembro de 1999, a Fundação Centro Brasileiro Referência e Apoio Cultural - CEBRAC - apresentou o *BIRIBIRI* como um dos LOCAIS DE INTERESSE TURÍSTICO NO MUNICÍPIO DE DIAMANTINA UMA DAS LOCALIDADES BUCÓLICAS, com os seguintes termos:

-BIRIBIRI -

"*DISTÂNCIA: 16 Km*".

ACESSO: Pelo Trevo Diamantina/Araçuaí. Seguir sinalização, por estrada de terra em boas condições de conservação.

DESCRIÇÃO: Antiga Fábrica Têxtil, *uma das primeiras do Brasil a utilizar o SISTEMA INGLÊS DE FÁBRICA*, que era autossuficiente e abrigava seus trabalhadores. Foi criada pelo *Bispo D. João Antônio dos Santos, em 1876*, e hoje está desativada. Possui uma Capela onde repousam os restos mortais do historiador *Joaquim Felício dos Santos*. Todo este Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de Biribiri foi homologado pelo IEPHA/ MG - Belo Horizonte, 11/11/98. O Decreto nº. 39.909/98, de 22 de setembro de 1998, do Sr. Governador do Estado de Minas Gerais, Eduardo Azeredo, criou o *PARQUE ESTADUAL DO BIRIBIRI*, com a finalidade de proteger a biodiversidade regional e de gerar alternativas de uso e ocupação mais racional dos recursos naturais, como o eco turismo, através da geração de empregos e renda, além de criar condições para o desenvolvimento de pesquisas e estudos científicos. Esse PARQUE ficou administrado pelo IEF Instituto Estadual de Florestas.

HELENA MORLEY, em seu livro "*Minha vida de menina*", pp.51 e 52, Edição 1942, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, refere-se ao Biribiri, (*para ela Beriberi*):

"Quarta feira 17 de maio de 1893. Chegamos hoje do Beriberi onde passamos três dias de gozo completo. eu não teria pressa de ir para o céu, se morasse no Beriberi. não acredito que no céu se possa ter melhor vida do que ali.

Quando eu volto de lá, fico com o lugar e as pessoas na cabeça muito tempo... O lugar é lindíssimo. A Casa Grande, de D. Mariana, é cercada de árvores frondosas. Ela vive com a casa sempre cheia de hóspedes e todos muito bem tratados. A mesa é muito grande e cheia de comidas (...). De noite as moças da Fábrica brincam de roda e de tudo que querem. **O lugar onde elas dormem é uma casa comprida chamada Convento** (...). Guardo na memória até hoje a primeira vez que fui ao Beriberi"(...).

Minha família e eu conhecemos pessoalmente a Alice Brant (Helena Morley) e sua filha Sarita quando ambas se hospedaram em casa de meus pais, à Rua Macau do Meio, 250, Centro, em Diamantina MG - Brasil. Também guardo inúmeras recordações de minha infância e juventude passadas dentro deste "Cantinho do Céu". TODOS VIVENCIAMOS AQUELE "TABOR", casas construídas por JOHN ROSE. Pertenceu aos nossos avós, pais e a nós. Dentro desta Casa Grande, para a gente chamada de Casa da Gerência, passamos os melhores anos da adolescência. Era uma casa enorme, com um corredor central de aproximadamente 40 metros, começando no alpendre da entrada e terminando no Salão da Escola. **O centro era cortado por uma sala que o atravessava, dando à casa a forma de uma cruz.** A sala de jantar tinha dois ambientes. Do lado esquerdo, havia uma mesa grande, cheia de cadeiras, onde os visitantes e o Capelão Monsenhor Levi Pires de Oliveira, (que administrou o meu Batismo e de cujas mãos recebi a Primeira Eucaristia), tomavam as refeições. Sempre ouvi falar que aquela mesa de jantar era a em que o Bispo D. João fazia o seu repasto. Todos os quartos da casa, em grande número, davam suas portas para esse corredor. Também a cozinha e os banheiros. Vem à minha memória, com saudades que, quando chovia, todos nós ficávamos dentro da casa andando de bicicleta ou brincando com os carneirinhos mansos pertencentes aos meus irmãos. Chegavam muitas crianças da cidade para ficarem alguns dias conosco; filhos de parentes e amigos da família. BIRIBIRI é um "Cartão Postal de Diamantina". Naquele tempo, como hoje, não se podia receber uma visita importante, políticos, quem quer que viesse à nossa Diamantina, sem conhecer o Biribiri. Lá era o banquete ou a festa organizada por meus pais Pedro Duarte e Maria Luíza Horta Duarte, com esmero. BIRIBIRI, a "Sala de Visitas de Diamantina", dos Presidentes, Governadores e das Caravanas de vários países, como Inglaterra, França, Argentina e Estados Unidos, o que era uma constante. Vinham para conhecer este "pequeno grande lugar", ou pelo comércio que se exercia com estes e outros países.



Pedro Duarte e sua esposa Maria Luiza Horta Duarte (1939)

Acervo Família Duarte

D. Belchior Joaquim da Silva Neto (in memoriam), Bispo Resignatário da Diocese de Luz MG, historiador, escritor e poeta com o pseudônimo "Anibel Filho" entrevistado pelos alunos da Escola Estadual "Professor Leopoldo Miranda", de Diamantina, por ocasião da colocação de uma placa escrita o nome de *PEDRO DUARTE*, na rua que dá acesso ao 3º Batalhão da Polícia Militar, ao lado do Tiro de Guerra, em 08 de setembro de 1984, *ressalta a figura política de PEDRO DUARTE*, (Ex-Proprietário do BIRIBIRI), declarando que:

"Quando professor do Seminário de Diamantina, depois dos anos de

1945, conheci de perto o Sr. PEDRO DUARTE, distinto esposo de D. MARIA LUIZA HORTA DUARTE, pai de uma prole laboriosa e honrada, que constituía naquela época, nome importante na terra diamantinense. Em PEDRO DUARTE eu admirava o Político genuinamente mineiro, o cristão honesto e amigo, o diamantinense realizador.

Como político hábil e confidente de Juscelino Kubitschek, mineiramente operoso, ele sabia influir nas grandes decisões que impulsionaram Diamantina no concerto dinâmico dos municípios de Minas Gerais.

Podemos dizer, sem medo de parodiar, que ele trabalhava no silêncio da humildade, fora das manchetes e do sensacionalismo, porém persistente e ardoroso, heroico e animador. Basta citar a Fábrica de BIRIBIRI, onde mais de uma vez, após o Retiro Espiritual dos operários, pudemos assistir na pujante movimentação dos teares, como forja de progresso, uma alvorada industrial em Diamantina, amparo à classe trabalhadora, lição de civismo e honradez, que jamais se poderão esquecer.

- Falar, pois, em PEDRO DUARTE, é descortinar no passado um valor diamantino, escondido, é verdade, porém estuante do mesmo dinamismo que animou o cenário nacional, a figura imortal de Juscelino Kubitschek de Oliveira”.

O Sr. Dr. Rômulo Franchini (in memoriam), Diretor da Companhia Industrial de Estamparia, Firma sucessora de "Irmãos Duarte" e da Fábrica "Antonina Duarte", na mesma época, nos fala que **"PEDRO" era admirador incondicional de Juscelino Kubitschek, que teve em "PEDRO" um dedicado amigo, que muito o ajudou na sua fabulosa carreira Política.**

O seu desaparecimento prematuro, tirou de Diamantina um dos seus grandes filhos e possivelmente a sua falta mudou ou influenciou em muitos pontos a Cidade.

Para todos nós, PEDRO DUARTE foi o "Missionário do Bem, Embaixador da Cordialidade", como nos afirmou o nosso Ex-prefeito Dr. Edson Lago Pinheiro (In memoriam).

Com PEDRO DUARTE (Diretor Técnico e Comercial da Firma 'Irmãos Duarte' Têxtil e Comercial), conforme sabemos, por sermos seus filhos, muitas pessoas disseram ser o BIRIBIRI o lugar predileto também para o descanso de JUSCELINO.

Na presença de JUSCELINO como Médico, nasceu o nosso irmão ROBERTO, que recebeu este nome em homenagem ao filho de JOHN ROSE,

Herculano ROBERTO Rosa, dia 15 de janeiro de 1935. (A seguir veremos por que).

O Jornal do Rio de Janeiro "*RIO IMPARCIAL*" nos relata que: "*a Fabrica de BIRIBIRY, é a única no Brasil que mantém 'CONVENTO' para abrigar as 200 operárias, geralmente órfãs, comprada por Algemiro Pompuloni Duarte ('MELO') e o irmão João Gerundino Duarte, continuando também o ideal de seu fundador D. João Antônio dos Santos.*

PEDRO DUARTE, seguindo o espírito de seu pai, um destes 'que não conhecem o mal', daqueles que obedecem a máxima já consagrada, 'fazer o bem, sem saber a quem', é bem o Industrial da Escola Rígida, mas Adiantada, olhando sempre as necessidades de cada um. Os seus operários tinham-no como companheiro e não como patrão, por isso a estima que lhe vota a cidade em peso é bem merecida".

"(...) Ainda nos seus 14 anos, PEDRO DUARTE já se revela um gênio, pois, sem ter ido à Inglaterra ou à América do Norte, conhece de sobra todos os serviços de fiação e tecidos, tendo batido o recorde na produção do Brasil, em um dia. É mecânico provector, dirigindo e fabricando todas as peças necessárias às máquinas da Fábrica, que para isso se acha muito bem aparelhada com forno de fundição".

Trabalhava com destreza o bronze, chegando a confeccionar sinos, placas, grades, etc., inclusive o mausoléu do seu pai que se encontra no Cemitério Municipal de Diamantina e o próprio rosto, que poderá ser visto na sede da Corporação do Tiro de Guerra, também em Diamantina.

Sua família em todas as ocasiões acompanhou os momentos de seus trabalhos. "Paizinho", quando ia fazer algum empreendimento, levava seus filhos, como também os filhos dos operários e amigos, para conhecerem de perto a fundição em bronze. Seus ensinamentos eram bastante concretos. Era verdadeiro Educador!

Aproveitando esta oficina, os globos da procissão da Sexta-Feira Santa, bem como toda a ferragem da "Guarda Romana" da Semana Santa de Diamantina, capacetes, lanças, escudos, sabres, facões, lanternas, etc.. foram feitos de novo e pintados de prateado, no Biribiri, por Pedro Duarte, seus filhos Elter e Algemiro; Bié Brant, Zé da Sé e outros, em 1946, hoje todos falecidos.

Mais uma coisa digna de nota foi a confecção do novo andor de N. Senhora das Mercês, com os escravos e correntes. Belíssimo!

Como nos tempos de D. João Antônio dos Santos, as reformas dos templários, bancos para as Igrejas, púlpitos, grades etc., eram confeccionados nas oficinas de Biribiri.

Seus ensinamentos baseavam-se no concreto; gostava que nós vivenciássemos juntos, inclusive membros da família ROSE, todos os acontecimentos...

Exemplificando seu entusiasmo, quando Presidente do "Aeroclube" de Diamantina, foi doador do terreno do Campo de Aviação, comprada parte nas mãos do Sr. Tãozinho Faria, "cobrindo muitas vezes as necessidades do Clube com o dinheiro de seu próprio bolso".

Pedro Duarte, grande amigo de sua terra, desenvolveu uma série de empreendimentos, coroada de esplêndido êxito.

Graças ao seu dinamismo, foi estudado e preparado novo Campo de Aviação, distante do primeiro e rasgadas novas pistas.

Construiu o Hangar que tomou o nome de "Capitão Doring", homenagem prestada à primeira vítima de aviação em nossos céus. Dotou-o de instalações e ligou-o a Diamantina, teve como paraninfo Dr. Juscelino Kubitschek, que discorreu brilhantemente sobre a personalidade de Pedro Duarte o grande amigo de Diamantina". (Texto tirado do Livro 'Vultos e Fatos de Diamantina'- Soter Couto - Imprensa Oficial - Belo Horizonte MG, 1954 - pág. 155).

Chegou a desmontar o primeiro avião de Diamantina, o "Francisco Sá", e levá-lo até o *BIRIBIRI*, para que os "mais idosos" e as crianças conhecessem de perto um avião.

E PEDRO DUARTE teve como seu mestre, "Herculano Roberto Rosa", filho de JOHN ROSE, que era o "Chefe da Mecânica" da Fábrica de Biribiri, na ausência do Pai. Bom Mestre, Melhor Discípulo.

***"Sendo a vida profundidade e não extensão,
para um homem de valor, cada instante é uma vida".***

(Dom Nivaldo Monte)

São Paulo, 4 de setembro de 1997

Para
Maria da Conceição Duarte Tibães

Envio-lhe, conforme combinamos, alguns dados relativos ao período em que a Fábrica de Tecidos Biribiri pertenceu à minha família.

Após o falecimento de meu tio-bisavô - Dom João Antônio dos Santos, e de seus irmãos, a Fábrica passou para as mãos de meu avô - José Marques Nogueira Guerra, que se casou no dia 30 de janeiro de 1886 com Etelvina Felício dos Santos. Esta era filha do casal Senador Joaquim Felício dos Santos e Maria Jesuína Felício dos Santos. Maria Jesuína era sobrinha do senador Felício dos Santos, filha de seu irmão Major Antônio Felício e de Mariana Valadares Fernandes dos Santos. O casamento se deu a 8 de julho de 1855.

No Biribiri, nasceram os cinco filhos de minha avó Etelvina: José, Joaquim (meu pai), João, Maria das Dores e Elias. Meu avô era conhecido como Coronel Guerrinha. Era filho de José Marques Nogueira Guerra, nascido no Porto, em Portugal. Meu bisavô veio para o Brasil como representante do governo português em Diamantina, tal a importância de nossa cidade naquela época. Havia em nossa casa, no antigo sobrado da Rua do Amparo, em lugar de honra, uma bandeira portuguesa. Meu bisavô veio jovem para o Brasil, nunca mais voltou a Portugal. Em Diamantina contraiu núpcias com uma brasileira: Josefina Carolina Netto, de família tradicional.

Meu avô cuidou da Fábrica por muitos anos. Em 1916, meu pai - Joaquim Guerra - casou-se com Maria Edênia de Campos Mandacarú, filha do professor Antônio Duarte Mandacarú e de Maria Augusta de Campos Mandacarú. O novo casal foi morar no Biribiri. Meu avô, meu tio João e meu pai passaram a trabalhar não só no Biribiri, como também em outra Fábrica de Tecidos: Santa Bárbara, localizada a 12 Km da antiga estação ferroviária Curimataí (hoje Augusto de Lima). Essa Fábrica deve estar ainda em atividade e suponho que pertença à família Pacundino Ferreira. Eu e meu irmão Jadyr nascemos no Biribiri. Meu irmão caçula, Érico, nasceu em Santa Bárbara.

A família não conseguiu manter a posse das Fábricas e o Biribiri passou para as mãos da família Duarte.


José Mandacarú Guerra

Dr. Algemiro Duarte Netto, Cirurgião Dentista, nosso irmão primogênito, falecido recentemente em Belo Horizonte, fez questão de nos lembrar que o "Paizinho", PEDRO DUARTE, "sentia-se prazeroso em mostrar para os visitantes os retratos de vovô 'MELO', de D. JOÃO ANTÔNIO DOS SANTOS e chamava a atenção para o de JOHN ROUSE, aquele Inglês, Arquiteto, Mecânico e Músico, que construiu a Fábrica de BIRIBIRI, a Vila, o PASSADIÇO DO COLÉGIO, a Basílica do Seminário e o Prédio Velho, a Fábrica de Gouveia, (S. Roberto) e Fábrica de Santa Bárbara (Minas Gerais), como também outras grandes obras, em Diamantina e arredores, sempre ajudado por seus filhos e filhas que eram hábeis entalhadores".

Esses retratos ficavam na sala de visitas da Casa da Gerência, onde morávamos, os oito filhos do casal Pedro Duarte / Luiza Horta: Algemiro, Maristela, Elter (todos *in memoriam*), **Conceição** (autora), João Carlos (*in memoriam*), Roberto Luiz, Pedro Carmelo (*in memoriam*), Auxiliadora (*in memoriam*), e muitas outras pessoas. A casa vivia sempre cheia de parentes, amigos, visitantes, como alunos das Escolas da Cidade e arredores.

O Sr. Luiz Araújo (*In memoriam*), Ex-Secretário da Fábrica de BIRIBIRI, na *gestão dos Duarte e dos Mascarenhas*, quando Vereador e Presidente da Câmara Municipal, relatou-nos que o Sr. Dr. Alexandre Diniz Mascarenhas (*in memoriam*), que foi proprietário do BIRIBIRI, levou este retrato para seu Escritório, em Belo Horizonte e sempre se colocava diante dele e dizia solenemente: "**Meu Mestre, meu Grande Mestre**"...

TONINHO - Muito bem, D. Conceição! A senhora e seu esposo fizeram uma boa pesquisa na "*Vida e Obras de D. João Antônio dos Santos*", escrita pelo Padre Severiano de Campos Rocha. Sobre o "*Início do Biribiri*". O que encontraram de interessante?

CONCEIÇÃO - No Jornal "*A Estrela Polar*", de 07/06/1940 há um "SUMARIO" descrevendo esse "*INICIO DE BIRIBIRI*", porém nenhuma referência faz à pessoa de JOHN ROSE e seus filhos, que foram seus principais Arquitetos e Mecânicos. Sobre a *maquinaria inglesa*, nada diz a respeito: - "*Quando, como e por que dous irmãos de D. João, Major Antonio Felicio dos Santos e Dr. Joaquim Felicio sob inspiração, do Bispo, fundaram a Fabrica de Fiação e Tecidos do BIRIBIRI (...)* movido pelo seu espirito de Caridade e quem por ela mais fez. Começo pelas causas ocasionais da aludida Empresa. Houve na Diamantina um frade

franciscano, encarregado de angariar esmolas para a Terra Santa. FREI JOAQUIM (tal o seu nome), era possuidor de uma lavra de ouro e diamantes sita a margem do BIRIBIRI, volumoso riacho afluente do Jequitinhonha, e que o frade explorava em pequena escala. Um estrangeiro, (não revelou que era John Rose,) vindo ao Tijuco, arrendou as ditas terras e, segundo a tradição, em poucos mezes de serviço, delas extraiu cerca de oitenta contos de reis em ouro e diamantes, uma fortuna que, se fora hoje, valeria o decuplo ou mais. Satisfeito com o pingue resultado, obsequiou o Frei Joaquim com grande porção de ouro extrahido, recindiu o contrato de arrendamento e voltou para o seu paiz (???). Antes de sua morte, deu o frade a D. João a lavra com as casas suas, na mesma região. (...) D. João ponderou que bem se podia fundar um estabelecimento, com ajuda dos dous irmãos da mesma espécie da Industria Textil, dos Mascarenhas, nos Municipios de Curvelo e Sete Lagoas, (vira em visita), (...)no ponto em que o RIACHO DO BIRIBIRI tivesse mais correnteza aproveitavel como força motriz das machinas; que pensassem a respeito, não se esquecendo de que seria um beneficio real ao alcance de centenas de moças e crianças indigentes necessitadas de trabalho honesto e bem retribuido. Estudada a materia em questão, resolveram os dous pelo lado positivo, de maneira que a 06 de janeiro de 1876, depois de festiva e solene benzida por D. João, inaugurava-se a FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DO BIRIBIRI, sob a responsabilidade da 'Firma Santos & Comp', com 20 teares (1876). Pouco depois, anexas a Fabrica, foram creadas duas Oficinas: a primeira de LAPIDAÇÃO DE DIAMANTES e a Segunda de FUNDIÇÃO DE METAIS. Foi nesta ultima que se moldou e fundiu o GRANDE SINO DA BASILICA DO SAGRADO CORAÇÃO, cujo som, conforme a vibração do momento, é distintamente ouvido na cidade. A principio, entre fiandeiras, tecelonas e lapidarias, tenho que se não contavam menos de 150 moças e meninas, e do sexo masculino, uns 20, de diversas profissões. Quanto aos edificios, vem, em primeiro lugar, a CAPELA, bastante alta e de bom gosto, tendo por padroeiro o Sagrado Coração de Jesus; o da FABRICA, O CONVENTO, em que se recolhiam e dormiam as operarias e para cujo refeitório, sito no andar terreo dava o palco para um adornado teatro, onde se representavam dramas escolhidos e comédias não sendo outras as comicas senão as proprias operarias de mais queda para o palco. Alem destes, outros, a saber: O ESCRITORIO DA COMPANHIA, o deposito de tecidos, (...) MORADAS DOS DIRETORES, Dr. Joaquim Felicio, do Capm. João Felicio, que era a de todas a mais vistosa, a do rancheiro e outras de empregados

subalternos. Era o lugar predileto, onde, a título de descanso, costumava D. João passar algum tempo, hospedando-se com seu irmão mais velho".



Foto da VILA DO BIRIBIRI. 1 - Residência do Frei Luiz e depois Telegrafo; 2 – Residência da Gerência; 3 – Casa das Operárias, chamada “Convento”; 4 – Refeitórios; 5 - Capela Sagrado Coração de Jesus; 6 - Garagem dos veículos. Acervo D. Conceição, 1947.

TONINHO - Nesta altura, deve ser esclarecido um ponto importante que precisa ser ponderado. Por favor, D. Conceição, fale para nós de um equívoco praticado pelo Padre Severiano da Rocha em relação ao nome do Frade doador do terreno do Biribiri a D. João Antônio dos Santos.

CONCEIÇÃO - Sim, tenho em mãos a cópia de uma Procuração, datada de 26 de novembro de 1864, em que o *Frei Luiz de Ravena*, Missionário Apostólico Capuchinho, Administrador da Ordem e Congregação na Serra da Piedade, onde constituiu seu bastante Procurador, com poderes "*in solidum*", o Ex. e Rev^{mo}. Sr. *D. João Antonio dos Santos*, Bispo de Diamantina e este por sua vez substabelece esses poderes ao *Padre Jose Jacintho Nunes*. (O Documento foi encontrado no Arquivo da Mitra Arquidiocesana, de Diamantina, da Caixa nº 04 - Correspondências de D. João, de 1848 a 1905). Completando esta correção, temos conhecimento, através de relatos e vivência no *BIRIBIRI*, de que este Frei não levava o nome de Frei Joaquim, como registrou o dito Sacerdote escritor.

Querem também algumas pessoas que o *Frei Luiz* seja uma figura lendária, mas não é verdade. Sua casa ficou bastante conhecida por nós. Lá era o lugar onde nos tempos de meus avós e pais funcionava a agência dos Correios, inclusive o 1º agente foi meu padrinho, o Sr. Maximiano Saraiva e depois o Sr. Olavo Leite, bastante conhecido em Diamantina, porque o *BIRIBIRI* tinha vida independente. Muito ainda se pode falar sobre esta 'pedra preciosa', como está escrito no *INFORME HISTÓRICO BIRIBIRI* (Dossiê do tombamento pelo IEPHA): "

"A história de BIRIBIRI, para a maioria das pessoas que a conhece, seja por fotografias, por reportagens, por livros ou em visitas, é a HISTÓRIA DA FÁBRICA. Vislumbrando o seu conjunto urbano arquitetônico, percebe-se a clara iniciativa de um planejamento anterior, onde cada construção seja ela uma mais simples casinha ou mesmo dos galpões (hoje com algumas modificações), parece estar no seu devido e determinado lugar, provavelmente demarcado com antecedência. Nada ali parece ter sido aleatório, como é o caso da maioria das vilas e arraiais mineiros, onde algum aventureiro ergueu em uma paragem propícia. (...) Paralisada, porém, sua atividade econômica, paralisada também foi a sua 'vida', o que provavelmente explica o fato de ter sido atribuído ao lugar a alcunha de 'cidade fantasma'. Todavia interessante é que, aos olhos do espectador seja ele historiador, arquiteto, economista, visitante não se pode imaginar que esta diminuta cidade, praticamente ausente de habitantes, escondida por colinas, cachoeiras, matas e situada em algum ponto remoto da Serra do Espinhaço, tenha passado por um desenvolvimento tal que sua representatividade e sua importância como Centro Econômico da Indústria Têxtil Mineira se fez repercutir tanto em Minas Gerais, como no exterior".

Amizade entre Pedro Duarte e Juscelino Kubitschek

Santa Maria do Suaçuí, 05 de julho de 2001

"Depoimento espontâneo de Maristela Horta Duarte, hoje Maristela Duarte de Oliveira Rocha, brasileira, casada, nascida aos 20/02/1929, que foi residente na Fábrica de Tecidos do Biribiry - Diamantina MG, por muitos anos, local em que nasceu; aos 72 anos, moradora na cidade de Santa Maria do Suaçuí MG.

Quero com este demonstrar o quanto de amizade existiu entre meus pais, Pedro Duarte e Maria Luíza Horta Duarte, com o Dr. Juscelino Kubitschek Oliveira e sua esposa, D. Sarah de Souza Lemos.

O convívio iniciou bem cedo e o Dr. Juscelino sempre procurou o Biribiry para as suas horas de descanso, após os movimentos políticos, que também começaram bem cedo. Nossa casa era o ponto de parada. Além de Amigo, era médico da família.

O aniversário de D. Sarah era 05 de outubro, mesmo dia do aniversário do Paizinho (modo carinhoso pelo qual me refiro ao nosso pai, Pedro Duarte) e muitas vezes foram comemorados juntos, em Biribiry, nos cristais ou até mesmo nas serras do Rio Grande, em Diamantina. Eram "comes e bebes" inesquecíveis, quando se encontravam vários amigos (políticos e também amigos de verdade).

Nessas comemorações não faltavam a leitoa assada com rosa na boca, azeitona, limão, bolos e doces (estes de leite, cidra, mamão e o famoso "pé-de-moleque").

A amizade continuou boa e constante até que, pelos Anos Quarenta, Paizinho e Mãezinha, em visita à casa de Juscelino, ouviram deles o desejo de adotar. Uma menina, para ficar com a filha Márcia, que necessitava de uma companhia.

Paizinho e Mãezinha prometeram ajudar a resolver o problema, se possível.

Como o movimento da Fábrica do Biribiry era grande, meus pais conheciam vários fornecedores de algodão, moradores que eram do Engenheiro Dolabela e outros lugares, pelos lados de Montes Claros. Entre eles havia um casal tão amigo que tinham uma filha chamada Maristela, justamente porque agradaram do meu nome e assim a denominaram para fazer uma homenagem a meus pais..

Os pais da Maristela sempre estavam em nossa casa, onde, além de passear, vinham dar acertos nos negócios. Paizinho e Mãezinha, então, entraram em entendimento com os mesmos. Começou o "leva, não leva", até que consentiram no pedido para que a menina Maristela fizesse companhia à Márcia.

Arranjamos o necessário para levá-la e em breve seguiram Pedro Duarte e Luíza Horta para a entrega esperada, o primeiro convívio, o que deu certo e acabou foi Maristela virando irmã e companhia de Márcia.

Os pais biológicos de Maristela, algodoeiros do Norte de Minas, gostavam tanto de meus pais que, além de homenageá-los com o nome dado à filha, justamente o meu nome, Maristela, de ter consentido na entrega da filha ao casal Juscelino e Sarah, os presentearam com um "porta-jóias", tipo bauzinho, forrado de veludo rosa, a mim entregue por Mãezinha, o qual possuo até hoje, sendo-lhes sempre grata."

Maristela Duarte de Oliveira Rocha

HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE JOHN ROSE

“Na história-problema, o historiador torna-se um ‘mediador de um diálogo’, de um debate entre os homens do passado, cuja presença torna-se mais viva, e os homens do presente, que se tornam menos solitários e desprotegidos. (...) Aos homens do passado, este diálogo oferece a esperança de sobreviverem à sua finitude.”

(José Carlos Reis ‘In’ ‘História e História da Educação’ - página 41).

Depois que o livro estava pronto muitas pessoas começaram a contar HISTÓRIAS SOBRE JOHN ROSE, coisas que haviam sido guardadas nas memórias das famílias ou que ouvidas por outras fontes as quais pessoalmente a autora não havia escutado. Muitas dessas narrativas por serem interessantes para a memória do John Rose foram aqui transcritas:

A senhora Maria José Vieira, ex-Delegada do Ensino da 5ª. DRE, de Diamantina, quando a sede da Delegacia funcionava no prédio do Seminário, encontrou-se certa vez, casualmente, com o Padre João Maria Poirier, que possuía formação de engenheiro e grande interesse pela Arquitetura de Diamantina. Esse encontro ocorreu em frente à Basílica do Sagrado Coração de Jesus.

Padre João, apontando para a Igreja, disse à D. Maria José:

- "ESTA BASÍLICA É OBRA DE JOHN ROSE".

O Sr. Bié Brant (*in memoriam*), entrevistado por nós aos 90 anos de idade, disse-nos ter ouvido o pai contar que, "quando nasceu a segunda filha de 'SEU JAMES', que era muito amigo de seu pai, Antônio Brant, O INGLÊS correu até próximo de Teixeira, onde estava trabalhando na construção da Fábrica de Santa Bárbara, e lhe disse:

_ NASCEU MAIS UMA SAIA EM MINHA CASA"! (Foi a FRANCISCA ROSE).

O Sr. Expedito Viveiros residente no Beco João Pinto, 7, Centro, juntamente com sua família, hoje proprietários da ex-Fazenda "Bom Jardim", em Buenópolis, próximo de Teixeira, nos relatou que "sempre ouviu as pessoas mais idosas daquele lugar, onde funciona a Antiga Fábrica de "Santa Bárbara", da Família Matta Machado, dizerem que o ENGENHEIRO INGLÊS montador da Fábrica de Biribiri, dava muita assistência à de "Santa Bárbara" e à de "São Roberto", construídas por ele. "Dr. JAMES" tinha uma experiência fabulosa: "Ele era um Mecânico extraordinário, bastava chegar a certa distância da Fábrica e escutar o barulho, ou ruído das máquinas, já sabia qual era a irregularidade delas. Quanta capacidade!"...

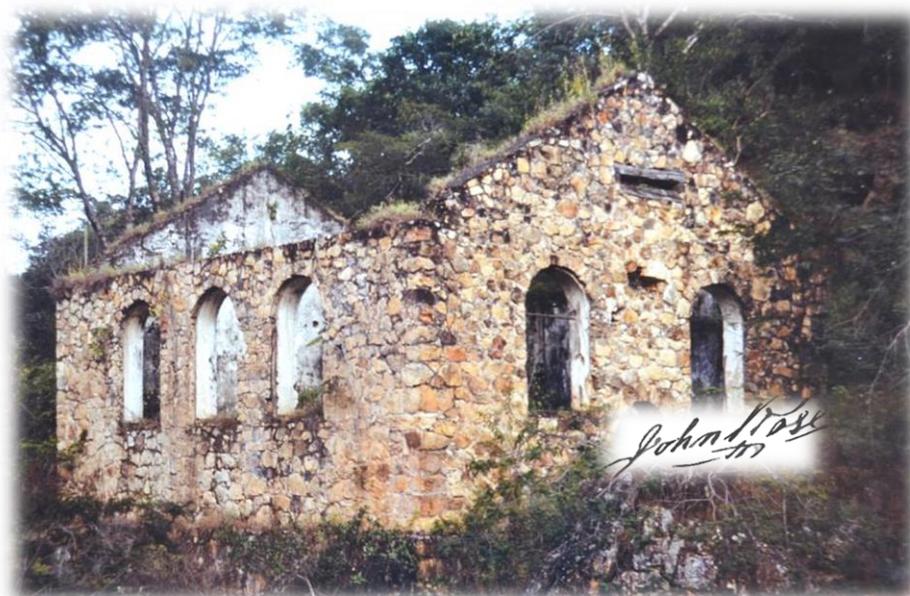
A fazenda "Bom Jardim", que pertence agora à minha Família, ouvi dizerem que era desse "Dr. JAMES", ou melhor, JOÃO ROSE, há muitos anos. Lá ainda existem vestígios de sua passagem por ela, como o maquinário de beneficiamento de arroz: Maquinário Inglês.

Tanto a Fábrica, como a máquina de beneficiar arroz, foram movidas à água, como as Fábricas de Biribiri e São Roberto, por isso achamos que foi ele também que a montou".

Tinha eu, CONCEIÇÃO, mais ou menos 13 anos e ouvi, quando passeava com meus pais e irmãos, na "Mineração de Serrinha", próximo da Mineração da "Boa Vista", no Ribeirão do Inferno, pertencente ao Sr. Mac-Carty (irmão do celebre General Mac-Carty, da 2ª Guerra Mundial) e sua esposa, a Inglesa Angelina, (professora de inglês de meu Pai) dialogarem apontando para aquela direção lamentando: (...) "como JOÃO ROSE foi ingênuo em acreditar em pessoas que agiam de má fé... coitado! Perdeu tanto!" ...

Somente depois de conhecer sua família é que entendi que aquele diálogo se tratava da Usina Hidroelétrica da Boa Vista, aquela cuja maquinaria fora comprada com o aval de JOHN ROSE que a montou, mas foi roubado pelo Armand de Bovet.

JOHN ROSE foi processado pela Inglaterra uma vez que ocorreu a inadimplência no pagamento das máquinas. O Processo desapareceu do "Forum" de Diamantina...



Ruínas da Usina Hidroelétrica de "Boa Vista"
(Acervo Estrada Real - FEVALE/FAFIDIA - Foto Rafael Leão)

Por gentileza do Sr. Eder de Paula, temos em nossas mãos a fotografia, tirada conosco, da lâmpada de 1000 w que pertenceu à "Mineração de Boa Vista", quando o Sr. José de Paula Souza (seu pai), o mecânico da Mineração, que fazia a manutenção e trabalhava como eletricista da Usina, a qual também chamavam de "Junta - Junta", da "Cachoeira das Andorinhas", no Ribeirão do Inferno.

"Esta lâmpada trabalhava num holofote que tinha lá, onde o maquinário funcionava à noite, para clarear a parte onde o esguicho jogava a água nos barrancos".

Esta lâmpada ainda funciona normalmente e se encontra em poder de seu filho. Existe outra semelhante na Igreja de N. Senhora do Bonfim, de Diamantina, Igreja que foi reformada por John Rose em 1885.

O Sr. Eder de Paula, que também é mecânico, nos disse ser a Usina geradora de eletricidade do Biribiri semelhante à de "Boa Vista", com o mesmo sistema antigo e maquinário inglês. Afirmou esta e muitas outras coisas porque seus pais residiram lá na Boa Vista muitos anos e só mais tarde é que vieram para Diamantina.

O mesmo foi confirmado, em entrevista, pelo Sr. Antônio Dumont (In memoriam), que trabalhou muitos anos, na mineração de Santa Maria, próxima à "Boa Vista".



Richard Burton, no seu Livro, anteriormente citado, "Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico", na página 114, que pertence ao Capítulo IX, "A Mina de Diamante de São João" (São João da Chapada), continua contando que (...)
"Dirigimo-nos então para a extremidade nordeste, e encontramos sinais de Mr. ROSE e Mr. Piddington. Tinham sido montados trilhos, com 1.300 metros de extensão e uma torrezinha caiada de branco indicava a casa de máquinas. Onde uma bomba elevatória de 03 HP, permitia que a mina trabalhasse o ano inteiro. O

aparelhamento de lavagem, colocado dentro do vizinho telheiro, consistia de um 'batedor' ou poço de faces revestidas de pedra, com 6,5 metros de comprimento por 3 de largura e pouco menos de altura; a argila, nele lançada pelo 'trolleys', era amassada pela primeira vez. Em seguida um rego de água corrente lava a através de uma sucessão de bolinetes ou bulinetes, calhas em forma de caixões, semelhantes às canoas, mas muito maiores. São revestidos de alvenaria, e cada um deles tem, em sua parte mais baixa, onde se encontra o escoadouro, uma ripa ou grande pedaço de madeira, para impedir que as substâncias mais pesadas sejam levadas pela água. Havia muito pouca gente trabalhando. Antes, a Mina do "Angu Duro" empregava mais de cem negros, número agora reduzido para a metade e que parece muito pequeno, no meio de uma área tão grande."



(Foto Mercado Velho de Diamantina: Alex Sander Dias Machado
Detalhe -Foto Mercado Honduras: Cycloramic_Birds-
Eye_Views_of_Belize,_British_Honduras_WDL268)

Em conversa com o Sr. Gilson Batista, na época Almojarife do Centro de Geologia Eschwege Diamantina, atual Presidente da Câmara Municipal de

Diamantina, ele me contou o seguinte: "Eu me recordo bastante de uma moldura que havia na parte superior da escada desta Casa da Glória, logo na entrada do prédio, ela era bem parecida com a do FÓRUM DE DIAMANTINA. Parece que, a mesma pessoa que fez a moldura entalhada do Fórum fez também a daqui do prédio da CASA DA GLÓRIA. (...) São idênticas, inclusive onde funcionava a Biblioteca, também havia a mesma coisa, no estilo do Fórum. (...) e do MERCADO do mesmo jeito eu falo, o artista que fez, com certeza é o mesmo do Fórum, do Passadiço do Colégio velho e de outras construções. as molduras da CASA DA GLÓRIA foram retiradas para recuperação de outras partes, pelo engenheiro da Universidade. Aí foram trocadas por outras madeiras, porém não foram repostas. Agora, muitas delas sumiram e não se sabe para onde foram..."

Não temos provas escritas, mas a reforma feita no prédio do Fórum, para adaptação da Residência de D. João, está registrada em 1863. E se a "*Reforma do Palácio*", como nos disse Richard Burton, foi feita por JOHN ROSE, como também da "*Casa da Glória*", por que não ser ele o Arquiteto da Reforma do Fórum? Observe-se o estilo e data.

Celina Borges Lemos, Arquiteta da UFMG fez uma observação:

- "*Veja, Conceição, aí está outra obra com o dedo do Inglês...*"

Sabemos também de muitas outras reformas de Igrejas e residências feitas na mesma época, *DO MERCADO VELHO* (1883) e, por exemplo, no jardim da Santa Casa (1866), os arcos eram idênticos aos do Mercado e de madeira; porém, como sempre, as provas estão ocultas... Basta ver o estilo... Seguindo os mesmos parâmetros de estilo arquitetônico, e segundo orientações dos Arquitetos Celina Borges Lemos e Paulo Pontes, o prédio do nº53, Praça Alexandre Eulálio, Centro, Diamantina, de construção datada de 1857, atualmente onde funciona a Casa de Cultura - Secretaria Municipal de Cultura reúne características estreitamente semelhantes com as demais obras de JOHN ROSE. Possuímos a Escritura da compra da residência de JOHN ROSE em Diamantina, datada de 1857.



Fórum de Diamantina

(Foto Alex Sander Dias Machado)

"MARQUITO" (*in memoriam*), professor de História da E. E. "Professor Leopoldo Miranda", de Diamantina MG, me disse: "D. Conceição, há tempos, lendo um Jornal, creio ser 'O Estado de Minas', vi uma reportagem sobre JOHN ROSE, (JOÃO ROSA) o Músico Inglês, que se adaptou em Diamantina, cujas Músicas estão sendo aproveitadas para Eventos Culturais de Emissora de TV". O mesmo nos falou Dr. Lomelino Ramos Couto, ex-Prefeito de Diamantina, (*in memoriam*).

Muitas outras pessoas disseram ter visto pela TV GLOBO, músicas de JOHN ROSE, apresentadas nos "Concertos Para A Juventude" e pela Orquestra Sinfônica Brasileira, regidos pelo Maestro Isaac Karabtchevsky.

Ficamos sabendo que suas Músicas estavam sendo tocadas pelas ORQUESTRAS SINFÔNICAS DE BERLIM, MUNIQUE E MOSCOU. Quem as levou para estes países?...

Soubemos também que REPÓRTERES DA TV GLOBO estiveram em Diamantina, à procura de familiares do Inglês, mas não encontraram as pessoas certas...

Estes acontecimentos se deram entre os anos 1983 a 1986, aproximadamente.

Outro fato digno de nota, a nós relatado, em entrevista, antes de falecer, o Sr. Major Josué Batista Teixeira, neto de JOHN ROSE, (por parte de sua mãe, Maria Rose) sobre "A ORIGEM DO NOME DO FAMOSO 'BECO DO MOTTA'", motivo de inúmeras pesquisas até então não concluídas.

"Seu avô paterno, JOÃO BATISTA DA MOTTA E CORTE REAL, português e pai de João Batista Teixeira, esposo de MARIA ROSE, possuía várias casas de comércio naquele local. Quando as pessoas queriam comprar lá, diziam: - 'VAMOS AO BECO DO MOTTA?' Daí o referido nome."

O bisneto, José Irene Teixeira (*in memoriam*), possuía o seu retrato, extraído do Passaporte, na Embaixada Portuguesa, pedida em 15/06/67, para seu pai Vicente Batista Teixeira, que a nós foi doado.



Joao Batista da Motta e Corte Real - Tenente Coronel da Guarda Nacional Portuguesa

Segundo Crônicas Fidedignas, existe a possibilidade de que a Manoella Rodrigues da Paixão tenha tido uma tez não tão escura e tenha sido bastante esbelta; motivo pelo qual JOHN ROSE se enamorou dela. Como JOHN ROSE, naqueles períodos, possuía muitos recursos, inclusive financeiros, muita gente o tinha em Respeito (alguns com Respeito genuíno, mas outros com um 'falso

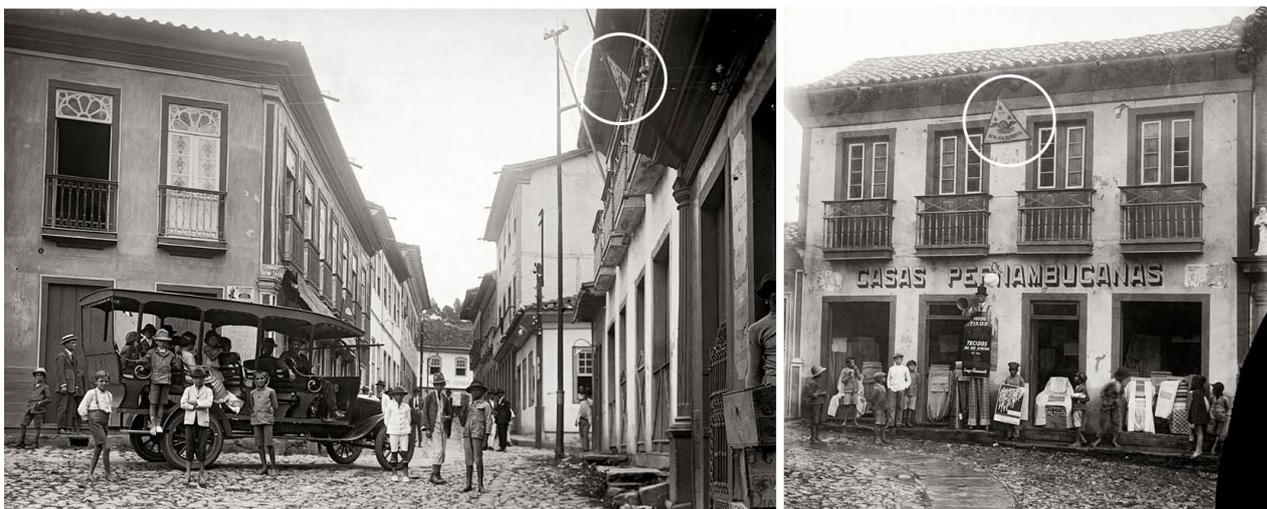
Respeito! FORA AS PERSEGUIÇÕES INFUNDADAS! ELE, na época, se tornou um parâmetro de Competência e Qualidade naquilo que realizava.

Existe a possibilidade também, de JOHN ROSE ter tido ligações com D. Pedro II e pessoas Dignas e Ilustres da época!

Depois do falecimento de JOHN ROSE, pessoas outras, tentaram retirar o seu nome da História da Região.

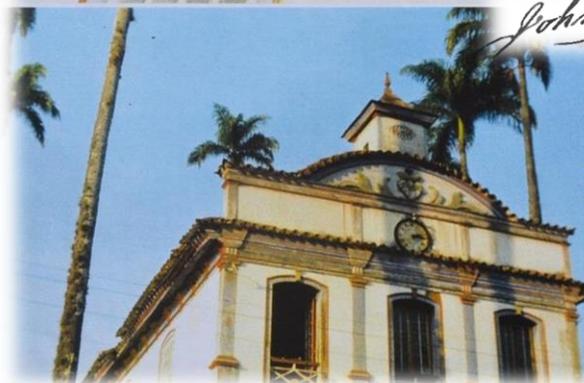
Para concluir, uma outra possibilidade de que: JOHN ROSE tinha uma atuação “discreta” Justa e Digna na “ORDEM MAÇÔNICA” (que era muito mal compreendida na época); ajudando nos Ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade...!

Então, fica este Texto como uma possibilidade...!



Prédio da Maçonaria “Atalaia do Norte”, construído por John Rose em 1873. O símbolo da Maçonaria em destaque. Fotos: Chichico Alkimim - <http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=diamantina>

Obras de John Rose em Diamantina



Capela do Sagrado Coração de Jesus, de Biribiri

(Foto superior: Alex Sander Dias Machado. Detalhes – Fotos ZELEO)



Prédio da "Santa Casa de Caridade"
(Foto Alex Sander Dias Machado)



Prédio Casa do "Barão de Paraúna" depois reformada e transformada no Hospital "Nossa Senhora da Saúde"
(Fotos: Esquerda - Acervo Digital Hospital NSS. Direita - Alex Sander Dias Machado)

"O que a memória ama fica eterno"
Rubem Alves

***"Surgirão homens
realmente novos,
construtores de uma
humanidade nova."***

(Gaudium et Spes, 30)

(DOCUMENTO CONCILIAR DO CONCÍLIO VATICANO II: "Sobre a Igreja no Mundo")

A MORTE DE JOHN ROSE

Nota do Editor

John Rose era tão importante em sua época que sua morte foi notícia em toda Minas Gerais.

Suas posses foram para quem? Havia uma dívida em seu nome com a Inglaterra por ocasião da construção da Usina do Ribeirão do Inferno? Foi sua morte e a dívida motivo para seu “esquecimento” pela *High Society* diamantinense da época?

Mistérios que não apagam seu pioneirismo e relevância na modernização da arte e do pensamento deste Patrimônio Histórico da Humanidade no século 19!



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - Biblioteca Nacional Digital - [http://memoria.bn.br/Diário de Minas \(MG\) – Ano 1888\Edição 37; acessado em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=373460&PagFis=89&Pesq=segunda%206%20de%20agosto%20de%201888](http://memoria.bn.br/Diário de Minas (MG) – Ano 1888\Edição 37; acessado em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=373460&PagFis=89&Pesq=segunda%206%20de%20agosto%20de%201888)

RUA JOHN ROSE: RECONHECIMENTO DA EXISTÊNCIA

Nota do Editor

Durante muitos anos de sua vida Maria da Conceição Duarte Tibães lutou para conseguir o reconhecimento “ao menos da existência” de *John Rose* por parte da sociedade atual de Diamantina. Então, em 2008, acompanhada de seu *grande e fiel escudeiro* e filho Pedro Arthur Duarte Tibães, realizou a apresentação “Notas Prévias sobre John Rose” com “retroprojeter”, munidos de imagens e fatos históricos, numa Tribuna Livre da Câmara Municipal de Diamantina. Conseguiram, mesmo a contragosto do prefeito da época, convencer os Srs. Vereadores municipais Dr. Miguel Pontes e Geraldo Domingos (atualmente juiz de Paz da cidade) a apresentarem e aprovarem o projeto de Lei 3.421 que originou o reconhecimento e consentimento da adoção do nome de *John Rose* para uma rua, esquina com a Av. Padre Caio no bairro Vila Arraiolos.

Esta vitória foi de extrema importância para o árduo trabalho de 40 anos de pesquisa realizada pelas famílias Falcci, Rose e Duarte Tibães além de colaboradores, que foram obrigados a ouvir por parte da sociedade e historiadores da cidade que haviam “inventado uma figura imaginária”, que *John Rose* nunca existira.

A Rua John Rose, então, abriu caminhos muito maiores que suas esquinas. Agora ao final desta leitura é andar por Diamantina e olhar os detalhes desta vida/obra de um jovem que distribuiu sua essência por esta cidade de pedras e corações.



Placa da Rua John Rose, esquina com Av. Padre Caio, Vila Arraiolos. Diamantina-MG.

Foto: Alex Sander Dias Machado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Lúcia Machado de. ***Passeio a Diamantina***. São Paulo, Livraria Martins, 1960.
- ALVES, Rubem. ***Variações sobre a Vida e a Morte***. São Paulo, Edições Paulinas, 1982.
- ARAÚJO, Alberto Vieira de (Pe.). ***Curvelo do Padre Corvelo, Notas Históricas***. Belo horizonte, Imprensa Oficial, 1970.
- ASSIS, Anatólio Alves de. ***Histórias do Terceiro Batalhão***. Belo Horizonte, 1972.
_____. ***Milagre em Diamantina***. Belo Horizonte, 1973.
- BARBOSA, Francisco de Assis. ***Juscelino Kubitschek, uma Revisão na Política Brasileira - Da chegada de João Alemão à Revolução de 1932***. Rio de Janeiro, José Olímpico, 1960, Vol. I.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. ***Barão de Eschwege***. Belo Horizonte, 1977.
- BARRETO, Abílio. ***A Noiva do Tropeiro, Romance de Costumes Mineiros***. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Difusão Cultural 1942.
- BARSA, Enciclopédia. ***Energia Elétrica no Brasil***. volume 4, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. Rio de Janeiro/São Paulo, 1983.
- BIBLEX, Biblioteca do Exército. Editora Publicação 474. ***A Energia Elétrica no Brasil (da primeira Lâmpada à Eletrobrás)***. Rio de Janeiro, Coleção General Benício, 1977.
- BOSI, Ecléia. ***Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos***. 4ª Edição, São Paulo, Companhia de Letras, 1995.
- BURTON, Sir Francis Richard. ***Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho***. São Paulo, Itatiaia, USP, 1977.
_____. Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico. ***São Paulo, Itatiaia, USP, 1977***.
_____. ***Viagens aos planaltos do Brasil; tomo II: Minas e os mineiros***. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.
- COSTA, José Pedro (Dom). ***"Vanguardeiros": Homenagem a D. Joaquim Silvério de Souza no 60º aniversário de sua morte 1933***. Diamantina, Gráfica EPIL, 1993.
- COUTO, Soter. ***Vultos e Fatos de Diamantina***. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1954.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. ***Dicionário da Língua Portuguesa***. Editora Nova Fronteira. 1ª ed. Rio de Janeiro, 1985.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação: Diálogos**. Volumes I e II, Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1984.

IPHAN, **Minas Gerais Monumentos Históricos Artísticos**. V Circuito do Diamante. S.d.

JORNAL "O JEQUITINHONHA" - Folheto da **Conta Corrente** do ano de 1871, p.11.

LEMOS, Celina Borges. **O significado da arquitetura colonial em Diamantina**. (Elaboração de inventário e dossiê do Patrimônio Cultural do Município). Projeto Diamantina Patrimônio Mundial - Fundação CEBRAC, 1999.

LEMOS, Celina Borges. **Diamantina e sua arquitetura nos contextos da formação do arraial e consolidação da vida: registros e manifestos da modernidade na paisagem cultural entre os séculos XVIII e XIX**. In: Anais XIII Seminário sobre Economia mineira 2006. Diamantina: CEDEPLAR/FACE, p. 72-93, 2006.

LEMOS, Marcos de. **O Grande Tecelão**. Belo Horizonte. Editora Gráfica "O Lutador", 1999.

LIBBY, Douglas Cole. **Trabalho Escravo e Capital Estrangeiro, o Caso de Morro Velho**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1988.

_____. **Transformação e Trabalho em uma Economia Escravista. Minas Gerais no Século XIX**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

LIMA, Heber Salvador de (Pe). **Beleza é Fundamental**. São Paulo, Edições Loyola, 1982.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. **Arraial do Tejuco Cidade de Diamantina**. 2ª edição, São Paulo, Martins, 1957

_____. **O Negro e o Garimpo em Minas Gerais**. 2ª edição Rio de Janeiro, José Olímpio, 1975.

MINERAÇÃO MORRO VELHO. **Morro Velho, História, fatos e feitos**. Nova Lima, 1996.

MIRANDA, Mariana Higina de Figueiredo. **O Burel**. Diamantina, 1954.

MONTE, Nivaldo (Dom). **Formação do Caráter**. Petrópolis, Vozes, 1944.

MORLEY, Helena. **Minha Vida de Menina - Cadernos de uma Menina Provinciana nos Fins do Século XIX**. 1ª edição - Rio de Janeiro, José Olímpico, 1942.

MOURA, Antônio de Paiva. **Panorama Literário de Diamantina (Séculos XIX e XX)**. Belo Horizonte, Editora O Escriba, 1994.

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. **Guia do Turista em Diamantina**. Imprensa Oficial, 1923.

_____. **Sementeira de Valores o Seminário de Diamantina de 1867 a 1930**. Belo Horizonte, Tipografia Marília Editora, 1971.

NEVES, José Teixeira. Arquivo - Caixa 02 Caderno 10 P. 17 Biblioteca "Antônio Torres" Diamantina MG.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Rio de Janeiro, n.14, p.121-34, 1953.

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. **O Artesão da Memória no Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte, Editora UFMG - PUC Minas, 1996.

PINHEIRO, Thomaz Bordalho. **Manual do Fabricante de Tecidos**. Biblioteca de Instrução Profissional, Livrarias Ailladd e Bertrand, Lisboa, 1925.

POINSENET, Marie Dominique. **Sinal Verde... Um Século depois**. Ed. Paulinas, São Paulo 1989.

REPORT ANNUAL - of the Diretores of the St. John D'El Rey Mining Company. Do Centro de Memória, Nova Lima, 1836-1860.

ROCHA, Severiano Campos (Cônego). **Memórias do Colégio e Orfanato de N. Senhora das Dores e Hospital de N. Senhora da Saúde de Diamantina**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1919.

REIS, Rodrigo de Souza.. **Inventário**. Inventariante: Manoel Cesar Pereira da Silva. Cartório 2º Ofício – Maços 226 e 227. 1872. Biblioteca Antônio Torres – Diamantina MG.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino**. 5ª edição Petrópolis, Vozes,1978.

SANTOS, Luiz Gonzaga. **Memórias de um Carpinteiro**. Belo Horizonte, Bernardo Alvares, p.83-84, 1963.

SOUZA, Joaquim Silvério de (Dom). **Traços Biográficos do Dr. Joaquim Felício dos Santos**. Tipografia "A Estrela Polar", 1911.

SOUZA, José Moreira de. **Cidade: Momentos e Processos. Serro e Diamantina na Formação do Norte Mineiro no século XIX**. São Paulo, ANPOCS, Marca zero, 1993.

TAMM, Paulo. **A Família Mascarenhas e a Indústria Têxtil em Minas**. Belo Horizonte, Veloso e Cia, s.d.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **História de Minas Gerais**. Belo Horizonte - Brasília INL 1980.

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. REF.:BRA/CLT/AP/2000/AP1191. Brasília, 14 de abril de 2000.

VASCONCELLOS, Sylvio. Formação urbana do Arraial do Tejuco.

Arquivos não referenciados

Pesquisa em Arquivos:

Cidade:

Arquivo das Famílias Rose/ Falci/ Tibães	Belo Horizonte
Arquivo do Consulado Britânico	Belo Horizonte
Arquivo do Jornal "Estado de Minas"	Belo Horizonte
Arquivo dos Cartórios de Registros Civil	Belo Horizonte
Arquivo Público Mineiro	Belo Horizonte
Arquivo da Biblioteca "Antônio Torres"	Diamantina
Arquivo da Casa da Cultura	Diamantina
Arquivo da Casa de Dr. Sílvio Felício	Diamantina
Arquivo da Fábrica do Biribiry	Diamantina
Arquivo das Famílias Rose/ Falci/ Duarte / Horta /Tibães	Diamantina
Arquivo da Loja Maçônica "Atalaia do Norte"	Diamantina
Arquivo da Loja Maçônica "Estrela do Norte"	Diamantina
Arquivo da Mitra Arquidiocesana	Diamantina
Arquivo da Santa Casa e Hospital da Saúde	Diamantina
Arquivo da "União Operária de Diamantina"	Diamantina
Arquivo do Jornal "A Estrela Polar"	Diamantina
Arquivo do Jornal "A Voz de Diamantina"	Diamantina
Arquivo do Museu do Diamante	Diamantina
Arquivo do Seminário Arquidiocesano	Diamantina
Arquivo dos Cartórios de Registros Civis	Diamantina
Arquivos de Registro de Imóveis	Diamantina
Arquivo da Fábrica de São Roberto	Gouveia
Arquivo da Paróquia de Gouveia	Gouveia
Arquivo da Mina de Morro Velho	Nova Lima
Arquivo da Biblioteca Nacional	Rio de Janeiro
Arquivo do Arquivo Nacional	Rio de Janeiro
Arquivo do Colégio "Divina Providência"	Rio de Janeiro
Arquivo do Colégio "São Vicente"	Rio de Janeiro
Arquivo do Consulado Britânico	Rio de Janeiro
Arquivo da Orquestra Sinfônica	Rio de Janeiro
Arquivo da UFRJ	Rio de Janeiro
Arquivo da Eletrobrás	Rio de Janeiro
Arquivo do IPHAN	Rio de Janeiro
Eletrobrás	Rio de Janeiro
Ministério das Relações Exteriores	Brasília
Ministério das Minas e Energia	Brasília
Arquivo do Museu do Imigrante	São Paulo
Arquivo das Famílias Rose/Falci/Tibães	Senador Mourão

Bibliotecas diamantinas:

"Antônio Torres" Diamantina – subordinada à Biblioteca Nacional desde 1954

"Colégio Diamantinense" (Pitágoras) Diamantina

"Dona Benzinha" Diamantina

Escola Estadual "Leopoldo Miranda" Diamantina

Escola Estadual "Matta Machado"

Faculdade de Filosofia (FAFIDIA) Diamantina

IBGE Diamantina

Seminário Arquidiocesano Diamantina

BIOGRAFIA DA AUTORA



Maria da Conceição Duarte Tibães

*"A vida só é digna de ser vivida,
quando se tem um ideal a colimar".
(D. Nivaldo Monte)*

Mineira de Diamantina nasceu em 01 de dezembro de 1932. Ainda criança de colo, passou a viver em BIRIBIRI, pertencente a seus avós, Algemiro Pompuloni Duarte ('Seu Melo') (*in memoriam*) e "Antonina Duarte" (*in memoriam*) e a seus pais Pedro Duarte (*in memoriam*) e Maria Luiza Horta Duarte (*in memoriam*), ex-proprietários da FÁBRICA DE TECIDOS DE BIRIBIRI.

Iniciou os primeiros estudos aos cinco anos na Escola Rural da Vila do Biribiri, vindo em seguida para a Escola com a "Professora Belita Tameirão" e, posteriormente, para o Grupo Escolar "Matta Machado". De 1944 a 1947, terminou o 1º grau no Colégio Diamantinense, seguindo para Juiz de Fora, onde, no Colégio "Stella Matutina", dirigido pelas Irmãs Servas do Espírito Santo, frequentou, por três anos, o Curso de Formação de Professoras (1948 a 1950).

Na mesma época, de 19 de setembro a 30 de novembro de 1950,

visitou países da Europa: Itália, França e Portugal, Ilha da Madeira, em viagem Religiosa-Cultural, juntamente com sua irmã Maristela, o Bispo Auxiliar de Diamantina D. João de Souza Lima e várias pessoas de Diamantina, por ocasião do Ano Santo da Igreja Católica.

Em 1951, diplomou-se no Magistério, pelo Colégio "Nossa Senhora das Dores", de Diamantina, na "Casa da Glória", com as religiosas Vicentinas, tendo como padrinho da turma o *Sr. Governador de Minas Gerais Dr. Juscelino Kubitschek*, sendo no ano seguinte, 1952, nomeada, através de Concurso, Professora da E. E. "Maria Augusta Caldeira Brant", de Diamantina, também pelo *Sr. Gov. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira*, onde lecionou durante 30 anos.

No dia 08 de setembro de 1956 casou-se com o *Sr. Geraldo Magela Tibães (in memoriam)*, funcionário federal - IBGE - filho de *Arthur de Paula Tibães e Maria Cristina Falci Rose Tibães*, neta de *John Rose*.

Na data de 1º de fevereiro de 1962, passou a trabalhar, também, na E. E. "Prof. Leopoldo Miranda", exercendo várias funções no serviço Administrativo e Magistério, lecionando Educação Moral e Cívica, aposentando-se no Ensino Religioso, após 34 anos de trabalho na referida Escola.

Entrou para a Sociedade Beneficente "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro" em 06 de junho de 1971, onde continua atuando nas diversas funções de Diretoria como Oradora, Conselho Fiscal, Liturgia, etc.

No ano de 1975, diplomou-se em Pedagogia, Matérias Pedagógicas do 2º grau e Administração Escolar, pela Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA).

Em 1977 idealizou e coordenou uma Orquestra Comunitária formada por alunos e ex-alunos instrumentistas da E. E. "Professor Leopoldo Miranda" para a Celebração Eucarística de Ação de Graças pelos vinte e cinco anos de Reabertura da mesma, sob a regência do seminarista, hoje D. José Aristeu Vieira (Bispo da Diocese de Luz).

Idealizou e Coordenou no ano de 1984, "Projeto de Pesquisa sobre Personalidades Diamantinenses" cujos nomes foram escolhidos para nomearem ruas de Diamantina e sua atuação na comunidade.

No mesmo ano, juntamente com seu esposo, Geraldo Magela Tibães (*in memoriam*), a convite do vigário da Paróquia do Bom Jesus – Padre Paulo Generoso, participou da Comissão de Restauração da Igreja de Nossa Senhora da Luz, que estava em ruínas, como secretários.

Idealizou, criou e coordenou vários projetos para áreas religiosa e cultural da comunidade, Cursos de Admissão às Escolas e por isso foi convidada pelos "14º e 16º Festivais de Inverno", em Diamantina, (1981/1983) para "Relato de Experiência" com o tema "Arte e Educação Cristã", participando também dos Seminários de "PATRIMÔNIO CULTURAL DE DIAMANTINA, SUA PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO" e "ARTE BRASILEIRA".

Sempre participou dos vários Cursos e Encontros oferecidos aos professores, como de Professores "Auxiliares de Bibliotecas", "Gerência e Supervisão: Visão de Conjunto", "Agentes de Pastoral Catequética", "Formação de Voluntários", "Fundamentos Filosóficos de Educação", "Fundamentos Psicológicos da Educação", etc. Inclusive cursou Teclado no Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita, no ano de 1995.

Dia 17 de outubro de 1997, participou como Palestrante da 1ª Semana Cultural do DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA realizada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Faculdade de Filosofia e Letras, Campus de Diamantina (FAFIDIA), com as: "NOTAS PRÉVIAS DE PESQUISA: 'JOHN ROSE - UM INGLÊS EM DIAMANTINA'".

Na CÂMARA MUNICIPAL DE DIAMANTINA, em 31 de agosto de 1998, ocupou a "TRIBUNA LIVRE", apresentando aos Srs. Vereadores, aos alunos de 2º Grau da E. E. "Prof. Leopoldo Miranda", aos familiares de JOHN ROSE e às pessoas da Comunidade, desconhecido pelas gerações de nosso tempo, um resumo da vida desse Inglês, grande benfeitor da humanidade e de seu desejo de editar e lançar um livro de resgate desta memória.

Fez parte, como membro fundadora da Pastoral da Saúde e Esperança da "Santa Casa de Caridade" de Diamantina MG. Também da criação da AVASC (Associação das Voluntárias Amigas da 'Santa Casa'). Pertencendo desse sua adolescência da "Irmandade da Santa Casa" e da Irmandade do Hospital de "N. Sra. da Saúde".

Com a ajuda de seu esposo e filhos pode realizar a formatação e lançando a 1ª edição do livro: "*O Artífice John Rose - um Inglês em Diamantina*" em 2001.

Até recentemente, 14/06/2018, foi membro do "Comitê de Ética em Pesquisa", da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) desde 2012.

Membro do atual 'Conselho Municipal de Saúde e Diamantina' MG desde 2012.

Membro do “Projeto Estratégia Vida em sua Vida, Saúde Feliz”, que dá assistência a pessoas carentes com casos Graves, Gravíssimos e até Terminais, como também Escritora, Pesquisadora, Divulgadora das Racionalidades Médicas, Ciência Quântica e oferece aos caros leitores, juntamente com o Lahma / Doutor da Ciência Médica Milenar Quântica Natural: *Nosso Blog Verdadeiro: Caminhos para Saúde Feliz*.
www.conceioduarte.blogspot.com

*"A vida nos foi dada e nós a merecemos dando-a".
(Rabindranath Tagore)*

Contato da autora:

Maria da Conceição Duarte Tibães Telefones: (0 51 38) 3531-1786 / 3531-1182
Rua da Caridade, 247 - Centro CEP - 39100-000 - Diamantina, Minas Gerais, Brasil
e-mail: mcduartetibaes@bol.com.br mcduartetibaes@gmail.com Blog: Nosso Blog Verdadeiro: caminhos para saúde feliz (Google) –
www.conceioduarte.blogspot.com/



A lâmpada original da Usina da Bela Vista, ainda hoje acesa! Atualmente aos cuidados do Sr. José Paulo Cruz.

Na foto da esquerda para a direita: Engenheiro Eletrônico Sr. Jorge Andrade, Dona Maria da Conceição Duarte Tibães, Pedro Arthur Duarte Tibães, Sr. José Paulo Cruz.

“O Antigo se harmoniza com o Moderno e o Moderno se abraça fraternalmente com o Antigo sempre! A digna verdade não deve ser falada ‘da boca para fora’ e sim expressa pelo coração. Diamantina não é só JK; não é só Chica da Silva; é também outros com suas qualidades e importâncias. Inclusive anônimos que fizeram muito por Diamantina sem querer aparecer e assim é até hoje no ‘querido’ ‘Vale dos Diamantes e Cristais’, onde os ventos da Bem-aventurança acalentam os nossos corações!”

Lahma / Doutor Ion Ran
Ciência Medicinal Quântica



Maria da Conceição Duarte Tibães aos 8 anos, em dezembro de 1940 no “Concurso de Bonecas Vivas” em Benefício do Asilo Irmã Luiza – atual EPIL. Tirou o primeiro lugar em “Caracterização”.

“- Desde pequena sempre ouvi falar em John Rose: Realmente o tempo é relativo!”

Parafraseando uma pessoa especial da “Ciência Quântica”:

“Para muitos o tempo passa, mas para alguns poucos, o tempo faz curva, quando percebemos a vida e o viver pelas forças do coração!”

“É através do que é pouco, do que ainda é pequeno, que alcançaremos o que é grandioso.

E o que é grandioso? Grandioso é vivermos a vida com honradez, da forma mais feliz possível”.

Agradeço a vocês, queridos leitores...

Até breve, no tempo do coração!!!

Este Livro foi impresso pela primeira vez pela Editora Gráfica Cristiane LTDA. Brasília DF – 2001. Esta edição foi realizada pela Gráfica da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – Proexc - 2018.



**“A verdadeira ARTE sempre
será expressada pelo
CORAÇÃO, dentro do JUSTO e
do PERFEITO!”**

(LH / Doutor Ion Ran)

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7045-029-6



9 788570 450296